

JANEIRO

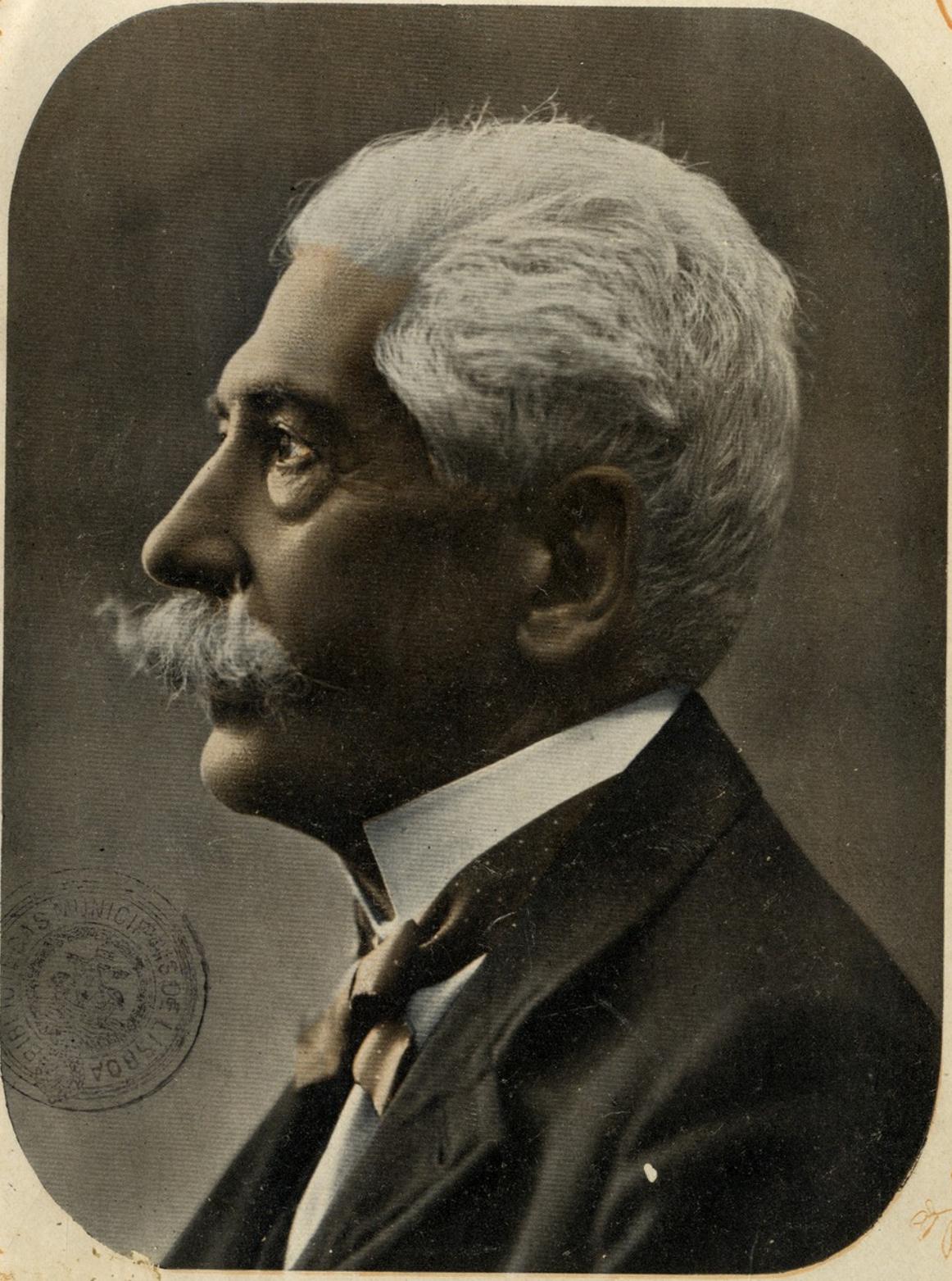
V.

1325

1325

SEROES

LIVRARIA FERREIRA, EDITORA



COMPRADO
ABR. 1940

100

H

Os Serões desejam a todos os seus assignantes, leitores e amigos, a todas as pessoas, emfim, que lhe fazem a honra do seu convívio, um anno muito feliz.

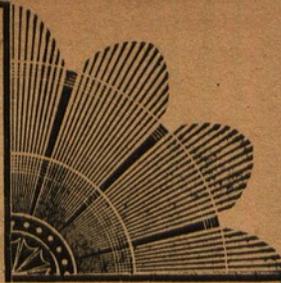
Summario

MAGAZINE

	PAG.
FRANCISCO RANGEL DE LIMA <i>(Frontispicio)</i>	2
COMO SE PREPARA UM NECTAR <i>(7 illustrações)</i> por J. REIS GOMES	3
IN PULVEREM <i>(Versos)</i> de CELESTINO MONTEIRO	12
DESPEDIDA DE COIMBRA <i>(7 illustrações)</i> por SOUSA COSTA	13
MARIA <i>(Versos)</i> de J. D'ARRUELLA	19
A VICTORIA DO HOMEM <i>(Versos)</i> de AUGUSTO CASIMIRO	20
O PAPA PIO X <i>(17 illustrações e 1 vinheta)</i> por S. B.	21
SONETO de JOSÉ FUZEIRA	28
ESMALTES ARTISTICOS <i>(11 illustrações e 1 vinheta)</i> por ARTHUR LOBO D'AVILA	29
SILVA PEQUENINA <i>(Versos)</i> de J. DE OLIVEIRA SIMÕES	36
A VIDA NA CIDADE E NOS CAMPOS <i>(6 illustrações e 1 vinheta)</i> por CARNEIRO DE MOURA	37
AMOR-DEO <i>(Versos)</i> de ALBERTO CORRÊA	44
MARK TWAIN <i>(1 illustração e 1 vinheta)</i> versão de MANUEL DE MACEDO	45
O GRANDE ACTOR VALLE <i>(8 illustrações e 1 vinheta)</i> de PORTUGAL DA SILVA	48
O DESVARIO DA ZAGALA <i>(2 illustrações)</i> por COSTA MACEDO	54
NATAL E ANNO NOVO <i>(8 illustrações e 1 vinheta)</i> por ARTHUR BELMONTE	60
ECCOS E REFLEXOS <i>(14 illustrações)</i>	67
HYBERNAL <i>(Versos)</i> de SANTOS VIEIRA	85

A MÚSICA DOS SERÕES

MINUETE CELEBRE, de L. BOCCHERINI	2 pag
---	-------



Typographie
DO
ANNUARIO
COMMERCIAL

DE PORTUGAL

Propriedade de **MANOEL JOSÉ DA SILVA**

≡ OFFICINA TYPOGRAPHICA ≡

Movida pela electricidade — Instalação apropriada

Executam-se trabalhos typographicos em todos os generos, e mui especialmente os que dizem respeito ao commercio, como facturas, memoranduns, livros de escripturação, etc., garantindo-se perfeito acabamento e modicidade de preços.

Reproducção de planos. Cartas Geographicas.
Laminas e pergaminhos antigos. Quadros a oleo e aguarella
em tamanho natural, ampliado ou reduzido

≡ ESCRIPTORIO E OFFICINAS ≡

Praça dos Restauradores, 27 (PALACIO FOZ)

≡ CALÇADA DA GLORIA, 5 ≡

Telephone 1:239



LISBOA

Expediente

Aos nossos assignantes dos “**Serões**” que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas, lembramos que começamos a fazer o envió pelo correio dos respectivos recibos de cõbrança, rogando a fineza de não demorarem a resposta, não só para nos evitarem despezas maiores com nova remessa de recibos a cobrar, como tambem para não soffrerem interrupção na remessa do nosso magazine “**Serões**”.

Accresce que os chefes das estações dos correios a quem remettemos recibos para cobrança de assignaturas, os não reteem o tempo legal, de fórma, que os assignantes residentes em logares affastados dos locaes das estações, não teem, muitas vezes, occasião de liquidar os seus recibos, o que nos prejudica pelas repetidas remessas e augmento de expediente.

A administração.



AGUA CASTELLO

Minero-gazoza, lithinada natural

— DE —

— MOURA —

Refrigera os saos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, wisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRITORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇÃO

Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.º

LISBOA

Brinde mensal a todos os leitores dos SERÕES

CORTAR COM UMA TESOURA SOBRE O PONTEADO

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de 10 por 100 em qualquer compra feita pelo portador na

LIVRARIA FERREIRA

Rua Aurea, 132

durante o mez de janeiro de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS com o desconto de 50 por 100 em qualquer lugar e dia (excepto domingos e dias santificados) no

SALÃO FOZ

(Galçada da Gloria, em frente da rua do mesmo nome)

durante o mez de janeiro de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS com o desconto de 50 por 100 em qualquer lugar nos espectáculos realizados ás terças feiras, ou dia seguinte passado aquelle seja festivo, no salão

MUSIC-HALL

PRAÇA DOS RESTAURADORES

durante o mez de janeiro de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de 10 por 100 sobre os preços estabelecidos no Consultorio Dental de

Tugmann

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 30

durante o mez de janeiro de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para aquisição de um exemplar do

ANUARIO COMMERCIAL DE PORTUGAL

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 30

com o desconto de 10 por 100 durante o mez de janeiro de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de 10 por 100 em qualquer compra feita pelo portador, em instrumentos de precisão na

CASA MIRAMON

46, Praça D. Pedro, 48

durante o mez de janeiro de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de 10 por 100 em qualquer encomenda feita pelo portador no atelier de gravura de

PIRES MARINHO & C.^A

Praça dos Restauradores, 27

durante o mez de janeiro de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para aquisição de um exemplar da

AGENDA

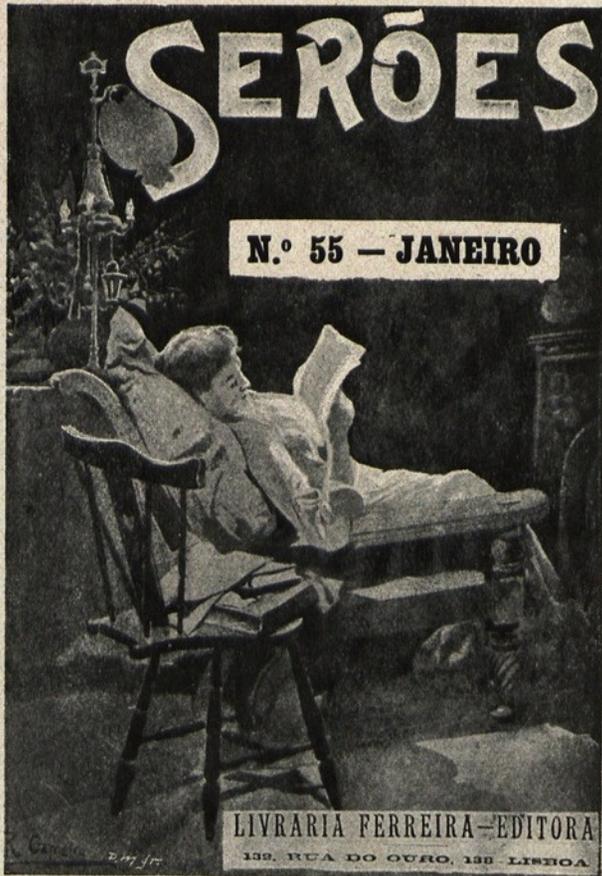
do Anuario Commercial de Portugal

Praça dos Restauradores, 30

com o desconto de 10 por 100 durante o mez de janeiro de 1910.

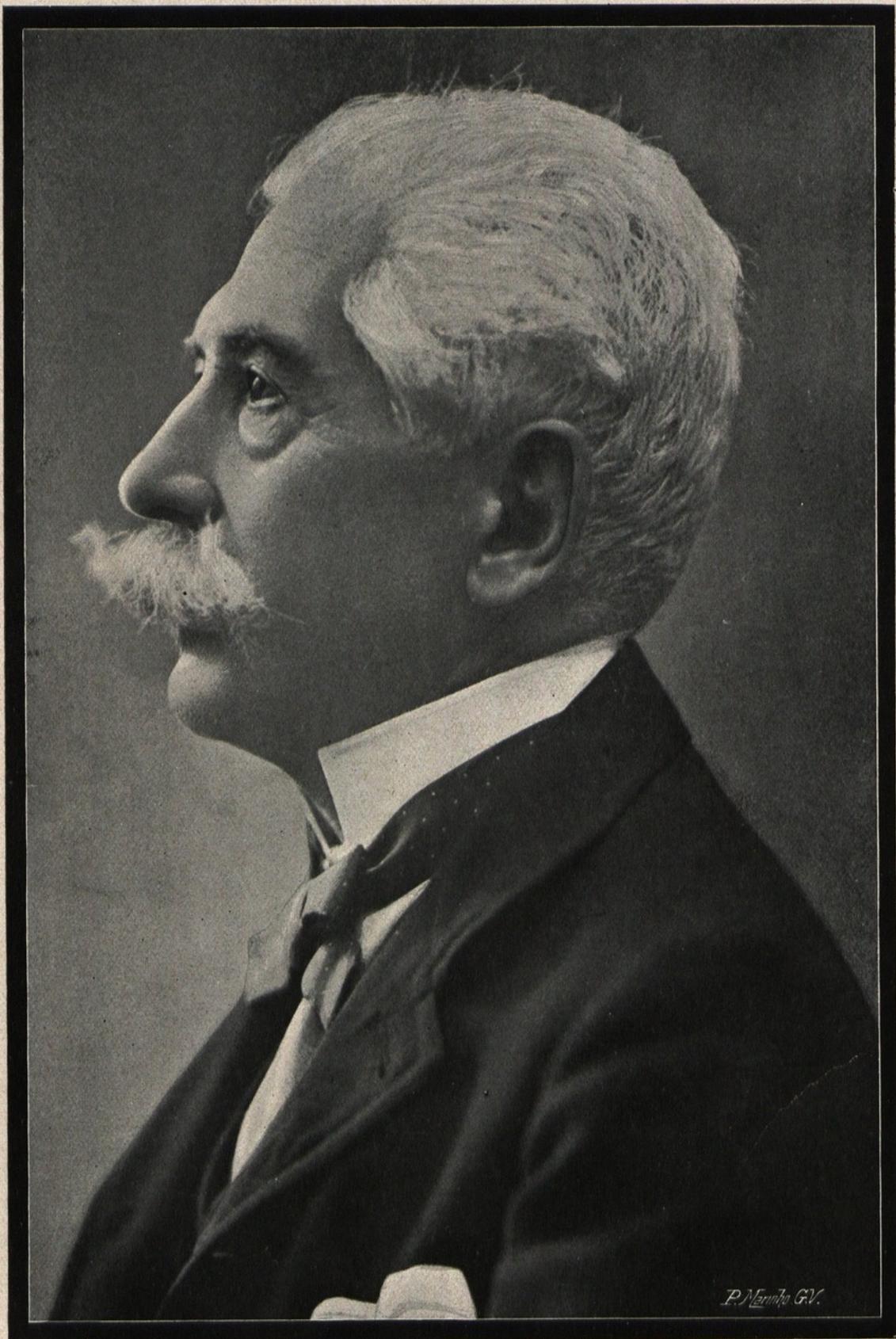
SERÕES

N.º 55 — JANEIRO



LIVRARIA FERREIRA-EDITORA

132, RUA DO OURO, 132 LISBOA



FRANCISCO RANGEL DE LIMA

Funcionario publico, dramaturgo e jornalista



NA PRENSA «MABILLE»

Como se prepara um nectar

O vinho da Madeira. — Traços historicos. — A cultura. — As vindimas. — Lagares e «re-pisa». — Trovas dos lagareiros. — Os borrachos. — A cantiga dos borracheiros. — Artimanhas d'estes. — Dentro das pipas. — No campo. — O que se deve ao carvão.

NENHUM vinho, pelas suas qualidades tonicas, pelo seu valor nutritivo, pelo seu sabor e sobretudo pelo seu aroma delicioso e raro, pôde egualar-se ao genuino e bem tratado vinho da Madeira.

Isto, embora o pareça, nem é uma these que se passe a demonstrar, nem um brado, solto, d'epicurista entusiasta. E' o lembrar d'uma verdade, que, infelizmente, para a economia madeirense, parece ter-se esquecido ultimamente.

Elle é «o leite dos velhos», dizia um antigo e experimentado medico estrangeiro,

celebrando-lhe as virtudes nutrientes e reconfortantes verificadas em longos annos de clinica. Receita-se, vulgarmente, o «Madeira» para certos estados pneumonicos, e está indicado nas debilidades e longas convalescenças.

O finado conde de Torre Bella, tão cavalheiresco homem do mundo como famoso vinicultor, alimentou-se nos ultimos annos da sua longa vida, só de bolachas e «Madeira velho»: este era, como elle dizia, o seu verdadeiro leite, e o seu unico caldo.

O sabor do «boal» antigo, cheio de corpo, que appetece mastigar para bem dividir-o e subdividir-o em particulas gustati-

vas, carece de termo excellente para sua comparação; e o aroma do «Malvazia» ou «Sercial», que o amator inglez deita ás gottas no lenço, ou esfrega demoradamente entre as mãos, vae além das requintadas essencias com que os perfumistas acariciam as pituitarias elegantes: lisongeia voluptuosamente o olfato, estimulando em acção reflexa as papillas ávidas da lingua.

Mas, agora reparo, que não é tambem uma panacéa ou elixir que venho pomposamente annunciando.

Vamos a umas linhas de historia, afim de derivar-se o rumo ás considerações que pareciam dever terminar com os attestados de cura pela garrafeira de Roque Caetano d'Araujo, gottas de «Boal» concentrado do dr. Barboza, ou pelas respeitaveis «cabeleiras» da sr.^a D. Maria Paula Rego.

Os primeiros vidonhos plantados em terra madeirense, foram enviados pelo infante D. Henrique, dizem uns, em seguida á descoberta, ou trazidos á ilha pelos mercadores italianos, como dizem outros, e bem boas razões persuadem. Seja como fôr, a tradição indica no «Malvazia» o primeira vinho d'esta região que gosou um renome universal.

Outro haveria antes, talvez na costa norte, mas pouco e inferior, incapaz d'alentar a Fama a soprar por elle na sua clangorosa tuba.

Aquelle vinho, como o seu nome indica, é natural de Napoli-di-Malvazia na ilha de Minoa, junto á costa oriental da Moreia. A sua adaptação ao solo madeirense melhorou-o e deu-lhe um character especial, exactamente como a transplantação de outras sub-especies, «Boal», «Sercial», «Bastardo», trazidas de Portugal, fez de seus vinhos verdadeiras e famosas especialidades.

O «Sercial» velho, no dizer dos entendidos, o mais nobre e estomacal vinho da Madeira, sêcco, mas já sem travo, fino e intensamente aromatico, é o conhecido «Esganação» do continente, assim chamado pela sua acridéz insupportavel. E' elevadissimo o grau saccharino da uva produzida n'esta ilha, permitindo, pela quantidade de glycose que se não deixa passar a alcool, obter-se varios typos de vinho, desde o dôce, abafado, até o extra-sêcco.

O periodo da opulencia vinhateira corresponde, aqui, ao ultimo quartel do seculo XVIII e primeiro do seculo XIX, ainda que as grandes exportações começaram por 1660, tempo do casamento da infanta D. Catharina com Carlos II de Inglaterra. Os privilegios concedidos aos mercadores inglezes attrahiram-n'os á ilha, e foi a sua actividade commercial, nem sempre honesta pelo que respeita á pureza do producto, que deu á exportação do «Madeira» o mais proficuo e decidido impulso.

O nosso «Malvazia», comtudo, já era bem conhecido em França nos principios do seculo XVI, na côrte de Francisco I, e, pouco mais tarde, na Belgica e outros paizes da Europa. N'este mesmo seculo era elle enviado para as Indias, voltando o que não era collocado ali, beneficiado por tal fórma que, mais tarde, o vinho da «Roda da India» constituia uma famosa preciosidade vendida a preços fabulosos. A viagem, a sua passagem lenta sob as altas temperaturas do Equador, «envelhecia-o» a tal ponto, que nenhum outro o podia exceder ou egualar.

Além das castas indicadas havia, até 1852, época em que o *oidium-tuckery* invadiu os vinhedos madeirenses, outras sub-especies, taes como: o «Listrão», o «Alicante», «Barrete de padre», «Tarrantrez» e a «Isabella», especie americana que resistiu um pouco á mangra e ainda mais, ao phylloxera, e que alguns falsamente suppõem ser casta nova adaptada ao nosso sólo depois d'esta ultima doença.

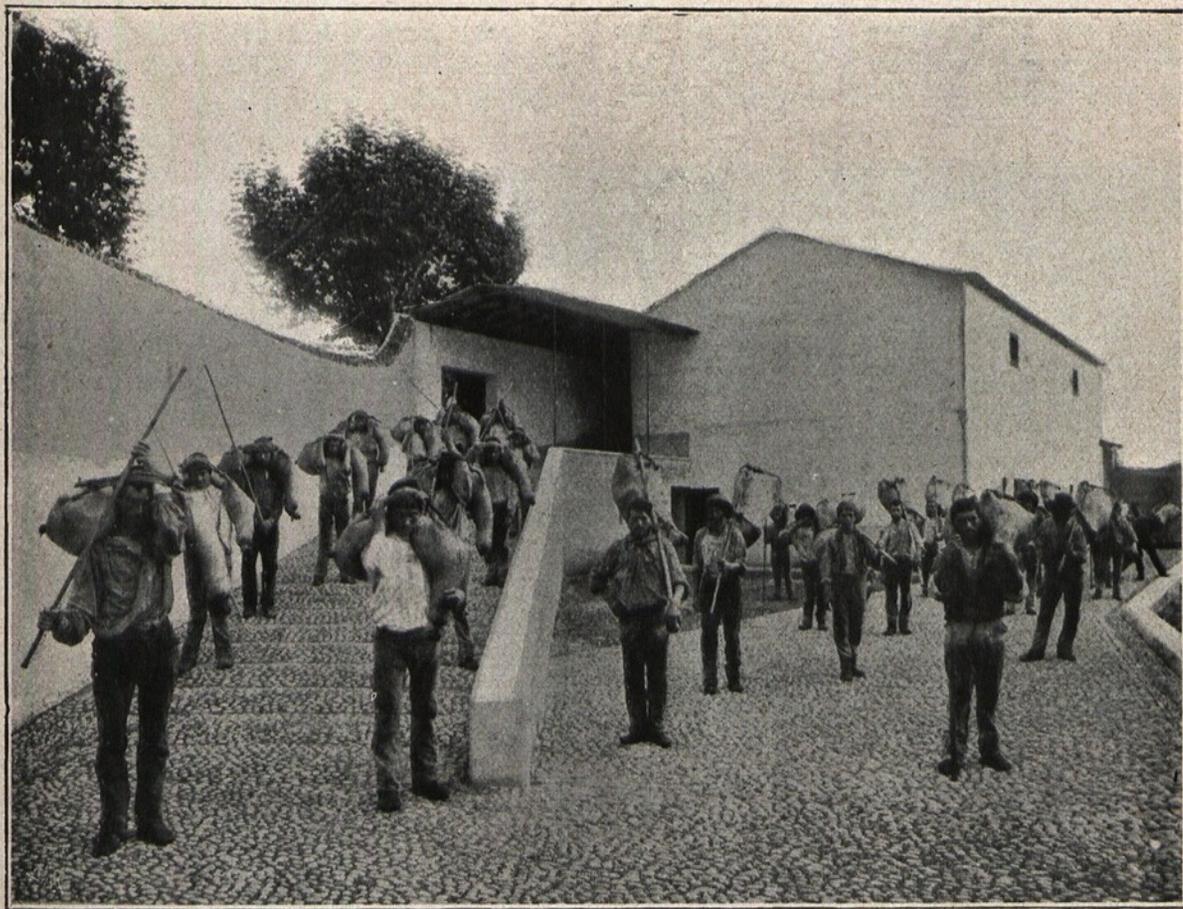
O *oidium* ou mangra deu um golpe terrivel nos vinhedos d'esta ilha, determinando uma crise que levou á emigração para o Brazil e Indias occidentaes, grande parte da população dos nossos campos.

Foi o intelligente facultativo e grande proprietario do Estreito de Camara de Lobos, dr. João Vicente da Silva, que, pela correspondencia em que se achava com o seu parente, barão d'Ornellas, residente em França, primeiro ensaiou o enxofre, já n'este paiz empregado como remedio contra o terrivel flagello. Primeiramente, era feita uma papa com enxofre e agua, juntando-se-lhe por vezes ainda cal, e n'ella se mettiam os cachos; depois, vendo que este processo seguro mas pouco pratico, era insufficiente para defender a flôr da vinha, experimen-

tou encher com o enxofre em pó um chuveiro de regador, pulverizando com elle os elementos atacados da videira, do que tirou excellentes resultados; a seguir, appareciam, intraduzidos por elle, os pulverisadores francezes já absolutamente praticos e proficuos, fazendo renascer a farta e dourada alegria das nossas parreiras.

Mas o povo ficou desconfiado de que o vinho depois do *oidium* perdera algumas

preciosa vida de seu senhor e mano. Preso e julgado por um tribunal de cavalleiros que o condemnou á morte por crime d'alta traição, foi secretamente encarcerado na Torre de Londres. A sua alta gerarchia, a irmandade do sangue, moveu a real piedade a facultar-lhe a escolha do processo de execução. O duque, para se decidir, pediu umas horas d'espera e um tonel de «Malvazia». Quando iam receber-lhe a resposta, encon-



BORRACHOS CHEIOS E VASIOS

das suas qualidades tonicas. E quando quer designar, mesmo hoje, um velho com robustez e côr, diz sempre:

— Aquelle, lá, ainda bebeu do vinho sem mangra.

Ao antigo «Malvazia» — hoje quasi resstringido á Fajã dos Padres, d'antes pertencente aos jesuitas e propriedade actual do sr. capitão Doria — anda ligada uma bem curiosa anedocta historica: o duque de Clarence, irmão de Eduardo IV, d'Inglaterra, malevolo, sarcastico, má lingua, e bom bebedor, era accusado de tramar contra a

traram-n'o dentro do tonel, regaladamente morto no saboroso liquido que o saciára, afinal, d'uma vez para sempre.

Em quasi toda a ilha, o terreno se presta para a cultura da vinha que, preferindo o sul e os campos baixos, medra, comtudo, ao norte, em vastas plantações de «Jacquez», casta exotica que produz um vinho relativamente rico em grau, pela feliz adaptação ao nosso sólo.

Campanario, S. Gonçalo e, mais especialmente, Camara de Lobros e Estreito de Nossa Senhora da Graça são as regiões, por excellencia, dos vinhos generosos, onde o «Verdelho» aloira, assucarado, e a «Tinta» de sumo doce e casca de tanino, ostenta o bello negro azul, chamado «Aza de corvo».

A phylloxera, apparecida, aqui, em 1872, deu o golpe de misericordia nas antigas cepas já abaladas pelo *oidium*, sendo raras as varas que dão hoje o fructo «de seu pé».

A enxertia sobre cavallos de «Jacquez», «Riparia», «Herbement» e outras videiras resistentes é que salvou o vinho da Madeira, hoje só em temerosa lucta com os para-



LATADA DE MOSCATEL

sitas da especulação e da falcatura que torpemente o desvalorizam e imitam tanto dentro como fóra do paiz.

As terras menos alagadas, como é natural, são as que dão melhores vinhos. Nas propriedades mais bem cuidadas, o sólo é aberto, até á profundidade de dois metros; o bacello, plantado fundo, alonga-se pelo gavião a procurar a humidade do sub-sólo, unica que lhe dissolve os elementos necesarios á sua nutrição. Para que a vinha se não tente com a alimentação, facil d'inverno, mas improficua no verão, das mais altas camadas de terreno, as raizes superiores, as «Pastadeiras», são cortadas, permitindo-se-lhe unicamente esse arduo trabalho de mineiro que ha de garantir-lhe, por longos

annos, o sustento, e a producção dos seus saborosos e abundantes cachos d'oiro.

Só no fim de três annos é que o bacello dá colheita apreciavel. O seu tratamento não é muito trabalhoso: dá-se-lhe uma cava em janeiro, para arejar a terra, mettendo-se-lhe adubos, entre os quaes o tremoceiro e a giésta que fornecem á planta grandes quantidades d'azote, ajudando a acção do ar. Essas cavas, ou «mantas», permitem o empoçamento da agua das chuvas e o seu escoamento profundo, na direcção do pé.

Duas enxofrações, uma «esfolha» depois da flór «vingada», e outra, mais tarde, para melhor amadurecer o bago, é tudo quanto se concede de mais privativo á vinha. Indirectamente, recebe ella outros beneficios que visam ao desenvolvimento de certas culturas, horticolas, medrando sob as latadas durante o tempo em que a ausencia da folha permite á luz do sol chegar ao terreno agricultado.

O mez de setembro é o reservado ás vindimas que vão, n'algumas regiões, até mais de meados d'outubro. Uma faina alegre se nota, então, nas localidades vinhateiras, durante todo o anno silenciosas e pacatas.

A vindima, como as romarias, traz o ajuntamento, a aproximação da gente moça d'ambos os sexos, as conversas, as trovas e os namoros. Ha ditos, sorrisos, confidencias, beberetes e folgares. Todo o conjuncto dispõe para o amor entre esta gente forte e tisonada que constitue a população dos campos, n'uma grande parte herdeiros do sangue negro e mourisco aqui ficado dos tempos da colonisação da ilha.

E' no meio do trabalho, illudindo os olhares, disfarçadamente, que o aguilhão da trova vae despertar o coração que quer ferir. Ella começa por uma ironia ou por um desdem, passa por vezes á agrura do ciume e descae n'uma declaração que, por ser publica, constitue um documento irrefutavel de derriço.

Nem em todas as localidades da Madeira

a vindima tem este character pittoresco dos descantes, tem este ar de tarefa alegre apeteçada de alguns mezes, muito menos um labor rustico do que uma festa ou divertimento popular.

Ha fructificas, no entanto, em que alguma cousa da tradição pagã se vem misturar a trabalho simplesmente extenuante homens do lagar.

No Estreito da Calheta, particularmente nos vastos e bem cuidados vinhedos do fallecido João do Nascimento, as vindimas foram o enlevo não só da gente da freguezia e localidades proximas, mas ainda de muitas pessoas do Funchal que lá iam attrahidas por tão curiosa e sympathica folgança.

Ali o vinho era sómente feito durante a noite, sendo o dia destinado á apanha das uvas.

Só mulheres, e de preferencia, raparigas, muitas das quaes de fóra, do Jardim do Mar, tomavam parte na colheita: de cabeça envolta em garridos lenços atados adiante em ponta, cada uma, de cabaz e podôa, lá ia trabalhando e estabelecendo despiques, ou com algum matulão que a derriçava, ou com um ou outro «menino da cidade», parente do patrão, por quem havia maior complacencia.

A' noite espremia-se as uvas nos grandes lagares primitivos que, afóra duas ou três prensas mechanicas, — mal vistas por, no dizer do povo, deixarem oleo no mosto, — são os unicos extractores do sumo das uvas da Madeira.

Fazer um «pé de vinho» n'um lagar, é coisa interessante para vêr-se. As uvas lançadas dos «cestos de vindima» sobre o «lastro» são esmagadas sem osforço, pelos pés descalços de quatro valentes latagões que agarrados á «vara» do lagar vão, por um movimento de marcar passo, fazendo sahir, abundantemente, o primeiro mosto. Depois de espremidos os cachos, é necessario despojal-os do sumo que ainda lhes resta, por meio de mais violentos processos. Aqui é que vae começar a intervir a «vara,» funcionando d'alanvanca inter-resistente.

O bagaço é arrumado ao centro, «posto em pé,» e enrolado, helicoidalmente, por uma corda, que dá ao todo o aspecto d'um tronco de cone de largas bases. Sobre a base superior como diametro, e na direcção da «vara» assenta o «juiz,» decidindo, pela justa collocação, da proficuidade dos esforços que o todo se prepara a supportar. E' em cima do «juiz» que se collocam, successivamente, as taboas, os «malhaes,» a «porca,» os «leitões» e por ultimo o «cachaço,» pedaços de madeira de grossura variavel, sendo este ultimo que recebe directamente a acção da vara. O extremo livre d'esta grossa trave é atravessado pelo «fuso» que



O LAGAR PRIMITIVO

se prende inferiormente á pesada «pedra do lagar» Pondo-o em movimento d'aperto, atarrachando-o, a pedra, que descançava no sólo, levanta-se e fica exercendo a desejada pressão sobre o bagaço. E' a chamada *impêsa*.

O mosto corre, denso, pela bica para dentro da grande tina, deixando a superficie liquida recamada de volumosas bolhas iriadas.

Cessou de sair o mosto; mas n'aquella massa dura de cascas e «engaços,» ainda ha vinho.

Para extrahil-o é que se torna necessario recorrer a um meio inda mais violento, mixto de trituração e de pressão.

Vae, pois, começar a «repisa,» a parte mais interessante, ou melhor, mais curiosa de todo o trabalho do lagar.

E' n'esta occasião que as trovas, amenizando esse labor excessivamente fatigante, veem, pelo seu rythmo especial que marca uma dança selvatica, de todo o ponto africano, trazer uma impressão original e intensa a quantos pela primeira vez assistam a este spectaculo.

Raro, a «repisa» começa sem que parta de dentro do lagar uma trova estimulante da assistencia ou do dono do trabalho, definindo uma tradição e explicando em sua origem este processo vinicola que se tem conservado intransigentemente o mesmo, desde a época dos escravos até agora, aos nossos dias:

*Quem quizer que o preto cante
Faça-lhe a bella vontade
Dê-lhe «ponche» ou aguardente
Por obra de caridade.*

Os caçadores, habitualmente, não comem caça. Assim tambem os lagareiros raras vezes bebem vinho.

A aguardente, pura ou diluida em pouca agua assucarada e com sumo de limão, o «ponche» — é a sua bebida favorita.

Elle é o fóco de todas as energias e de toda a agilidade, a condição indispensavel ás attitudes de batuque, áquellas cadencias estranhas, e a musa feliz da inspiração trovadoresca.

No Estreito de Calheta, o vinho era feito á luz de lanternas e archotes. Na orchestra, constituída por violas, «rajões,» cavaquinhos e uma rabeça, só eram admittidas mulheres, em traje especial, sendo ainda uma mulher quem a regia.

Servido o «ponche,» começava a repisa, cuja musica seguia n'uma cadencia approximada á das pateadas d'impaciencia dos nossos circos e theatros inferiores. Desenrolada a corda e espalhado o bagaço, os calcanhares batendo, ora sobre a pasta d'onde tiram um som baço, ora ferindo o «lastro» que resôa intensamente, vão acompanhando n'este rufar bizarro, de dois tons, a cantiga amorosa, quasi sempre bregeira ou, pelo menos de dupla intenção.

As trovas são lançadas para as raparigas ou homens presentes, fazendo allusões mais ou menos directas, muitas vezes, a amores occultos que alli tomam, então publicidade:

*'stá um melro preto cantando
Na janella do doutor
Perguntando a quem passa
Se lhe viram o seu amor*

*O melro preto é vadio
Vae cantar donde quer
Não te prendas ao sé canto:
Elle é melro e tu mulher.*

*Tem cuidado co'a rozeira:
Junto ás rozas tem espinhos,
Não te encostes tanto a elle,
Nem te tentes com beijinhos.*

Quando a idéa está sufficientemente clara e manifesta a perturbação dos alvejados, rompe, para rematar a insidia, um estribilho conhecido que é recebido com gargalhadas e palmas da assistencia:

*O arco da rabeça
Ainda tem «rasina»
Q'anto mais se toca,
Q'anto mais afina.*

A bebida e os applausos excitando os lagareiros, levam-n'os a extremos d'esforço e destreza.

O mosto manchando-lhes as pernas nuas e os braços cabelludos, espirrando a sua côr de sangue sobre as camisas e rostos afogueados, cobertos de suor, dá a estes homens, que parecem presos d'uma furia insana, um ar acabado de possessos que impressiona fundamentalmente.

Em uma noite de maior folguedo, os rapazes da cidade coroarão de folhas rubras de parreira a frente dos lagareiros. A chamma dos archotes inflammando estes rostos incendiados pelo alcool, pelo picante das trovas e maior actividade das combustões organicas, punha-lhes um aspecto, a um tempo, aterrador e grotesco, de bacchos sanguinarios, vesanicos no seu ardor inapagavel de calcar, d'esmagar a pés um inimigo que lhes resiste longamente, denunciando apezar de todo este esforço e voluptuosa crueldade, n'um fio de sangue, um sópro persistente de vida.

Ás nove horas entrava a mascarada, composta das raparigas que durante o dia faziam a vindima, as cabeças ornadas de

pampanos, simulacros de bacchantes dançando febrilmente ao compasso da «repisa.» Então a festa attingia o delirio.

A satyra cruel e plebeia dos homens, atirava-se, ciosa, sobre aquelle grupo onde havia desdenhosas requestadas, ainda mais apetecidas sob o berrante das vestes e o confuso incognito das mascararas.

N'ellas a velatura do rosto dava-lhes coragem para replicas terriveis de sarcasmo e de desprezo que, como settas, se iam cravar no peito dos desgraçados amantes preteridos.

A voz do patrão intervinha, por vezes, a acalmar estas grossas trovoadas promette-

doras de ter-riveis tempestades; a ceia da meia noite, fartamente servida ao meio da casa do lagar, curava, finalmente, pelo entorpecimento d'uma laboriosa digestão, as feridas do amor-proprio, socegando os humores anteriormente irritados.

Alguns tempo depois da refeição, recomeçava o trabalho que ia até de madrugada, esmorecendo o entusiasmo das danças e cantares com o desbotado alvorecer do dia.

Extrahido o mosto, é elle conduzido em «borrachos» para a adega do vinicultor que o adquiriu ao vinhateiro afim de ahi soffrer o tratamento necessario para entrar no consumo interno ou ser exportado para a França, Suissa, Allemanha e principalmente para os mercados de Inglaterra.

O «borracho» consiste n'uma pelle de cabra inteira, curtida, e voltada do avêso. um mez antes das vindimas, os «borrachei-

ros» começam a preparar os seus odres, na verdade, bastante originaes.

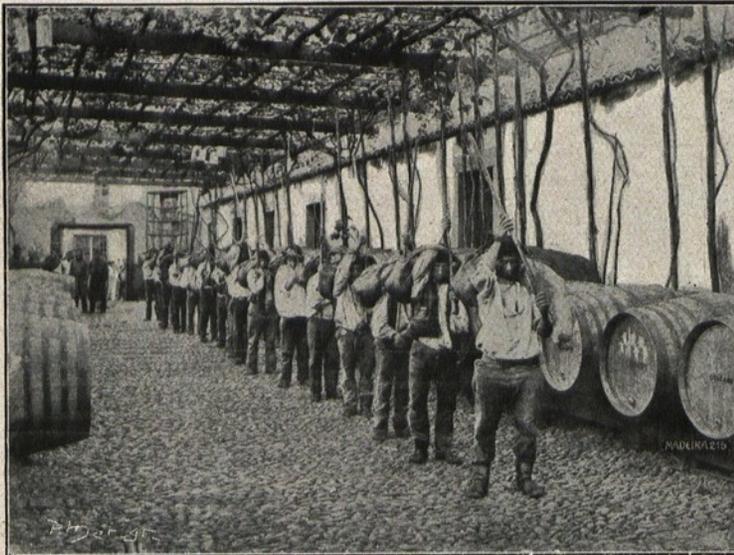
A cabra é morta pelo ouvido, para se não golpear a mais pequena porção de tecido aproveitavel. Com o auxilio das mãos é o animal completamente descarnado, separando-se a pelle até dos proprios membros que vem adherente aos cascos. O corpo, inteiro, retira-se pela abertura correspondente á bocca que fica, depois de limpa e preparada, constituindo a bocca do «borracho.» Cortado o pello, cosidos os orificios naturais do envolvero, voltado com a carnagem para fóra, cheio d'ar, e esfregado a sal, é exposto á luz solar por muitos dias.

No Estreito e Camara de Lobos nenhum borracho é feito com pelle de bode ou de cabrito. Quem ahi se atrevesse a carregar vinho na pelle d'um caprideo macho, arriscava-se á mais despejada troça e até a ser apedrejado...

Curtido o borracho, tomam-se as porções de

pelle correspondente aos membros e atam-se, perna com perna e braço com braço, formando-se d'esta fórma duas ansas que se ligam por uma corda, tecida de lã, chamada «ricola». Durante a conducção, o ódre, descançando transversalmente sobre as costas, á altura dos hombros, apoia a «ricola» á testa do conductor.

Algumas vezes, o borracheiro malicioso e fraudulento, deixa de cortar o pello interior que, roubando, por absorpção, uma certa quantidade de mosto de cada vez, é depois escorropichado á socapa. Mas o olho experimentado do empregado que recebe o vinho, dá, em geral, com o *truc* e o espartalhão é obrigado a cortar ali mesmo o pello do borracho que, marcado com um



RANCHO DE BORRACHEIROS ENTRANDO NOS ARMAZENS DA CASA COSSART, GORDON & CO.

signal, fica fóra das condições d'uma nova tentativa de logro d'esta especie

Nas grandes colheitas, os borracheiros, formando n'uma longa fila, a um de fundo, marcham em rancho das freguezias visinhas do Funchal, e do Campanario e Quinta Grande, cantando n'uma toada que lhes é particular e que attrae invariavelmente a atenção de nacionaes e, especialmente, de estrangeiros. A maior parte dos visitantes não resiste mesmo á tentação de fixar pelo *kodak* o original cortejo.

A cantiga do borracheiro começa sempre por um —«ai»!— sobre uma nota alta e prolongada que fica a morder-nos o ouvido ainda muito depois de acabada a trova. A melodia, larga e dolente, acabando duas das suas phrases por uma nota grave, gemida e longa, tem um accentuado

cunho arabe, realmente interessante para quem pelas primeiras vezes a escuta.

As palavras, exprimindo geralmente um pensamento amoroso, são intercaladas d'um estribilho monossyllabico, fixo.

Ai, lá,

Trigueirinha d'olhos pretos

I, lá, lá, li, lá, lá-á-lá

Que fazes a costurar ?

Ai, lá,

'Stou fazendo o meu vestido

I, lá, lá, li, lá, lá-á-la,

Sou noiva, vou-me casar.

Ai, lá,

Chega, vem cá, trigueirinha

I, lá, lá, li, lá, lá-á-la

Que te dou a minha mão.

Ai, lá

Obrigada pela offerta

I, lá, lá, li, lá, lá-á-la

Deu-me outro o seu coração.

Na Madeira não são frequentes as boas vozes: falta-lhes extensão e carecem, sobretudo, de côr.

A má qualidade da voz pela deficiência de timbre musical, se pôde ter explicação na humidade do clima e abuso do alcool,

creio que resultará também de causa hereditaria, pois o camponez madeirense havendo por avós, algarvios, mouros e bastantes negros, padece, na origem, da carencia de elementos ethnicos em que a musica e o canto sejam uma fórma preferida, variada e espontanea de expressão.

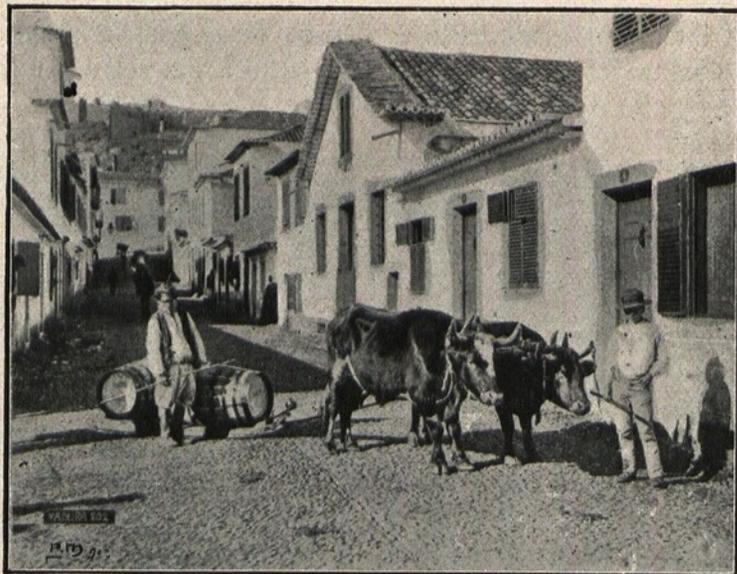
Falha, quasi

completamente, a tradição musical na Madeira não se cantando, entre o povo, mais do que em tres ou quatro toadas de character agareno e africano, constantes, immutaveis, através dos quasi cinco seculos passados depois da descoberta.

Apezar d'isto, nota-se, uma ou outra vez, entre os camponios, vozes bastantes extensas e que por uma educação methodica seriam capazes de adquirir timbre e amplitude.

Entre os borracheiros é este facto mais frequente.

Ha familias em que esta profissão passa de paes a filhos em muitas gerações que, sob o peso do mosto, cantam sempre a mesma melodia. Durante o resto do anno, são carregadores e ainda esta cantiga lhes serve para adoçarem a agrura do trabalho. D'aqui,



CONDUZINDO VINHO PARA EMBARQUE

Este boieiro, conhecido pelo «Cuéca», falleceu ha pouco, conservando toda a vida o traço d'origem moura, característico do camponio madeirense.

um natural aperfeiçoamento de dotes e desenvolvimento de órgãos, accumulados e transmitidos por cada um á sua descendencia.

O povo não deixa de marcar o facto, sem lhe procurar, claro, a explicação. E informam frequentemente :

— Um que canta bem ao borracho é o filho do João das Preces; já o pae e o avó eram dos melhores cantadores d'esta freguezia.

Lembro-me que um musico habil já fal-

Pela continuação do canto o observador reconheceu ainda, que se não tratava d'um esganiçado contralto masculino, mas d'um verdadeiro tenor de bom registo médio e notas graves com volume e timbre.

Depois do borracho vasio, é violentamente soprado até a pelle ficar, por completo, retezada. Torcida a «ricola» no bordão, ahi voltam os borracheiros, trazendo os seus



EMBARQUE DE VINHO NA CALHETE

lecido, de nome Antonio José Barboza, tenor da Sé do Funchal, me dizia que, d'uma vez, estando em casa, ouvira a distancia o primeiro — *ai* — do canto d'um borracheiro ferindo uma nota agudissima que lhe chamou vivamente a attenção. Correu a munir-se com diapasões de sôpro, esperando pela repetição do mesmo som que seria fatal no começo do terceiro verso da quadra. De facto, a nota veiu. Tratava-se nem mais nem menos que d'um bello *dó sostenido*, agudo, cheio de sonoridade e de força, emittido nas condições desfavoraveis d'uma viagem de dez kilometros, de dorso curvo sob a pesada carga do borracho.

grandes ôdres em trophéu, promptos para uma nova e fatigante caminhada.

Dentro das pipas e toneis, nas adegas ou nos vastos armazens dos grandes exportadores, começa a fermentação, o desdobramento da glycose em alcool, a transformação do mosto em vinho.

Para que elle não fique extremamente sêcco e conserve algum assucar natural, junta-se-lhe uma porção de alcool, variavel conforme os typos a obter, soffrendo depois o liquido varias trasfegas e collagens pela

clara d'ovo, leite, barro, sangue de boi ou gomma de peixe, conforme as preferencias do tratador. O carvão d'urze, pulverisado, última toda a purificação,

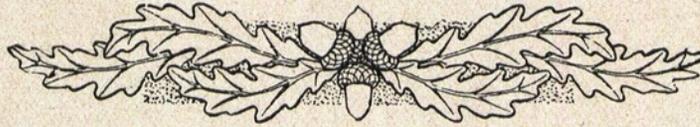
Para que o vinho «envelheça», rapido, e se neutralisem os micodermes determinantes das fermentações, submettem-n'o muita vez á acção da estufa de sol e, frequentemente ao calor do fogo. Assim se prepara a maior parte do destinado a embarque, menos apreciado do que o que adquire as cans, natu-

ralmente, sobre os dormentes, e por isso denominado «de canteiro».

Ah! mas é o carvão, esse abençoado absorbente, que nos faz esquecer, ao pôrmos nos labios o copo de Malvazia ou Sercial, que aquelle licôr dos deuses, cordeal, aromatico, côr de topasio e transparente, teve origem d'um liquido sanguineo e tórvo, onde estiveram de mólho as plantas nodosas e gretadas de quatro matulões ébrios e lanzudos.

Funchal.

J. REIS GOMES.



IN PULVEREM

Numa alegria feita de tristeza,
Num alvoroço louco, de doente,
Puz-me um dia a seguir-lhe avaramente
O pôrte erecto e fino de princeza.

Sonhei em febre um mundo de grandeza,
(Sonhos de visionario impenitente)
Onde pudesse amal-a eternamente,
Nella revendo as fôrmas da Belleza.

Porém, bem cedo a torre de crystal
Das minhas illusões se espedaçou,
E vi então que amor bem pouco vale.

— Desilludido, alegre agora sou,
Pobre que fôra o numero cento e tal,
D'entre mil a quem ella amor jurou.



NOS «GERAES» — PASSADOS DE «COLIGAS»...
Cliché do academico J. Vasco de Mascarenhas

Despedida de Coimbra

II

DIZEM-ME, porém, que apesar de tudo, apesar da frivolidade pautada dos dias da Coimbra academica d'hoje, eu terei saudades d'estes dias. Ter saudades de Coimbra é um tributo tão obrigatorio para o bacharel, como o pagamento da congrua para o cidadão inscripto na matriz. Seria menos attentatorio dos nossos preceitos sociaes visitar alguém em chinellos, do que sahir de Coimbra sem a alma retorcida de saudades.

Póde representar torturas, difficuldades monetarias ou intellectuaes de toda a especie a conquista da bacharellice. Ella póde

equivaler a um numero sem fim de humilhações, de desalentos, de anciedades d'ar e de confôrto, de revoltas e de desdens. Mas concluido o quinto anno, preparadas as malas, o bacharel observador dos bons costumes começa a desdobrar o lenço para enchugar a lagrima. E enchuga a lagrima ao chegar á Estação-Velha, ao perder de vista a silhueta ondulada da cidade, ao entrar na terra abraçado por parentes e amigos. E a todos assevera, os olhos humidos em alvo, a voz rouca de commoção, a mão espalmada sobre o peito :

— Ai, aquillo sim, meninos! Vida como aquella não torna!...

Desfia então scenas e proezas para que

concorreu, d'ordinario, com o facil esforço de memoria que as fixou, colhidas de boccas alheias. Atravez d'essas proezas corre invariavelmente o rio fertil dos amores — amores de tricanas, sempre as melhores em fórmas e em oval de rosto, mas em que nunca poisou senão os olhos tórvos, alvoroçados de appetite.

D'este modo, em pouco tempo, desgastados pela phantasia os contornos asperos das humilhações e das amarguras, a sua vida de Coimbra, alargando-se em branduras e opulencias, toma proporções de invejavel felicidade que o proprio bacharel já não ousa pôr em duvida. Attingido este momento de reversão sentimental, a lagrima converte-se em pranto — e desde então as saudades accodem aos labios, ás faces contristadas como enxames de abelhas inquietas aos ramos de amendoeiras em flôr.

E a final, serei eu d'um barro mais grosseiro, mais impermeavel á influencia desvanecedora da saudade do que os meus irmãos em Minerva? Ninguem afirma seguro de si que não matará a sede em certa fonte... Todos nós zombamos do ridiculo das abas d'uma casaca. Chegada a hora de nos apresentarmos de casaca, não temos a sensação de que ella é differente das peças usuaes do vestuario a não ser pela tranquillidade de nos reconhecermos lado a lado das conveniencias.

Creio tambem, firmemente, que chegará o periodo invernoso das minhas lagrimas. Não espero furtar-me á obrigação de pagar o meu tributo intimo em saudades legitimas, das que seccam a garganta e inundam os olhos. O que desejava, era pagá-lo mais tarde, ao ter de recordar, por exemplo, os tempos

de agil robustez em que conservava direito o meu tronco hyperbolico de pinheiro do norte.

Porque, ao ver-me dobrado pelos annos — se «a Parca implacavel», no dizer noticioso de gazeta d'Alhos-Vedros, «não me tiver ceifado da seára da vida» — sem fresta na alma que dê entrada a um raio de esperanza no renascer de seivas novas, ha-de por certo agradar-me o relembrar, com unção e amargura, até aquelle transe de subita paralyção do sangue, de suffocação e calafrios que á entrada para os *actos* me toldava o entendimento, como se tolda a agua d'um pôço fortemente agitado e revolvido.

Ainda que não seja senão por ter n'essa epocha, em seguida á *colica* dos *actos*, a facil e compensadora escôlha do amor ou do riso.

Depois, eu pertenco ao ramo occidental dos celtas cujo orgulho inventivo se sustenta, e á larga, da satisfação de haver encon-

trado para seu uso exclusivo a singular doçura da palavra *saudade*. Portugal não cooperou no Progresso moderno com movimento ou ideia que lhe custasse uma gotta de suor. Isso tem pouco valor, a final. A sua larga missão de povo europeu consolida-se perante a humanidade e a historia desde os torneios trovadorescos da côrte galante de D. Diniz. Conseguiu, por uma combinação subtil de letras e de sons, encerrar n'um só termo, harmoniosamente como em nenhuma lingua morta ou viva, «o delicioso pungir d'acerbo espinho».

Ao menos por patriotismo, pois, não seria louvavel recusar a minha parcella de coração á visita do «delicioso pungir».

Começo mesmo a observar me ao longe,



CURSO DO QUINTO ANNO DE MEDICINA
(Cliche do dr. João Bianchi)

de busto curvado como o arco d'uma ogiva, a voz tremula, as pupilas fundas, pequeninas, incertas, fixando no vácuo traços de imagens engrandecidas pela distancia, recorrendo na confusão das reminiscencias a physionomia geral dos *meus tempos*: — e os *meus tempos*, n'essa data, é que hão-de ser tempos! . . .

O Mondego d'esses tempos não encontrará na minha palavra senão enfados e zombarias. Mondego, o dos meus tempos! . . . Tudo arvores, sombras, rouxinoes, amores, idilicas suavidades a cingir-lhe as margens! Quanto ás aguas . . . aguas de prata e ouro, que corriam mansas com murmurios de sêda, e que o sol, ao morrer, no seu antigo sensualismo pagão, cobria de afagos e de beijos, deixando-o tremulo, abraçado como virgem pela primeira vez beijada e afagada . . . E mulheres? Ai, as dos meus tempos! — ex-

clamarei, vendo-as novas e tenras na memoria como da derradeira vez em que lhes louvei os vinte annos e como se sobre esses vinte annos não houvesse passado o somno d'uma noite . . .

Creio bem que nem faltará occasião de me surprehender, em qualquer serão de provincia, enaltecendo o puro, o pittoresco regionalismo das *fogueiras* de S. João — e nada, na verdade, tem merecido mais do meu desdem do que essas *fogueiras* modernizadas, exhibidas em palcos d'entremez, com musica de *revista d'anno* e orchestra de missa cantada em festa sertaneja.

Porisso invejo aquelles que em Coimbra souberam o que era alegria e mocidade. Para esses a velhice é e ha-de ser como tarde de verão clara do sol que se escondeu, depois de radiosamente aquecer, fertilisar, illuminar, e que, se já não aquece e fertilisa, ainda suavemente illumina.

Cada um d'elles dá uma historia que não tem ultima pagina — e em cada pagina perpassam, com a fulgurancia estrepitosa de fôgo d'arraial, trechos de vida que lembram rumorosas façanhas do Amadis de Gaula. Ou-

vimo-os falar de si e dos condiscipulos — é certo que se deve attender a que se referem a factos vistos a distancia, e dos *seus tempos* . . . — e envolve-nos a illusão d'eras famosas, em que a alma, o coração, os labios dos rapazes eram uma corrente continua de lances d'amor, de heroismo, de alegria.

Eu, se houvesse de inventariar as minhas proezas á despe-

dida de Coimbra, diria singelamente, não omitindo um pormenor ou uma virgula: — «Almocei, jantei, tomei o meu chá com pão e manteiga dia a dia; dei ás aulas assiduidade compativel com dez a dezeseis faltas; fui uma ou outra noite ao theatro; de prazeres ao luar só conheci a voz sentimental do meu amigo Mathias; arrisquei incolume a segurança dos meus passos pela Baixa e mudei o meu nome d'anno a anno, mais regularmente do que um canario muda a penna de primavera a primavera — entrei em Coimbra Alberto Costa, fui Alberto de Sousa Costa, passei a ser Alberto Mario, de-



NO BUSSACO — PORTAS DE COIMBRA
(Cliché de Gabriel Tinôco)

pois Alberto de Sousa e conto sahir d'aqui Sousa Costa.»

Inventariar as proezas dos meus condiscipulos é que constituiria fadiga de volumes. São muitos, e se não se salientaram pelo humorismo, pela negligencia ou pelos commettimentos heroicos, deixam de si, no registo da sã moral e nas dezenove cadernetas das dezenove cadeiras frequentadas, memoria que não esquece. Formam um alto relevo d'um cento de figuras, surgindo todas do conjuncto e igualmente d'olhar ancioso, de physionomia absorta nos problemas da *sebenta* — coladas á *sebenta* como a forte escudo invulneravel.

Assim, dos meus condiscipulos, ao alcançar a idade em que se vive do passado, é provavel que não cite golpes d'audacia, estragos amorosos. Ampliarei, em compensação, se tolerarem ampliações, as suas qualidades d'estudantes d'uma solidez inalteravel, spartanica. E evocando-os pelos nomes virgens de titulos que usam agora, e com que a camaradagem de cinco annos me familiarisou, apresentá-los-hei previdentemente aos meus netos, frequentes vezes, como exemplos para respeitar e imitar. «Attendam vocês — dir-lhes-hei, solemne e de sobreceinho carregado — vejam o Madeira Pinto... Conselheiro, ministro d'Estado, pois então? A intelligencia descuidada não chega lá. Elle soube estudar, meditar. E o Alpoim, o José d'Alpoim? Ora essa... Se vocês se dedicassem aos livros como elle, quem sabe se tornariam realidade a escada de Jacob, subindo ao céo... O Alpoim, antes de o vèrdes presidente de ministros, vi-o eu ver-

gado sob a sciencia dos Pharaós passados e futuros» — sim, os futuros Ptolomeus, por enquanto legumes e pão alvo nas hortas da beira Nilo, vão insinuando aos estranhos que governam o seu paiz e que os recolhem no estomago, no sangue e no ce-

rebro, as leis que hão-de preferir e guardar apenas atinjam a forma, a soberania de Ptolomeus humanisados.

Aponto lhes a seguir o Alberto Saraiva. E considerarei, gravemente: «Saber, aquillo... Já não ha quem saiba assim... Parecia ter nascido da obra reputada de Cimbali ou da cabeça luminosa de Chi-

roni. De cada uma das suas cellulas pensantes os conceitos juridicos brotavam, como se fossem a morada elysea do espirito de todos os Bartolos e Pillets cuja materia a terra consumiu. Lentes de tal saber já os não cria o pão d'estes tempos...» Falar-lhes-hei ainda do Azevedo Souto, então desembargador e especialista afamado de doenças do figado; do Camarate Campos, governador civil, commandando os politicos do seu districto com o eterno lapis que lhe defendia, brandido corajosamente, os argumentos dos *actos* e das lições; do Henrique Braz, que, se d'aqui a dez annos a Republica houver vingado, dominará na ilha Terceira como presidente do municipio — falando aos municipes n'aquella voz aveludada e cauta que nas aulas tão bem seguia a curva accentuada do *costume* entre os romanos. E se me interrogarem ácerca do Orlando Rego, ajoujado de grã-cruzes adquiridas em missões diplomaticas, nas Córtes d'aquem mar — diz-m'ó discretamente o tirocinio de en-



NOS «GERAES» — A' ESPERA DOS «ACTOS»
(Cliché do academico José Vasco Mascarenhas)

carregado de negocios do seu curso, em cinco annos, para os effeitos protocolares do *feriado*. . . — informa-los-hei, tão seguro da verdade como da inteireza dos cinco dedos da minha mão direita: «Estudava por calculo. . . e com sorte. Mas se o obrigassem a uma lição sobre os mil volumes da astronomia chinesa, alinhava-a n'um dia e n'uma noite, sem desatender certas preferencias de coração — assim conhecesse o chinez e conseguisse correr a vista, n'esse curto espaço, atravez da vasta sciencia sideral do Celeste imperio.»

Desconfio, porém, que os meus netos, embora estarrecidos deante de tanto saber official, indagarão, insatisfeitos, se da alma particular ou collectiva do meu curso não brotou fio de emoção que denunciasse natural aneio d'arte e de belleza. E não descubro maneira precisa de os elucidar. . .

Ah! . . . só divagando, accentuando que a uma aggremação estudiosa não convem a multiplicidade de aptidões — elemento perturbador da homogeneidade que integrou o meu curso na confiada certeza de que o seu primeiro dever residia na observancia dos mandamentos escolares. No meu curso não se nos depariam fios limpidos de emoção prelu-diando vagas e intangiveis harmonias:— mas não faltava quem tivesse do recurso de *ag-gravo* ou de *revista* a noção rigorosa d'um codigo commentado.

E fios d'emoção, afinal, encontra-los-hiam, mais claros do que o brilho de diamantes, em cursos anteriores e posteriores áquelle a que pertenci. Não brotaram da alma de condiscipulos — mas não me envaidecia menos a alma dos contem-

poraneos que os crystalisou em perfeita expressão verbal.

Enumero-lhes os contemporaneos. Os meus netos, que mostrarão conhecê-los e admirá-los, ignorando só que houvessemos bebido juntos o leite universitario, dispensam-me desde logo um ar do respeito que lhes prestam, porque lhes toquei com os dedos as capas e as batinas, porque permutei com elles palavras e idéas, porque comeram com o meu talher ou eu com o talher d'elles. E estou a ouvi-los, enaltecendo-lhes a graça e a pureza dos pensamentos, a singeleza ou o colorido da forma, alludindo ao grande publico que os festeja e aos editores que bizarramente lhes pagam o nome e os livros — enquanto eu, n'uma profunda dôr, secreta e muda, lamentarei para commigo não os ter seguido, hombro a hombro, na sua trajetoria faiscante de sol, á mingua d'ouvido para a afinação da viola em que arranhei fados corridos, nos vagares das minhas aulas.

Repetem-lhes as virtudes, querem saber se passei com elles, se fomos amigos. Eu, despertando da mágoa que me absorvera, descrevo-lhes episodios occorridos entre nós, que os satisfazem e attestam a nossa familiaridade, «as suas inequívocas demonstrações de deferencia». E vou-os passando em revista, um a um, desde o João de Barros, o Candido Guerreiro, o Antonio Granjo, o Vicente Pinheiro, o Camara

Reys, o Augusto Casimiro; desde o Annibal Soares e o Lopes d'Oliveira, tragados pelas contingencias da politica, até aos que vieram depois d'estes e de mim:—o Hypolito Raposo, já recolhido nas suas investigações prehistoricas; o Affonso Duarte, prelu-diando



NO BUSSACO — A' SOMBRA DAS ARVORES
(Cliché de Gabriel Tinôco)

ladainhas sobre a alma dolorida das pedras; o Alberto Monsaraz, ainda *urso*, um *urso* com voz de sabiá entre florescencias de versos; o Antonio Monforte e o Veiga Simões, «*Romeu e Julieta* da litteratura coimbrã», o primeiro preso ao alto estímulo de accordar seivas n'um tronco resequido, insufflando-lhe o sonho rimado das suas crenças, o segundo, bem calçado e bem vestido, occupado no vigoroso recorte de pyramides

serão outros tantos motivos de regresso aos *meus tempos*, á Coimbra em que architectei um futuro tranquillo, com uma quinta murada e arvores de fructo no Minho. De maneira que, mesmo que a hereditariedade e o patriotismo me não obrigassem ás saudades, não me resta duvida, confesso, carpi-las-hia, amargurado, vendo o futuro converter-se pouco a pouco em presente, em passado, sem tranquilidade, sem quinta murada, sem arvo-



GRUPO GERAL DOS 37 QUE CONCORRERAM A' FESTA DE DESPEDIDA, NO BUSSACO

(Cliché de Gabriel Tinôco)

e miranettes do Egypto sobre cadernos de papel do Prado. E, naturalmente, devo lembrar-lhes tambem que fui subdito do João Corrêa d'Oliveira, administrador concelhio de Coimbra, tão sensivel, nos *meus tempos*, aos dramas silenciosos das arvores, que mais d'uma vez receei vê-lo estender a magreza dos seus braços para o cutello d'um pali-teiro inclemente, em sacrificio dos ramos de qualquer choupo menos soffredor.

Claro — estes nomes, com os respectivos episodios lembrados, e a que me associei,

res de fructo, não podendo sequer transfe-rrir-me em idade, em vigôr, em aspirações á Coimbra que me deu tormentos, mas que me deixava o espirito livre para esperar e desejar.

E acharei talvez, quem sabe? que o meu curso se despediu dos cinco annos universitarios com magnificencia e originalidade — elle, que se limitou a reduzir a trapos minusculos o grande trapo da capa e da batina. Erguerei á altura sonora das lendas as scenas de despedida dos *trinta e sete*, no

jantar do Bussaco, cujas linhas hoje mesmo difficilmente reconstituiria—a não ser que a folhagem complacente do velho bosque, sorrindo por habito das fraquezas dos rapazes, das suas lagrimas, das suas ternuras, das suas commovidas expansões, me confessasse tudo o que viu e ouviu na santa paz da noite. E acharei magnifica a despedida do curso, dignos de lenda a festa e os discursos dos trinta e sete, porque, uma e outros, mar-



Coimbra — Junho de 1909.

JOÃO FRANCO DESPEDINDO-SE DE COIMBRA
(Cliché do dr. Paulo Cancellia d'Abreu)

cam na minha vida, e na dos meus camaradas de sebenta, o momento em que nos despedimos da serenidade tepida da manhã, para entrarmos na atmosfera cálida, estimulante e fecunda do alto dia — ao passo que então, entorpecidos na velhice, só nos resta despedirmo-nos do dia crepuscular, para entrarmos na noite fria, cerrada, infinita de que os cyprestes falam, taciturnamente, entre môchos de marmore e estatuas desoladas.

SOUSA COSTA.



MARIA

Ella e sempre Ella! Sempre! Noite e dia,
A cada hora e instante! Em vendavais,
Em horas de tristeza ou nostalgia
Ella e sempre Ella! Sempre... E ninguem mais!

Ella!... O seu nome... o seu perfil... Maria!...
Ella e sempre Ella! Deus!... É já demais...
É a visão da loucura ou d'agonia...
Já basta Coração não posso mais!

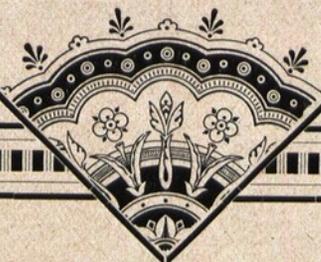
Já basta, Coração... quero esquecê-la!

.....
Morrer? Mas para quê? Quero eu morrer?
Viver? Mas para quê?... Se a vida é Ella!

Ella e sempre Ella. Sempre!... E que fazer,
Se d'esta ancia tão grande de querê-la
Nem Ella o sabe, nem lh'o sei dizer?!

Paris — Junho de 1909.

J. d'Arruella.



A Victoria do Homem

(EXCERPTO)

W W W W W W W

.....
— *Homem* —, tu és na vida o resultado
Duma força infinita e creadora,
Num desejo constante humanizado!
E, sobre a terra, apenas tu condensas,
No Amor, no sentimento e no que pensas,
A propria natureza!

— Só tu, na terra, vês profundamente
Com teus olhos piedosos de vidente
A harmonia profunda da Belleza!

— *Abençôa e condemna, ama e liberta!* —
Que seja o teu Amor quem te desperta
E conduz os teus passos pela Dôr...
Que o teu pranto redima e abençôe,
E que o teu gesto bom crie e perdôe
À luz intensa d'um profundo amor!

Só os teus olhos podem alcançar
A unidade das coisas infinitas,
O sonho em que tu sonhas e palpitas
E um dia saberás realizar...

*Ama e liberta e chora humanamente,
Religiosamente, a tua Dôr.*

— *Vencer a Dôr é triunfar naturalmente*
— *E amar a gloria como um forte vencedor!*

Num abraço perfeito envolve o Mundo,
Num heroismo natural, fecundo,
Numa suprêma e santa comunhão;

— *E pelo Amor o teu coração ha-de*
— *Ser luz na deslumbrante claridade*
— *Da tua Perfeição!*

Augusto Casimiro.



O PAPA PIO X

Do berço humilde á cadeira de S. Pedro.

Na escola, na parochia, no bispado, no sacro collegio e no throno pontificio.

O dia official e intimo de Pio X. Prophecias e anedotas.

Os primeiros annos — O escolar — O parocho — O bispo

O sr. Chaumié, ex-ministro da instrucção publica, em França, ao regressar de Veneza aonde fôra assistir á collocação da pedra fundamental do *campanile*, retratou assim o cardeal patriarcha Sarto, hoje chefe da christandade:

«Imaginae um homem de boa estatura, apumado, a fronte erguida, rôsto rosado. Não lhe darieis mais de 60 annos, apesar dos seus cabellos brancos. Impressionou-me a majestade do seu porte. A doçura do seu olhar, a pureza da sua voz, reflexos da sua alma intelligente, tinham o que quer que fosse de paternal.

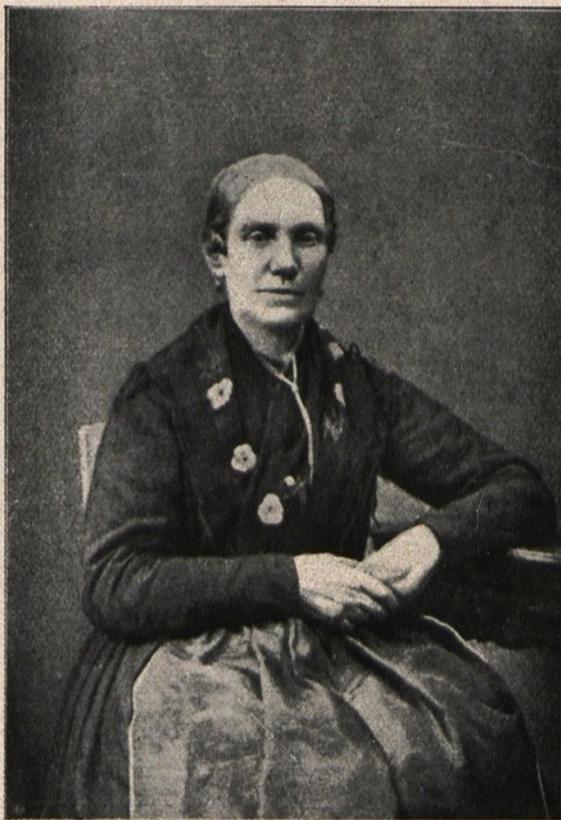
«Dirigia-se ao conde de Turim com um perfeito ar senhoril. Nada de exageradamente obsequioso, nem de demasiadamente soberbo na sua pessoa. A sua attitude

era a de um homem que se sente inteiramente á vontade no seu posto.»

Passaria pelo espirito do sr. Chaumié um rebate da possibilidade de vir o patriarcha de Veneza a occupar um dia o solio pontifical? Não se sabe; a prophecia, se a houve, jazeu inedita até hoje; mas quem leu o esboço physionomico feito pelo

ex-ministro francez, não sentiria grande extranheza ao saber que a votação do dia 24 de agosto de 1903 desviou do solio o cardeal Rampolla, — sabido é que tudo se canalisara a favor do famoso secretario de Estado de Leão XIII — fazendo passar para o primeiro plano José Sarto, aquelle que sempre agradecera a Deus o não ser *papabile*.

No capitulo — *Prophecias* —, não faltaram ellas a Pio X; o que porém lhe faltou, sem duvida, foi a lenda; foram as fadas lendarias que, acoradas junto dos aureos berços, esprei-



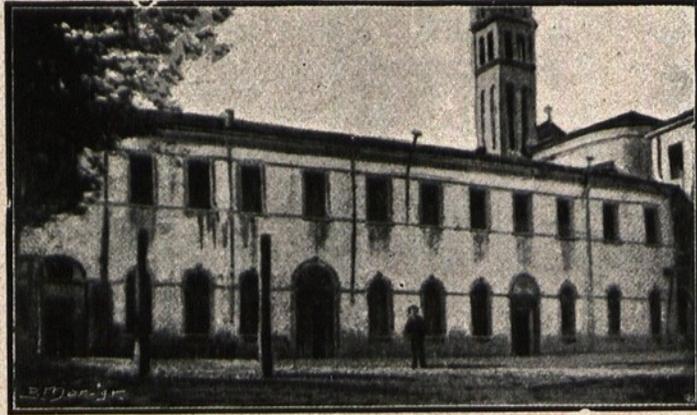
MARGHERITA SANSON-SARTO, MÃE DE S. S. PIO X

tando as criancinhas privilegiadas, lhes tecem com trama de ouro e perolas um destino maravilhoso. Em volta do berçoso de pinho de Giuseppe Sarto, estiveram provavelmente a «*Modestia*», qualidade constitucional no futuro chefe da christandade; o «*Dever*», norma a que elle viria a subordinar toda a sua vida, e a «*Democracia*», visto que a propria constituição da Igreja Catholica permite, ao simples presbytero de hoje, o poder ser amanhã um conego, um bispo, um cardeal e até o «*Vigario do Christo na terra e Successor de S. Pedro*».

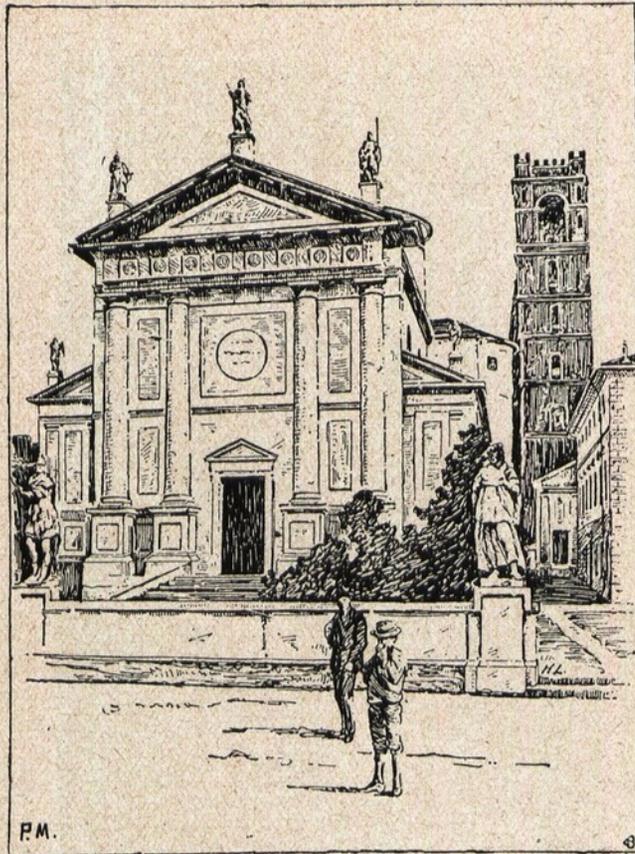
Os biographos e commentadores do Papa Pio X, tiveram a ingenua paciencia de elaborar a arvore genealogica da familia Sarto. Alcançam os ramos extremos a 1431, mas não pendem de lá fructos de genuina nobreza. Nomes de gente modestissima veem decorrendo atravez dos tempos, até que naturalmente conseguimos de ter-nos nos nomes vulgares de Giovanni (João) Battista Sarto e Margherita Sanson, humildes personagens que se fixaram em Riese e onde se uniram pelos laços da Igreja.

No registo matrimonial dos dois conjuges se declara que Margherita era *illetrata*. Não sabia lér, o que em tal epocha não é caso para grandes espantos. Não foi isso razão para os paes desviarem o filho das primeiras letras: Giuseppino, segundo do mesmo nome havido no casal — o primeiro morrera pouco depois de haver nascido — cedo frequentou a escola, onde deu mostras de muita applicação e de uma excellente indole (1).

Giovanni Battista era um modesto continuo, official de diligencias ou cousa equivalente da communa de Riese; o registo parochial designava-o tambem como pequeno proprietario. Habitava uma casa acanhada, com



ESCOLA-GYMNASIO DE CASTELFRANCO VENETO,
EM QUE ESTUDOU JOSÉ SARTO



EGREJA DE CASTELFRANCO VENETO
ONDE JOSÉ SARTO TOMOU AS ORDENS SACERDOTAES

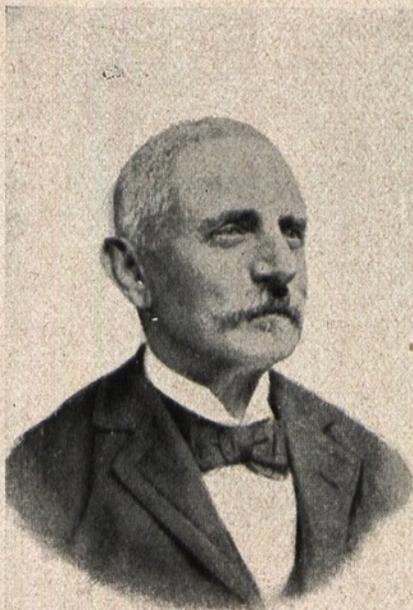
(1) De Giovanni Battista Sarto e Margherita Sanson houve os seguintes filhos: José, nasceu em 1834, fallecido no mesmo anno; José Melchior, nasceu em 2 de junho de 1835: é o actual pontifice; Angelo, nasceu em 1837; Thereza, nasceu em 1839; Rosa, nasceu em 1841; Antonia, nasceu em 1843; Maria, nasceu em 1846; Lucia, nasceu em 1848; Anna, nasceu em 1850; Pietro Gaetano, nasceu em 1851, morreu em 1852. Foram portanto dez filhos. A fecundidade é de regra na familia Sarto; uma das irmãs de Pio X, Thereza, casada com G. B. Parolin, teve tambem dez filhos; Antonia, outra irmã, cinco; Angelo, cinco.

tres compartimentos apenas e a principal riqueza cifrava-se n'uma cabrinha e n'um burrito. Giuseppino, como todos os rapazitos da sua condição, quando frequentava a escola, ia levar, ou trazer, a recado do pae, alguma carta, ou brincava com os companheiros de escola, ou vigiava os irmãosinhos mais novos; e quando teve de frequentar outras aulas superiores á primaria, era o burrinho puchando uma pobre carriola, que permitia á criança descansar algumas vezes das caminhadas a pé para Castelfranco, povoação distante de Riese alguns kilometros.

Giuseppino mostrava-se cada vez mais applicado e desejoso de aprender. Todos o tinham, com effeito, por uma criança viva, impressionavel, de engenho agudo, sereno no raciocinar e singularmente diligente. Essas qualidades se foram afinando com o tempo; e, ao passar das primeiras aulas para as de grammatica, sempre sob a direcção de mestres e educadores cultos e pios, o joven Giuseppe revelava um desejo mais intenso de se instruir, de se fazer homem pelo esforço proprio.

Valia a pena de continuar em tão bom trilho, passando a estudos mais favoraveis á

adopção de uma carreira; tornava-se por conseguinte necessario transitar para a rhetorica, para a philosophia, para a theologia. Tornava-se: mas como? Esses estudos só poderiam ser ministrados n'um seminario: mas



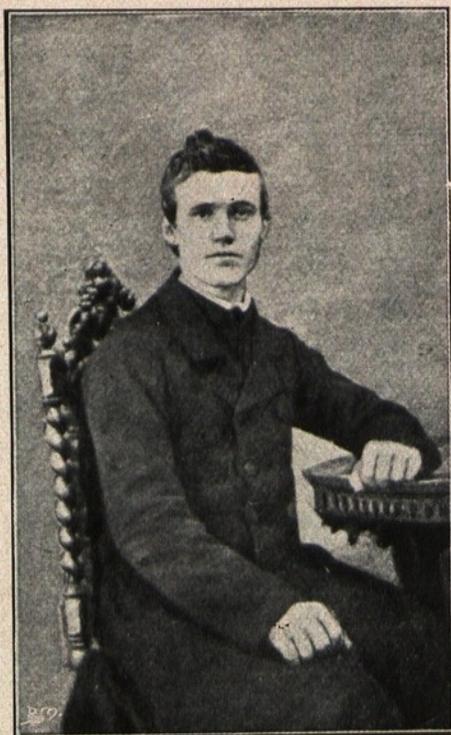
ANGELO SARTO, TERESA SARTO-PAROLIN, ANTONIA SARTO-DE-BEI
E LUCIA SARTO-BOSCHIN, IRMÃO E IRMÃS DE S. S. PIO X

se os paes eram tão pobres! se só tinham uma riqueza: os filhos! Giovanni Battista era, como dissemos, um simples continuo; d'isso viviam, e, á medida que a prole augmentasse, as difficuldades domesticas iriam accumulan-

do-se. Ora, João Baptista e a boa Margarida eram dois corações fundamentalmente religiosos; profunda era a sua crença na Providencia: para esta affluiram pois as suas preces. Rezaram-lhe, rezaram muito, até que a Providencia os ouviu. Tinha o patriarcha de Veneza o direito de collocar gratuitamente no seminario de Padua alguns rapazes pobres, candidatos ao sacerdocio. Por instancias do cardeal Jacopo Manino, entrou José Sarto n'aquelle seminario diocesano.

Calcula-se lá a alegria dos paes! Quanta felicidade encheu a modesta casota do Giovanni e da Margherita no dia em que receberam a boa nova, e sobre tudo quando souberam que o Giuseppino Melchior havia cruzado os humbraes do seminario! Não havia duvida: ouvira-os Deus, rendido ao fervor de suas orações. . .

José Sarto não desmentia as esperanças que sobre elle se haviam fundado, porque se tornou o primeiro entre os seus 39 condiscipulos, como o fóra entre os 43 da escola. Existem ainda — e hoje religiosamente conservadas — as notas do alumno a quem um dia o conclave elegeria Papa: *eminente* nas cadeiras de religião; *eminente* na lingua italiana pela facilidade de interpretar os classicos, pela correcção do estylo e pela vastidão de conhecimentos em litteratura; *distincto* nas linguas latina e grega; *eminente* em geographia; *distincto* na



JOSÉ SARTO, SACERDOTE

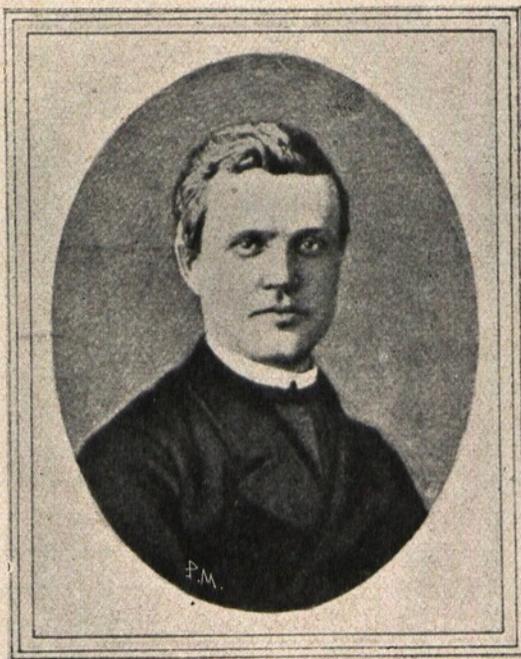
matematica, na physica e nas sciencias naturaes. O que o não impedia de cultivar a musica até com muito amor, mórmente a musica sacra, sendo até regente da capella musical do seminario, no ultimo anno do seu curso. Não terá hoje lazeres para os dar ao orgão ou ao piano: mas quando patriarcha de Veneza, alguns intimos puderam apreciar a virtuosidade do notavel prelado veneziano.

Ainda outros predados se revelaram em José Sarto, quando no carnaval de 1852 se improvisou a recita annual de uso n'essas curtas ferias. Tinha o seminario paduano um elegante theatri-

nho e, n'aquelle anno, a peça escolhida foi *Gli Esiliati in Siberia* (Os exilados na Siberia). Parece que a interpretação foi comoventemente encantadora. Pelo menos, o professor D. Lourenzo Schiari, em carta a um amigo, dizia que o seminarista Sarto incarnara a sua parte *com un sentimento che innamora!*

Adoravel idioma, o italiano, em que os elogios parecem favos, de uma doçura exquisita, trabalhados com o melhor mel do Hymeto!

A vocação, porém, do seminarista era genuinamente ecclesiastica. Em 1858 acabava o seu curso, e uma dispensa de idade concedia-lhe o tomar as primeiras ordens. D'ahi a pouco era ordenado sacerdote em Castelfranco e, a breve intervallo, recebia o provimento da capellania de Tombolo.

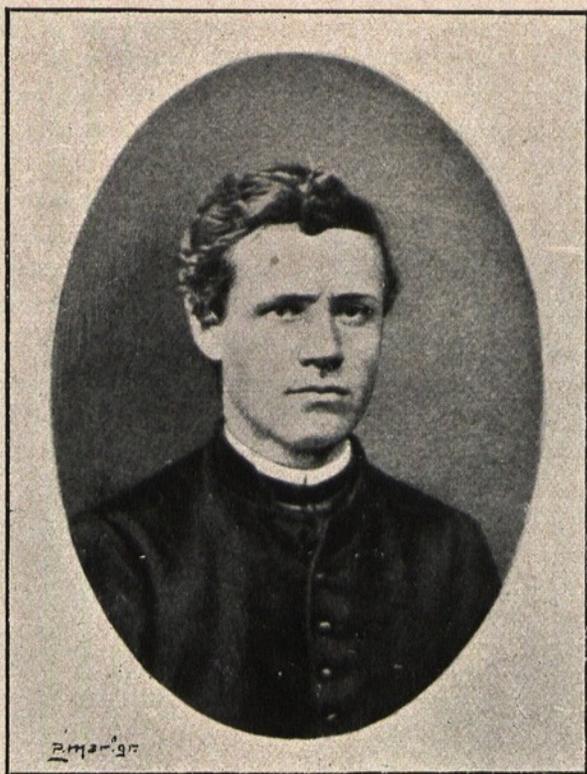


JOSÉ SARTO, CAPELLÃO EM TOMBOLO

Vida simples, toda consagrada ao bem — eis a divisa a que o novel sacerdote subordinou toda a sua acção sacerdotal; assim o foi como capellão de Tombolo, a essa regra se adstringiu como conego de Treviso, cuja nomeação data de 1875; a sua palavra limpida e consoladora, a sua bolsa aberta sempre a todas as desditas, infortunios e misérias, avolumaram a onda de sympathias, o grande amor e respeito de grandes e pequenos pelo bom sacerdote que em

Riese virá a luz do dia. Por maneira que, vagando a Sé episcopal de Mantua, Leão XIII,

que sabia conhecer os homens e honrar as vocações, escolheu, em 1884, o conego Sarto para bispo d'aquella Sé. O unico a ser surpreendido com a noticia foi precisamente Mons. Sarto. Não o foram os outros, não o foram todos quantos o conheciam e sabiam apreciar a sua conducta irreprehensivel, as suas grandes virtudes. A nomeação feita por Leão XIII obedecia á logica, á força das coisas, tanto mais que este pontifice era homem que sabia pe-



D. JOSÉ SARTO, PAROCHO DE SALZANO

que o novo prelado não estivesse á altura do cargo, de que a sua intelligencia e mais

predicados lhe não permittissem arcar com as responsabilidades de tão espinhosa diocese. Para esta — diziam — eram precisas capacidades superiores de politico e administrador.

O bispo de Mantua fez signal ao collega para não intervir em seu favor no discurso. Elle proprio entabolou então palestra com os dois viajantes, fazendo uma lucidissima exposição das responsabilidades que pêsam sobre os hombros de um bispo, quando se encontra á testa



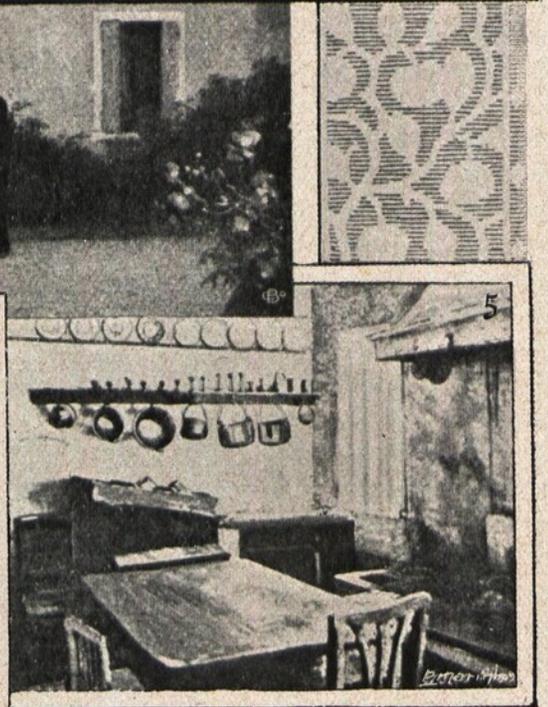
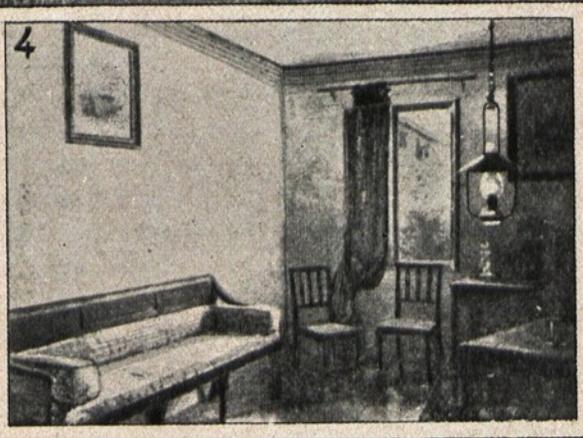
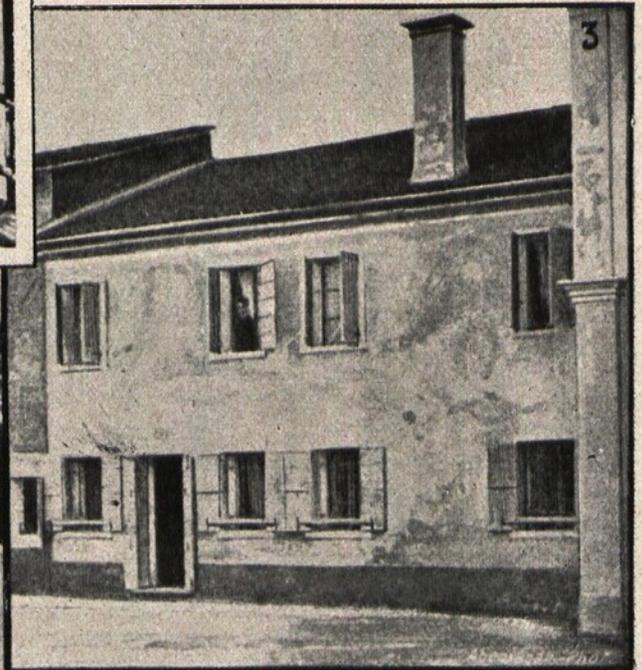
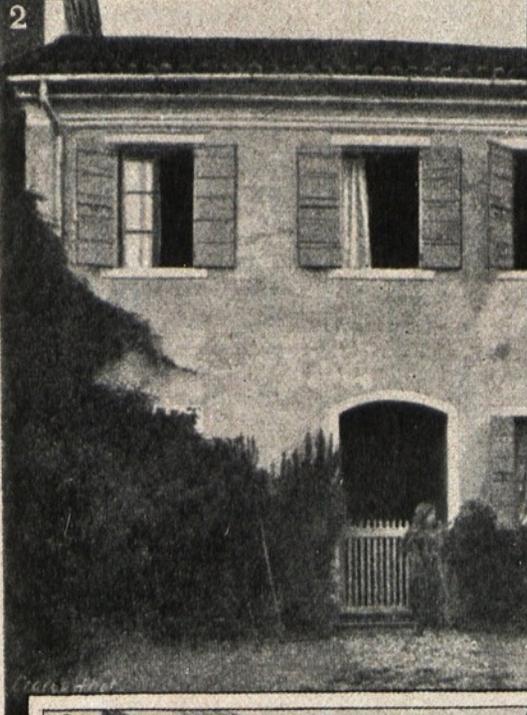
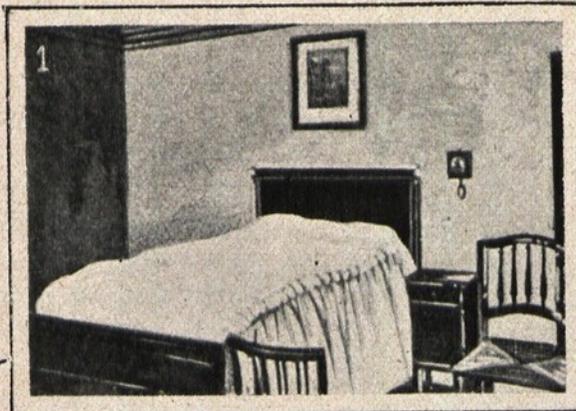
MONS. SARTO, CONEGO DE TREVISO

de uma diocese melindrosissima, por exemplo, como a de Mantua; e concluiu triunphantemente por negar ao novo prelado os requisitos necessarios de tino e governo para essas elevadas funcções.

Imagine-se o espanto de um d'esses viajantes quando, ao acercar-se do companheiro do bispo José Sarto, e perguntando *quem era aquelle distincto sacerdote*, lhe foi respondido:

— MONS. SARTO!

* A entrada d'este prelado em Mantua foi um acontecimento sensacional. Todos bue-



CASA SARTO, EM RIESE

1. Alcôva onde nasceu Pio X — 2. Lado posterior — 3. Lado que dá sobre a estrada — 4. Sala — 5. Cozinha.

riam vêr e saudar o novo bispo, de quem a fama espalhava os mais sympathicos e calorosos commentarios. Na praça, a massa compacta dos diocesanos, acclamava o prelado com vivas atroadores e outras manifestações igualmente carinhosas. O bispo, extinctos os ultimos echos de taes saudações, entrou logo em acção; restaurou o seminario, assoberbado com difficuldades de toda a especie, — e a bolsa do prelado muitas vezes se abriu para esse fim — melhorou os estudos, fortificou a disciplina interna d'esse instituto, bem como apertou mais os laços disciplinares em todas as parochias, tudo isso com muito tacto, com muita mansidão, mas tambem com muita firmeza — *forte in re, suaviter in modo*. O seu lemma foi e tem sido sempre este: «Para haver boa religião é preciso que haja bons sacerdotes.»

Todos gabavam, por outro lado, a singeleza e substancia da palavra no novo prelado — palavra que cahia no coração dos diocesanos, limpida de reflexos, mas turgida de bons conselhos, palavra suave, communicativa e eminentemente consola-

dora. Uma vez que andava de visita pastoral pela sua diocese — era um domingo, em Castelforte — abriu os thesouros da sua sensibilidade paternal a algumas centenas de infelizes que, dentro de poucas horas, emigrariam para a America, em cata do pão que lhes escasseava ou de todo lhes faltava em casa. «Não me pertence julgar, carissimos filhos, se no nosso paiz ha pão para todas as boccas e se são em demasia os braços que pedem trabalho; como quer porém que seja, eu, como pastor de almas, devo antes lamentar a sahida de tantos filhos meus para loga-

res onde difficilmente encontrarão os soccorros espirituaes que, com o favor de Deus, ainda nos não faltaram aqui. Deixar a Egreja onde fomos feitos christãos, onde nos ministraram a primeira communhão, onde tomámos parte em tantas festividades em honra do Senhor, onde temos ouvido a palavra divina, para ir em demanda de paizes onde talvez haja menos confortos religiosos — e muita fortuna será se, na roda do anno, se encontrar um sacerdote e se puder assistir

á missa, — oh! é impossivel, só com esta idéa, não sentir uma grande dôr de alma, não sentir piedade e compaixão!... Recommendo-vos, filhos meus, que conserveis a fé recebida no santo baptismo; que pratiqueis a religião; que procureis, ainda que seja longe, os auxilios religiosos que possam ajudar-vos a supportar as miserias da vida...»

Bem prega frey Thomaz: faz o que elle diz, não faças o que elle faz. E' um proverbio nosso, e, aqui á puridade, um pessimo, um immoralissimo proverbio. Vem isto a significar que a acção disciplinar do bispo de Mantua cahiria



MONS. SARTO, BISPO DE MANTUA

talvez por si, ou relaxar-se-hia, se não viesse de cima o exemplo, — esse exemplo que elle, com uma severidade que ás vezes se transformava n'uma finissima ironia, impunha ou lembrava simplesmente aos outros. Aconteceu alguma vez, certo padre da sua diocese deixar-se ficar na cama, no quente, muito bem afoufadinho contra o frio, esquecendo-se de ir cumprir os seus deveres confessionaes á igreja? Aconteceu; mas como o corrigiu Mons. Sarto? *Sem pau nem pedra*, como é de uso dizer-se, porque foi á igreja e mettu-se no con-

fessionario, substituindo o cura de almas na sua tarefa; de maneira que, quando este, avisado pelo sacristão, corria a vêr quem se atrevera a encafuar-se no confessionario, usurpando funções que a elle competiam, ficava naturalmente *embatocado*, ao vêr que era o seu bispo, em pessoa, o usurpador!

Foi assim que, pouco a pouco, sem choques nem impulsos violentos, prevenindo attrictos, lubrificando peças enferrujadas de

machinismos que já guinchavam, conseguiu levantar a disciplina, fazendo entrar na ordem padres rebeldes, resingões ou ralaços, sem se esquecer, — pois que a justiça era a sua norma, — de prover as parochias campestres de bons ecclesiasticos, presbyterios que jaziam esquecidos havia annos.

Não admirará, então, que a propria imprensa liberal fosse a primeira a prestar homenagem ás qualidades superiormente conciliadoras do bispo de Mantua! . . .

(Continúa.)

S. B.



SONETO

Thema de Felix d'Arvers

Minha vida e minha alma escondem um segredo:
— A cruz d'um grande amôr na qual sou outro Christo—.
Amôr sem esperança occulto sempre a mêdo . . .
E quem m'o inspirou nem sabe que eu existo . . .

Vêem-me os olhos seus, mas d'elles não sou visto;
Sigo-a, e é o prazer que ao peito meu concedo;
É grande o meu tormento e apezar de tudo isto,
Eu nada lhe direi, quer morra tarde ou cedo.

Fê-la Deus dôce e terna e assim continuará
Seguindo o seu caminho emquanto est'alma chora
Um murmurio d'amôr que a morte calará . . .

Ao seu dever fiel e sem saber que aflora
Seu ser nos versos meus, se os ler — ella dirá:
— Quem será a mulher que este homem tanto adora? . . .

José Fuzeira.



(Conclusão)

Egenero limosino tocou, pois, na arte de esmaltar, o grau supremo da perfeição, satisfazendo todas as exigencias. Reproduziram-se em esmalte as obras primas dos pintores da Renascença, com a riqueza e o fulgor que o vidro e os metaes preciosos accrescentam ao effeito da pintura a oleo, trabalhando-se em dimensões avantajadas e ainda não attingidas em esmalte.

Existem placas, vasos, salvas, retabulos, tripticos e muitos outros objectos de esmalte de Limoges, inteiriços, de grandes formatos.

Para cobrir maiores superficies, como frentes de altar, arcas e outros moveis, ou compôr grandes *panneaux*, surgiu o processo dos chamados: *esmaltes de plique*, ou de applicação.

Dos mais notaveis mestres limosinos existem na collecção do Louvre grandes quadros de talha dourada, em que se acham incrustadas numerosas placas esmaltadas, tratando pontos diversos d'um mesmo assumpto, como por exemplo: a vida de Christo.

Lá se encontra o quadro da capella do Castello d'Ecouen, que mede perto de um metro de alto por metro e meio de largo,

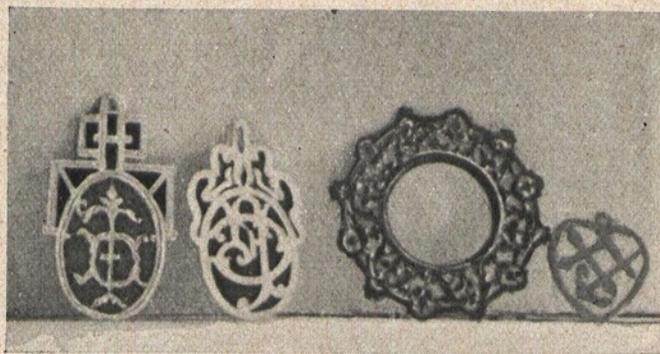
contendo dezeseis grandes placas devidas a Pedro Curteys, nas quaes são tratados os passos da paixão e morte de Jesus.

Hoje, em quasi todos os paizes se esmalta pelo processo de Limoges, sem comtudo se ir além da perfeição attingida pelos grandes artistas limosinos.

Os *esmaltes de pintura*, que seguiram aquelles, graças ao melhor preparo das cores vitrificaveis e das essencias, e a terem mais desenho e perspectiva, são de certo superiores como interpretação do natural; mas como trabalhos de esmaltagem, ficam muito áquem das difficuldades technicas e dos requisitos de saber e

dextreza que os *Limoges* representam.

Posteriormente, nos encantadores *esmaltes Luiz XV*, n'essas obras *mignonnes* e preciosissimas: os retratos em miniatura, os relógios, as caixas para rapé, os agulheiros, os frascos para essencias, as carteiras, e nos objectos requeridos pela moda ás ordens do bom gosto feminino, o pincel experimentado de notaveis artistas fez maravilhas; e a apropriação dos *paillons*, as microscopicas decorações cortadas em folha de ouro ou de prata, tornaram esses esmaltes verdadeiros prodigios de delicadeza e de paciencia.



ESMALTES «À JOUR — A. LOBO D'AVILA

operatoria, como obras d'arte nascidas da alliança da ourivesaria com a pintura e a esmaltagem.

Pelo emprego das tintas vitrificadas, com alguns relevos a branco ou dourado; pelo uso dos *paillons*, a descoberto ou sob translucidos, os *esmaltes Luiz XV* participam essencialmente do processo limosino. Mas o tamanho reduzido d'essas obras de arte, deixa-as n'um plano inferior á grande arte de Limoges.

A mais recente conquista da esmaltagem é dos nossos dias, estando representada nos *esmaltes à jour* ou *transparentes*. Este genero é como que uma imitação reduzida dos antigos vitraes. Obtem-se fundindo esmaltes translucidos entre minusculos caixilhos de ouro ou prata.

O modo de os fazer é ainda desconhecido para muitos esmaltadores. Tivemos occasião de o estudar com um profissional francez, que durante alguns mezes se utilizou da nossa pequena officina de amator.

E' não só n'este genero d'esmaltes, mas na combinação dos translucidos, dando, pela fusão, meias-tintas esbatidas e realizando verdadeira pintura, que se affirma o progresso da esmaltagem artistica

contemporanea em que principalmente se notabilizam a França e a Suissa.

Póde tambem dizer-se que, para as grandes peças, se voltou aos esmaltes de *plique*,

ou de applicação, fazendo-se o que, na technologia de officina se chama: *peças montadas*. N'estas, assim como na joalheria de adorno pessoal, a esmaltagem realisa

hoje com esmaltes translucidos, sobre ouro ou prata, os primores de floricultura e os rendilhados, que são apanagio da delicadissima porcellana de Saxe.

A bem afamada ourivesaria Leitão, produziu no reinado de D. Luiz I, para offerta d'este monarcha a Leão XIII, um precioso calix d'ouro, maravilhosamente cinzelado, com applicações de *esmaltes de caixa*, feitos pelo habil decano

dos esmaltadores de Lisboa, meu amigo e mestre dos primeiros rudimentos da arte, o sr. Ernesto Taborda, actualmente chefe das

officinas do meu amigo sr. Frederico Gaspar da Costa, cujo fabrico de condecorações nada tem que invejar ao que de melhor se faz no estrangeiro.

Como já disse, a combinação dos esmaltes translucidos, os esmaltes à *jour* ou transparentes, apenas circumdados pelo supporte metallico, e, mais ainda, obter os esmaltes fundidos, compondo desenhos polychromos, separando-os depois inteiramente de qualquer sup-

porte metallico, para armar com elles as peças de avantajadas proporções, eis o que representa o progresso da esmaltagem contemporanea.



BROCHE EM PRATA CINZELADA
COM ESMALTES TRANSLUCIDOS

A. Lobo d'Avila



PRATO EM ESMALTE DE LIMOGES
DEVIDO AO AMADOR FRANCEZ MR. BARBEDIENNES

O profissional francez, a que já me referi, trabalhou em Bruxellas, durante mezes, em esmaltes translucidos, sem suporte metallico, para, montados, formarem um pavão de tamanho natural. Conservo em meu poder uma extremidade das lindas penas da cauda, com os seus cambiantes e furta-córes, em que ha grande exactidão.

Entre nós já presentemente se fabricam esmaltes *industriaes* em Lisboa e no Porto.

A respeito, porém, de esmaltes *artisticos*, a questão acha-se estagnada em um verdadeiro circulo vicioso: não se produzem porque não são procurados, e não são procurados porque não são conhecidos.

Admittida a verdade irrefutavel, de que os profissionaes não podem produzir sem retribuição assegurada ao seu trabalho, e não tendo este genero mercado garantido, forçoso é appellar para os amadores, incitando-os a cultivar a linda arte dos esmaltes, creando o gosto e o apreço por ella, que de futuro possam abrir-lhe mercado convidativo para os trabalhos de artistas de profissão.

O esmaltador parisiense, Mr. Gagneré, não pode manter-se em Lisboa por falta de trabalho; e não obstante, larga copia de esmaltes artisticos se vende entre nós, importados do estrangeiro, e adquiridos por compradores que não conhecem senão muito superficialmente taes obras d'arte.

Sempre que leio as resenhas das nossas exposições de trabalhos de bellas-artes, deploro a ausencia dos esmaltes sobre metal, que tanto se faz sentir entre os numerosos

e variados exemplares de arte applicada. E deploro tanto mais esse facto, por quanto é certo que nenhuma especialidade artistica existe mais propria de amadores, pelos seus encantos, pela utilidade do uso pessoal que pode ter e pela facilidade em ser principiada e concluida pela mão do amator unicamente, e no seu proprio domicilio, graças aos meios que a sciencia e a industria teem posto ao seu alcance, facilitando-lhe a aquisição de ferramentas, utensilios, esmaltes, tintas, pinceis, todo o material, emfim, de que pode carecer.

Esta arte, mais bella e mais valiosa do

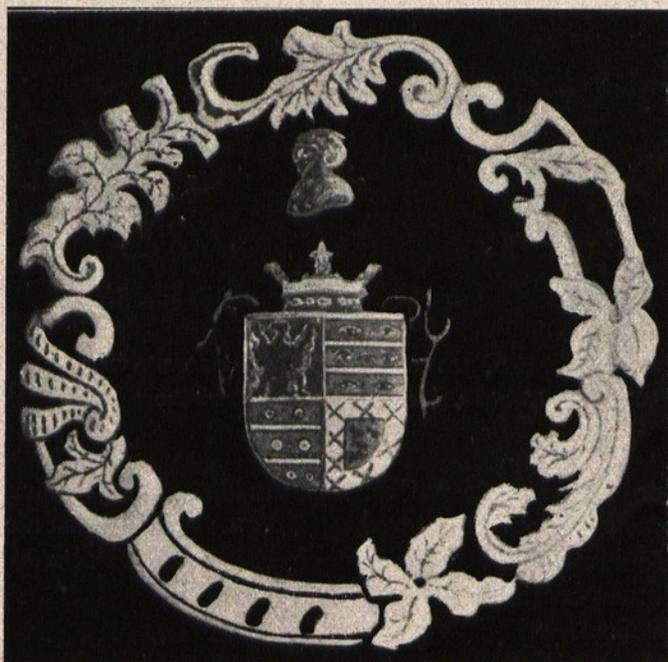
que a ceramica, cujos trabalhos especiaes de pintura vitrificavel, sobre faiança ou sobre porcellana, tanto attrahem o labor dos curiosos, é victima, estou persuadido, do seu desinteresse, porque aos amadores assusta a perspectiva das suas difficuldades praticas.

E' preciso, porém, distinguir entre essas difficuldades. Não se pode exigir, sensatamente, ao amator, que seja um mestre, que

se abalance aos grandes trabalhos, ás supremas difficuldades que só os profissionaes logram vencer.

Mas não é menos certa a força do adagio: *estuda e serás mestre*. Sem começo laborioso, sem lucta com as difficuldades do inicio, é que nada se consegue.

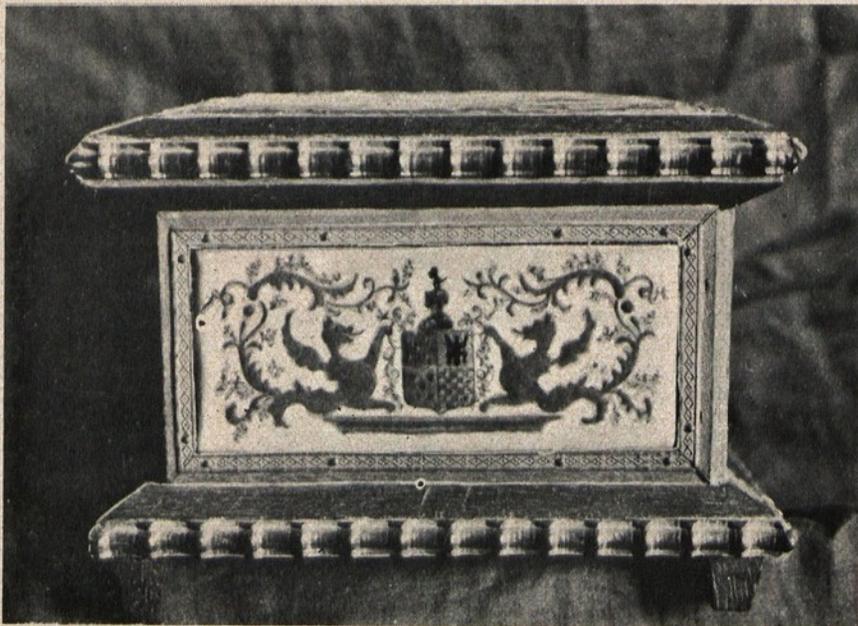
Depois do incansavel amator, mais tarde verdadeiro artista, que foi Cifka, cujas faianças tão alta cotação teem hoje, e que alguns esmaltes artisticos me consta ter feito para el-rei D. Fernando, creio terem sido o talentoso Visconde de Coruche e o auctor d'estas linhas os unicos curiosos que, entre nós, teem procurado fazer alguma coisa n'esse genero. O meu saudoso amigo, o Vis-



PLACA EM ESMALTE DE LIMOGES
A. Lobo d'Avila

conde de Coruche, dedicou-se especialmente á photographia em esmalte, logrando vencer-lhe as muitas difficuldades e produzir trabalhos primorosos.

Pelo que respeita aos outros generos de



COFRE COM ESMALTES DE APPLICAÇÃO, LIMOSINOS, POR A. LOBO D'AVILA
Pertence á Ez.^{ma} Sr.^a D. Maria Amalia Vaz de Carvalho

esmaltes artisticos, por exclusão de partes, e na intenção de attrahir novos cultores, sou forçado a falar de mim. Exoro os amadores que tiverem algum conhecimento do desenho, da pintura, e, melhor ainda, se não forem completamente leigos em modelação, a tentarem a esmaltagem.

Que á falta de melhor incentivo o meu exemplo os anime. Muito mais poderão conseguir, porque não realisarão a tentativa nas condições precarias do meu caso, em que a determinou uma doença que me forçara ao afastamento dos trabalhos intellectuaes, ao passo que, na carencia de dotes artisticos, só podia contar com a relativa força de vontade d'um enfermo. Não obstante, a obstinação, a persistencia, alguma coisa lograram. Muito mais poderão, seguramente, conseguir, os de boa saude e averiguada aptidão.

No meu solitario tirocinio de aprendiz, muitas vezes as tentativas para alcançar os resultados, garantidos nos livros dos mes-

tres, contaram-se por dezenas, arrastando-se por dias e semanas consecutivas de insuccessos desanimadores. Mas de subito, imprevisamente, o exito surgia, reacendendo a confiança nas theorias, e no alcance da tenacidade.

Infelizmente, quanto mais se avança na vida mais se vão perdendo os enthusiasmos dos seus melhores tempos; e a falta de incentivo, para não dizer o desalento, mais se faz sentir, tornando verdadeiramente penoso o trabalhar só, quando se deplora a ausencia d'um talentoso coadjuvante prematuramente arrebatado pela morte.

Ha annos, alguns trabalhos comecei a fazer de collaboração com o mallogrado pintor Augusto Paschoal Corrêa

Brandão, alumno laureado da Academia de Bellas Artes, artista de assignalado talento, que, apenas terminado o curso, tão brilha-



PLACA DO TAMPO DO MESMO COFRE

mente revelou as suas notaveis aptidões no concurso para o quadro da descoberta da India, por occasião do Centenario.

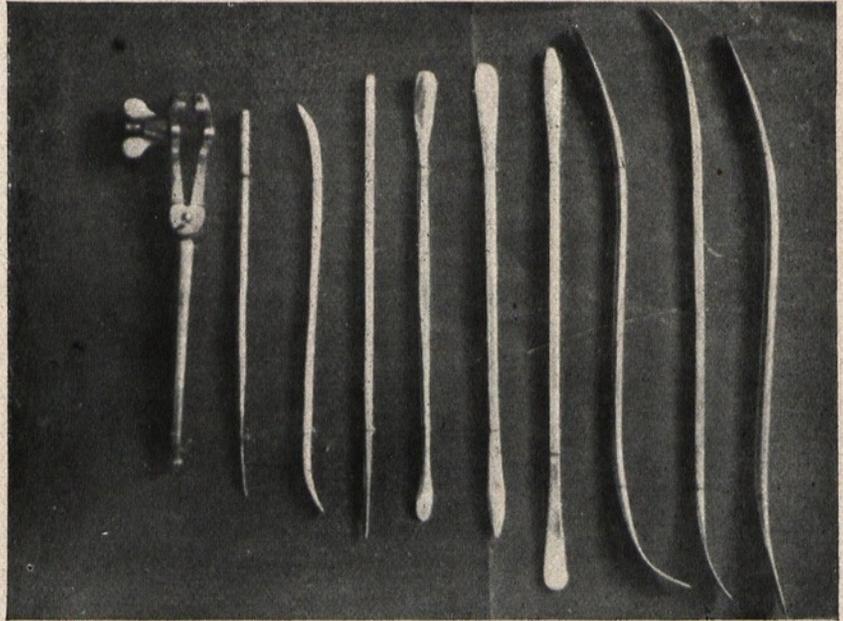
Juntos trabalhámos durante os tempos em que elle luctava para obter uma cadeira de professor. Ensinar o desenho, em que era insigne, difundir os conhecimentos que

possuía, era o seu sonho dourado; e veio a realisal-o, tornando-se um dos mais prestimosos e conceituados professores das escolas industriaes. O que elle conseguiu nas suas cadeiras da escola industrial do Funchal, mereceu-lhe alta cotação nas estações officiaes, e demonstrou-se em trabalhos notabilissimos enviados á exposição do Rio de Janeiro. Como tyranna que é, a morte compraz-se em ceifar mais cedo os seres de eleição.

No esmalte de Limoges representando Santo Antonio, de que não damos a photogravura por deficiencia do *cliché*, collaborou Augusto Brandão, fazendo a pintura dos rostos e das extremidades, e parte da decoração.

Por feliz me daria se novos e decididos amadores da pintura e da ceramica quizessem tentar a esmaltagem artistica, e do melhor grado, a par d'um tal ou qual peculio de informações, poria ao seu alcance e disposição um conjuncto de materiaes e utensilios, que só com bastantes fadigas é possível reunir no nosso meio.

Em França e n'outros paizes, os esmaltes



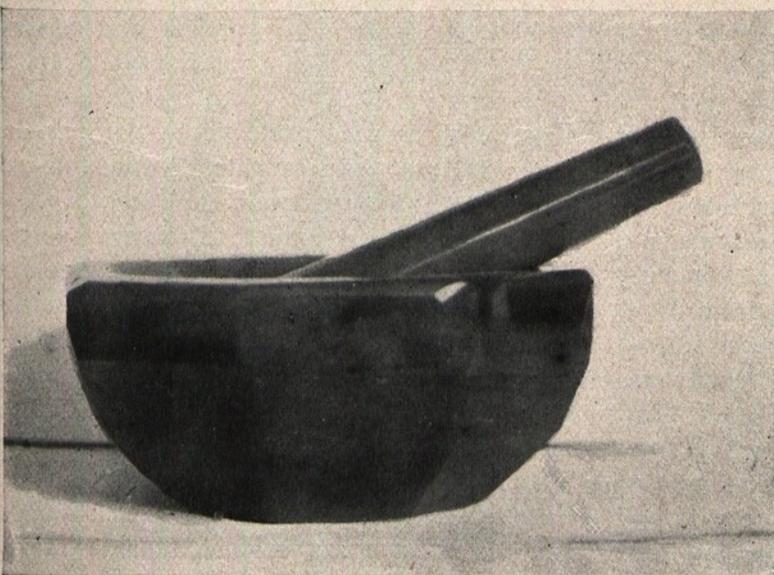
TORNILHO E ESPATULAS DE ESMALTAR

artisticos são cultivados por numerosos amadores e amadoras, distinguindo-se entre estes curiosos verdadeiros mestres.

A copiosa bibliographia sobre esta especialidade, compõe-se, quasi totalmente, de obras escriptas por elles, ou por abalisados colleccionadores.

Depois de enumerar as facilidades que em Paris o amator encontra para adquirir material e installar a sua officina, Ris Paquot escreve, na obra já citada :

«A pintura sobre esmalte, ao contrario das outras artes, não priva, de forma alguma, o artista que a executa das dôces e amaveis relações mundanas que entreteem e fomentam a amizade, d'esses recreios joviaes, de essas conversações amaveis que encantam os mais bellos e preciosos annos da vida. Uma senhora praticando esta arte, fica o que era antes, tão bella e mais rodeada do que nunca, precisamente em razão d'esta arte que acrescenta mais um attractivo e um novo successo ao seu talento.» (1)



ALMOFARIZ DE AGATHA PARA REMOER OS ESMALTES

(1) *Guidé pratique du peintre é moilleur amateur*, pag. 73.

Com effeito, o esmalte tem regalias e vantagens especiaes a compensar as suas difficuldades. Assim, por exemplo, o amador não é forçado, como na pintura em faiança ou em porcellana, a confiar o seu trabalho ás mãos, praticas sim, mas em todo o caso mercenarias, d'um forneiro de profissão.

O producto do trabalho, as mais das vezes apaixonado e laborioso do amador, sae-lhe n'estes casos da vista, para ser encerrado, com indifferença madrasta, n'uma qualquer caixa de barro refractario e depois atirado para a pilha enorme da cosedura industrial, em que se faz vista grossa aos azares do forno, prévia e commercialmente já descontados no coefficiente do refugo.

Com o esmalte não succede nada d'isto. Pelas suas qualidades fusiveis, o esmalte derrete-se e *banha* a chapa metallica em minutos ou segundos; e essa operação póde e deve ser passada sob o olhar attento do esmaltador, para retirar o trabalho da mufla rubra, evitando que uma demora, ás vezes instantanea, o requieme.

Ora, um forno de esmaltar a carvão, installa-se em qualquer chaminé; e os modernos fornos a gaz, aquecidos por bicos de Bunzen, pódem funcionar em qualquer compartimento, uma vez que a chaminé communique com o ar livre. Ainda ha, porém, fornos mais commodos; são os chamades: *fumiveros*, com a corrente d'ar combinada com o gaz, para augmentar o poder calorifero, quer a corrente seja produzida por folle de pedal, quer por apparelho automatico. Os fornos d'este systema pódem collocar-se em qualquer sala, e mudar-se de uns para outros compartimentos, sem requisitos especiaes de installação.

No trabalho dos esmaltes artisticos, desde a preparação da chapa, ou peça metallica, até aos ultimos retoques na pintura, ou acabamentos na decoração, succedem-se operações diversas, nos *atelieres* executadas por artistas de profissões distinctas.

A preparação da simples chapa é feita pelo embutidor; se tem relevos, póde intervir o lavrante, ou o gravador, se tem lavores a buril. Se se trata d'uma caixa, ou de qualquer outro objecto, o torneiro em metal, o ourives, ou, presentemente, o galvanoplasta, pódem tornar-se necessarios. Mas o amador

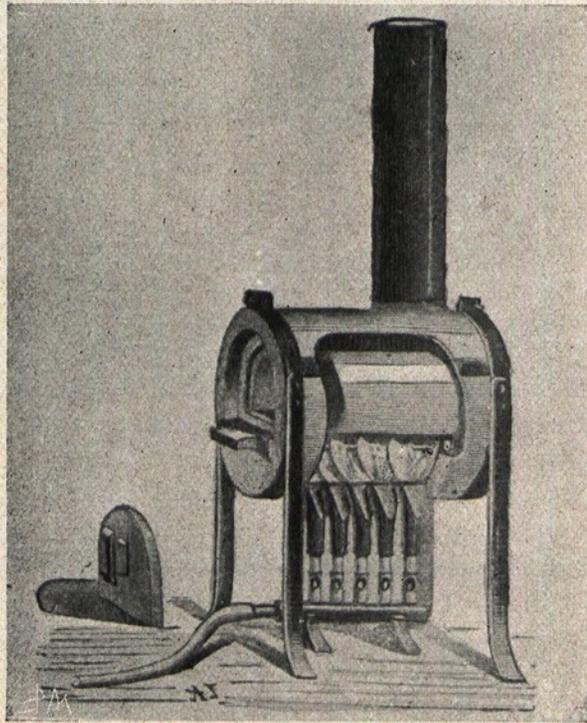
encontra todos estes artigos á venda, promptos a esmaltar.

O esmaltador, toma a peça unicamente para a revestir com as camadas de esmalte. Se é destinada a simples esmalte de pintura, a obra passa ás mãos d'um pintor, que póde conhecer, ou não, o trabalho do forno, conforme a pintura é por elle mesmo cosida, ou por outro artista.

Se o trabalho é no genero limosino, tem de intervir um artista que conheça a modelação, a collagem das fo-

lhas de ouro ou de prata, e dos *paillons*, da sua cosedura, da *couverte* de fundente, e conheça estylos e entenda de decoração.

Na esmaltagem industrial, observa-se rigorosamente a divisão do trabalho. Nos esmaltes artisticos, já não é tanto assim, sendo comtudo raros os casos em que um só profissional comece e conclua todas as operações. O habil esmaltador francez a que já me referi, não praticava a pintura nem a modelação. Nos trabalhos d'este genero que em Lisboa executou, fui ao mesmo tempo seu aprendiz e seu collaborador. Algumas ourivesarias da capital tiveram ensejo de o averiguar.

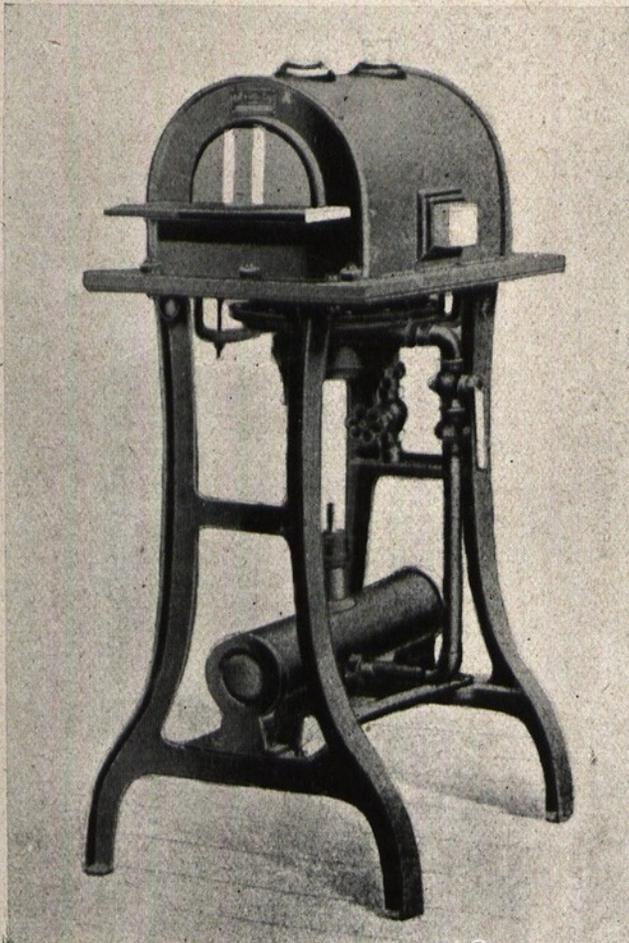


FORNO DE ESMALTAR
AQUECIDO POR BICOS DE BUNZEN

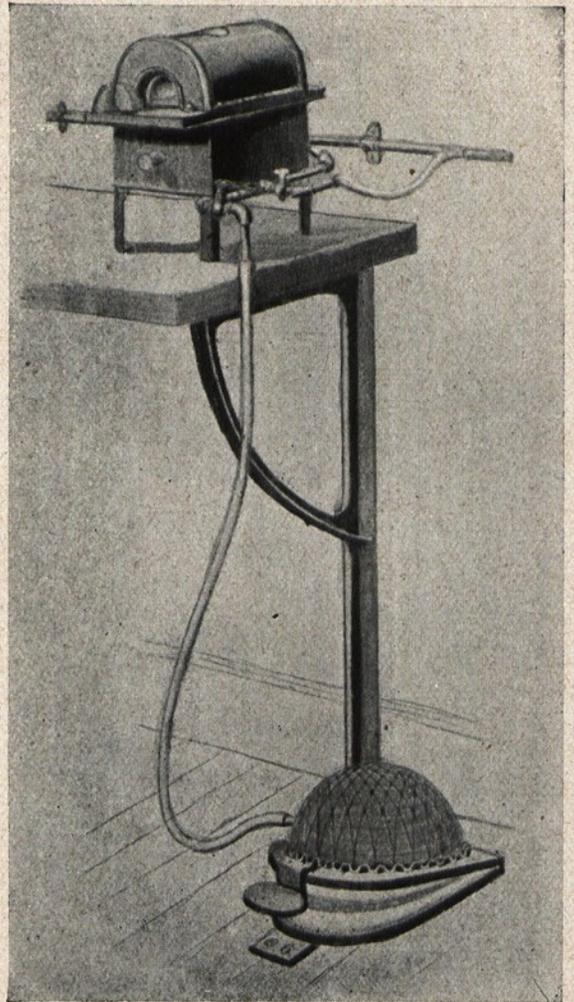
O amator de aptidões e de boa vontade, pôde, e, no meu entender, deve, executar todas essas diversas operações. O trabalho é assim muito mais empolgante, e, por mais variado, faz sentir menos o effeito moral dos contratempos, dos insucessos e das difficuldades.

Não querendo esmaltar por suas mãos, mas apenas pintar ou decorar esmaltes, encontra o curioso no commercio estrangeiro peças e placas esmaltadas para esse effeito. Ainda na hypothese de querer esmaltar, pôde eximir-se aos trabalhos mais fatigantes, como são o remoer os esmaltes, ou o lotar as côres vitrificaveis com os fundentes para melhor conhecer o material com que trabalha. Os esmaltes, pôde mandalos vir de França, de Italia ou da Suissa, já pulverisados, e passados por peneiro mais ou menos fino, segundo o trabalho a que os destinar.

Pelo que respeita á pintura, as conhecidas casas Lacroix, de Paris, e Wengers & C.^a, de Inglaterra, fornecem tudo o que se careçe: côres remoidas ou em pasta, essencias, pinceis, etc.



FORNO A GAZ COM APPARELHO AUTOMATICO
PARA PRESSÃO D'AR



FORNO A GAZ COM FOLLE

Para obter os *paillons* d'ouro ou de prata, tem que se recorrer á Suissa. Ultimamente, ouvi que em Milão, onde tão avançadas se acham as artes industriaes, se fabricavam tambem essas mycroskopicas e preciosas decorações, de que ainda ha pouco só constava existirem na Europa duas fabricas suissas.

Os fornos e as peças de barro refractario encontram-se em todos os grandes centros industriaes, sendo Barcelona o mais proximo. Existe n'essa cidade uma succursal da importante casa allemã de Fries & C.^a, cuja séde é em Dusseldorf.

Muitas outras informações poderia ministrar sobre o complexo assumpto dos esmaltes artisticos. Mas só poderão aproveitar ao amator disposto a emprender qualquer trabalho. Para a grande maioria dos leitores seriam por certo fastidiosas e talvez incomprehendidas.

Assim, melhor é concluir este artigo pondo o meu limitado prestimo á disposição de quem desejar maior copia de esclarecimentos, dando-me por feliz em concorrer para que a

interessante esmaltagem d'obras d'arte venha ainda a ter entre nós cultores numerosos e perseverantes, como se nota nos centros de maior cultura artistica.

Lisboa—Outubro de 1909.

ARTHUR LOBO D'AVILA.

Silva pequenina

Velho estilo

A huma Silva

MOTE POPULAR

*Uma silva me prendeu
Uma silva pequenina;
Não ha cousa que mais prenda
Que esses teus olhos, menina!*

GLOSA

*Eu vivia livre, isento
Sem affectos, sem paixões;
Não conhecera o tormento,
Nem magoas do desalento,
Não conhecera illusões.
Chegou um dia fatal,
Este bem se me perdeu
Como se parte um cristal...
Uma silva me fez mal,
Uma silva me prendeu.*

*Seus aculeos me rasgaram
O coração que padece;
Se os perfumes me encantaram,
Ai, de todo perturbaram,
Meu peito que desfallece.
Foi bem negra a sorte minha;
Foi bem triste, bem mofina,
Pois não encontro mézinha
Ao que lhe fez, tão asinha,
Uma silva pequenina.*

*«Ferros d'el-rei são prisões»
Em que gemem condemnados;
Os teus olhos são grilhões
Que acorrentam corações
E os tornam desgraçados.
Se de amor aos doces laços
Ninguem ha que se não renda,
Da verde silva os abraços,
Enleiam, gentis baraços;
Não ha cousa que mais prenda!*

*As vivas chammas escuras
Desses olhos de setim,
Dessas duas fermosuras,
Hão de causar amarguras.
Olhos que riem assim!
Nunca se deve fitar
A sua luz peregrina;
Não é mais profundo o mar
Nem mais suave o luar,
Que esses teus olhos, menina!*



A vida na cidade e nos campos

A INFLUENCIA DA INSTRUCCÃO

I

A educação das populações ruraes

A' falta de mais largos elementos de observação que não podémos obter, restringimos as referencias que passamos a expôr sobre a vida e condições moraes, economicas e demographicas das parochias, aos districtos de Vianna do Castello, Braga, Bragança, Villa Real, Porto, Aveiro, Coimbra, Guarda e Vizeu.

Em todos estes districtos ha um traço commum que torna semelhante a vida das parochias ruraes que os constituem.

A vida das populações ruraes dos restantes districtos não differe muito da que passamos a descrever, e cujo conhecimento muito convem aos que teem de intervir na educação do povo portuguez.

As parochias ao norte do Mondego existem taes como hoje se encontram na sua feição ethnica e nos limites da freguezia, desde o seculo XIII. O regime da propriedade tambem não tem variado muito. As leis de desamortização da terra, e o direito successorio do Codigo Civil de 1868, bem como a lei da extinção dos morgados, influiram no emtanto na extensão das propriedades. Ao norte do paiz não existem grandes latifundios. O systema de partilhas, sem morgadios, tem parcellado a terra, e,

por motivo da grande divisão das heranças em quotas iguaes pelos filhos, e pelo accidentado da região, não é possivel a cultura por meio de machinismos agricolas modernos como no Alemtejo (1).

A alienação da propriedade rural é rara. O amor á terra, as difficuldades das transacções sujeitas a um systema moroso, tão opposto ao Acto Torrens; a pobreza; a falta de capitaes, que só os emigrados que regressam do Brazil mingudadamente corrigem, explicam a fixação da propriedade rural.

A população trabalhadora das parochias ruraes, ao norte do Mondego, offerece pequenas differenças ethnicas. O minhoto é mais economico e mais desconfiado que o trasmontano; o trasmontano é mais aspero de character e mais emprehendedor que o minhoto; o beirão é mais tenaz que o trasmontano; mas todos estes typos de população rural revelam facilidade de disciplina social; mediocre amor de innovação; aferro ao tradicionalismo. Nalgumas parochias do littoral, onde á industria agricola se junta a industria da pesca, apparecem typos que pela dolyccephalia mais accentuada, pela côr clara, pelos cabellos louros, revelam as pequenas immigrações que do norte da Europa teem vindo para o littoral portuguez,

(1) ANSELMO DE ANDRADE — *Portugal economico.*

por motivo das relações provenientes da pesca do bacalhau.

Mas estas immigrações não teem influido no caracter geral da população.

As culturas do norte do paiz são secularmente as mesmas. A cultura do trigo, do milho, do centeio, para alimentação panificada; a da cevada e de fenos nas terras humidas ou lameiros, para alimentação dos gados — o boi, o cavallo, o jumento, a ovelha e a cabra, é geral ao norte do Mondego. Mas acontece que até no mesmo districto ha regiões de pequenas diferenças culturaes.

No districto de Villa Real, por exemplo, o milho é o alimento panificado no concelho de Boticas, o centeio no de Montalegre; e o trigo, por ser pouco abundante, não é alimento usual, no norte do paiz, para as classes pobres. No concelho de Montalegre ainda ha pouco tempo se panifica o trigo. E assim, apesar de ser pouco abundante a cultura do trigo no norte do paiz, por que é restricto o seu consumo, as populações ruraes ao norte do Mondego não carecem de importar aquelle cereal, pois que o milho e o centeio o substituem na alimentação.

A acção educativa da escola poderia ir dispondo as gerações novas a tornar mais intensa a cultura da terra, pela acção dos adubos, pela regularização dos pousios, pela abertura de pequenos canaes distribuidores das aguas, pela arborisação da serras incultas. E poderia o professor primario fazer comprehender aos espiritos simples dos filhos dos trabalhadores dos campos a vantagem da associação para, por meio de quotas, criarem caixas economicas, que poderiam, como na Allemanha, transformar-se em bancos populares, de credito agricola (1). E assim haveria adubos com maior facilidade, evitar-se-ia a usura de bancos de exploração que infestam o norte do paiz, porque o capital-terra não pôde utilizar o dinheiro a 10 por cento.

O professor primario educaria os filhos

dos trabalhadores dos campos ensinando-lhes as vantagens da hygiene nas terras onde a agua corre em caudaes, e onde as crianças se não lavam, nem comprehendem as vantagens do banho. Criando prestigio, o professor primario faria o milagre de tornar rico o povo portuguez; insinuaria ás crianças a vantagem de se lavarem, de equilibrarem o trabalho com o descanso, de juntarem capital pela economia e pela associação, de se alimentarem com sobriedade mas com sufficiencia. E tambem levaria á choupana do trabalhador do campo a convicção de que em Portugal está na agricultura a base da riqueza nacional. Ha no mundo *deficit* de alimentos; isso prova-se pelo facto de haver quem tenha fome, porque os ricos não jantam duas vezes e não escondem os viveres. Resta, portanto, augmentar a producção dos alimentos para que elles cheguem para a população humana. O mundo moderno tem andado entretido com a producção de automoveis, de chapéus modelos, de tecidos elegantes, de manufacturas, de pedras preciosas que invadem os povos europeus. Mas nada d'isto augmenta a producção dos alimentos, antes a diminue, porque retira braços que deveriam destinar-se a arrancar da terra o pão, de que a população humana carece.



LAVANDEIRA DE LOURES

II

A instrucção como meio de riqueza

Se o industrialismo moderno assim continuar, chegar-se-ha a ter milhões de diamantes, mas não haverá quem os compre, porque a fome terá morto a humanidade sem pão.

Em Portugal a tentativa de criar riqueza por industrias exóticas, além de ter encarecido o vestuario, e todos os productos, tem deixado ao abandono a unica riqueza séria — a agricola. Cumpre ao professor primario iniciar o ensino da agricultura scientifica, para que Portugal seja rico pela producção dos cereaes, das fructas, das flôres, dos gados, dos lacticinios, etc., — e tão rico,

(1) CARRAU — *De l'education.*

que poderá exportar cereaes, em vez de os importar, e cobrirá o *deficit* actual de 25:000 contos, que a balança do commercio indica, com a venda de flôres, essencias d'ellas havidas, e de fructas deliciosas que melhores não ha em qualquer outro paiz do mundo.

Ao professor primario portuguez está destinado maior papel do que ao allemão, do qual apenas se diz que venceu os francezes em Sédan.

Ao professor primario portuguez está destinado o papel de vencer... a fome, quando ensinar ás novas gerações das populações ruraes a trabalhar nos campos com methodo, com tenacidade e com opportunidade (1).

Conseguirá assim o professor primario desviar os filhos do povo do empregomania, mostrando-lhes quão superior é o trabalho agricola ao sedentarismo improductivo. O Estado então não terá de alargar ruinosamente os quadros dos funcionarios civis e militares, sob pretextos fementidos de seriedade governativa, mas em verdade pela razão de ter de calar uma alluviação de diplomados inuteis que preferem uma farda ao prazer innefavel de produzir alguma cousa.

E' na educação popular que pode estar a salvação do paiz.

Hoje nas populações ao norte do Mondego, apesar da construcção da novas linhas ferreas, a vida commercial resente-se da falta de educação para o trabalho, porque a população se mantem ainda nas formas tradicionaes. E' nas feiras que principalmente se fazem as permutas do commercio agricola.

A exportação dos vinhos está prejudicada, dado que em Hamburgo se fazem vinhos baratos para todos os paladares. Não é facil encontrar consumidores. E como não ha outros productos para exportar, o commercio nas parochias ruraes do norte é

primitivo e minguido. Na região montanhosa de Traz-os-Montes, onde, pela abundancia de aguas, se podem desenvolver *lameiros* de extensissimas pastagens para gados, poder-se-hiam desenvolver industrias ricas, como a de lacticínios, coiros, criação de gados, producção de lã, etc.

E o Minho, pela cultura de flôres e fructas, poderia ser uma riquissima região onde o commercio externo viria procurar productos sem igual (1). Mas não é com os 30:000 contos de réis que annualmente se gastam com os funcionarios civis e militares que tal obra se ha de realizar... a não ser que aquelles funcionarios sejam mandados arborizar as montanhas escarpadas, abrir canaes no Alemtejo e na Extremadura, e arrotear as charneças...

As parochias do norte de Portugal, umas dominam a cumeada das serras; outras assentam na elevação dominadora dos planaltos; outras abrigam-se nas encostas, muitas vezes sob a guarda de velhos castellos medievaes que se firmam nas cumeadas proximas, e outras espraíam-se á beira-mar, vivendo da industria da pesca, ou assentam nos ferteis valles, regados pelo serpenteado de um rio que aduba com o seu nateiro — jardins, pomares, searas, hortas e campinas. Não ha

montes em maior elevação do que 1:400 metros acima do mar, e ahi a neve e gelo obrigam, como na Beira e em Trás-os-Montes, a um regime especial de hybernamento: as casas são cobertas de colmo; os gados alimentam-se nos curraes com feno secco, durante tres ou mais dias, porque as nevadas não deixam as pastagens a descoberto; os pastores cobrem-se de pelles e de corçoas. E a vida simples do aldeão das regiões frias dá-lhes habitos de uma sobriedade rara. Regiões ha onde o dinheiro é quasi desnecessario, porque tudo se adquire pela troca entre vizinhos. O lume é conser-



UM PASTOR

(1) VANDERVELDE — *L'Exode rural et le retour aux-champs.*

(1) FREDERICO LARANJO — *Theoria geral da emigração.*

vado permanentemente na lareira, onde a familia se agasalha, e onde as fiandeiras cantam ao serão descantes de amor ou cantigas mysticas a Deus. E quando o lume falta o vizinho fornece-o á lareira apagada. O calçado é feito pelo irmão mais enge-nhoso da familia, ás vezes com a pelle cur-tida de uma velha rez abatida. As peugas, as camisas, as calças e a jaleca, como o avental, o saiote e a sáia de linho, de es-topa ou de burel, tudo é plantado, arran-cado, cardado, fiado, enovelado, tecido, ta-lhado, cosido em familia, porque o pae e os filhos cortam a lã e sementam o linho, e as irmãs, nas horas vagas do labor dos campos, com a agulha fazem as peugas para toda a familia; com o cardador limpam o linho, e fiam a lã, para tecerem em reares feitos em familia todo o vestuario, in-cluindo as rendas com que as raparigas se en-feitam ao domingo, ou dias de festa, quando as ruas da aldeia chei-ram a rosmaninho, para passar a procissão que sae da igreja.

III

A acção do profes-sor sobre a po-pulação dos cam-pos

Tal é a vida simples das aldeias do norte de Portugal. Tal é o campo reservado ao professor primario que ha de respeitar as tradições simples do povo para o levar a um melhor estado de trabalho e de riqueza. O commercio reduz-se a irem os lavradores dos campos, em jumentos, levar á villa proxima, em dia de feira, semanal ou quin-zenal, uns *alqueires* de cereaes para com-prarem o petroleo da illuminação caseira. o azeite se falta no local, e, quando muito, para maiores dispendios, umas varas de per-cale para fatos de casamento, em dias ra-ros de luxo.

Tal é a vida simples da grande maioria

do povo portuguez, onde 60 por cento da população vive do trabalho dos campos.

Em regra, ao norte do Mondego, entre a população rural, todos são proprietarios, e o capital de cada familia em courelas e ga-dos varia entre 1 e 12 contos de réis. To-dos vivem do seu capital, e quando algum vizinho não tem *eira nem beira*, chama-se *cabaneiro*. Todos pagam contribuição pre-dial, e para satisfazer este encargo chega a venda das «crias». E' dos gados que o tranquillo aldeão tira o dinheiro para pagar as contribuições ao Estado. E em verdade as familias dos campos pouco sentem a in-fluencia da vida da cidade. Não ha illumina-ção nas ruas da aldeia; a limpeza publica,

como a policia, é feita pelos vizinhos. Agora que se trata de enviar a todas as aldeias um professor primario que eduque aquellas popu-lações simples, sem lhes fazer perder os habitos de disciplinado trabalho, é necessario que o professor não seja um homem saído dos grandes centros de po-pulação, ou uma senho-ra alheia á vida traba-lhosa, rude e simples dos campos (1).

De Lisboa vão todos os annos mais de cin-coenta professores e professoras para as aldeias simples que nada se parecem com a vida desgraçada de Alfama, com a miseria da Mou-

raria, ou com a desenvoltura do Rocio e do Chiado.

Os diplomados pelas escolas normaes de Lisboa, por necessidade, como quem evita o degredo na Africa, lá acceitam uma cadeira de ensino primario nas parochias de Barroso, de Miranda, Ceia ou de Pinhaços.

Cáem ali como que num abysmo, porque tudo os horroriza. Vão educar os filhos dos



FIANDEIRA DO MINHO

(1) ALFRED FOUILLÉE — *L'enseignement au point de vue national.*

simples aldeãos para os quaes é *S. Carlos* o Bemdito entoado na igreja matriz; é escola philosophica o catecismo explicado pelo parochio, e museu de pintura e estatuaria o altar das Almas e o altar-mór do templo de Deus, é bibliotheca, o devocionario, a *Missão abreviada* do Padre Couto e o *Flos Sanctorum*, lidos depois da missa das Almas; e é escola de rhetorica a declamação parenetica do sacerdote em dias de festa do orago.

As procissões são os cortejos civicos do povo simples, e o seu *sport* são o carregamento dos andores e dos pendões.

E o professor ou professora que sáe de Lisboa, do Porto ou de Coimbra, não conhece o meio em que vae ser tambem elle como que um sacerdote.

Tem de ensinar a hygiene, que o aldeão pratica pela abstinencia das sextas e sabbados, pela guarda dos dias santos e pelas abluções de agua benta, sem offender as tradições populares.

Grande e difficil é a missão do professor primario, que não pode ser preparada com o esteril conhecimento livresco.

Só pode ser bom professor primario o que conhece o povo onde professe, e para ensinar as vantagens da agricultura junto á charrua, ao ar livre, quando os cavadores mondam os tri-gaes ou plantam as hortas; para ensinar noções de chorographia por meio de passeios apropriados, de orientação local e disposição topographica; para fixar noções de arithmetica pela combinação de unidades de objectos de uso commum; para ensinar economia domestica social junto ao lar onde se consomem os productos, e para formar os caracteres civicos por meio de

exemplos de rectidão, bondade e abnegação (1).

E' diversa a população e a area das parochias. Ao norte do paiz é mais uniforme a divisão parochial. As freguesias ruraes em regra variam entre 250 e 70 fogos, ou entre 1:200 e 300 almas. Em geral com-



SERVIÇAL DO MINHO

prehendem dois, trez ou mais logares muito separados uns dos outros.

A média annual da natalidade nas freguesias ruraes, é de 5 por cento, a da mortalidade é de 3,5 por cento e a dos casamentos é de 1,2 por cento.

(1) M. BREAL — *Quelques mots sur l'instruction publique en France.*

Na parte montanhosa, ao norte do Mondego, os terrenos incultos são ainda em média de 25 por cento, mas freguesias ha no districto de Villa Real, em que os incultos excedem a 50 por cento da area total da freguesia. E certo que os gados pastam nas terras incultas, quando estão cobertas de urze, tojo, carqueja, giestas, etc. E o torgo é arrancado para d'elle se fazer o carvão, de uso vulgar nas la-reiras.

A arborização systhemática não é conhecida das populações ruraes, embora se encontrem nas serras de Larouco, Barroso e outras, matas de carvalhos que poderiam ser grande riqueza de madeiras para mobiliario rico. Mas falta o espirito de industrialização moderna, que o professor primario, devidamente educado, deve incutir nas populações.

O regime individualista privilegiado em que vivemos não se accentua entre as populações ruraes, onde ha vestigios accentuados de um fraternal communismo, não só na existencia dos baldios que são ás vezes um terço da area da freguesia, como na troca de serviços e na communicação das pastagens, depois das culturas.

Entre as diversas freguesias ha antiquissimas divisões que marcam, por meio de padrões com duas iniciaes indicadoras das parochias limitrophes, o limite das respectivas areas. Os pastores que ultrapassam a linha divisoria da sua freguesia são perseguidos pelos vizinhos da outra, e este facto dá ás vezes origem a graves conflictos. Mas dentro da mesma freguesia, apesar da tentativa de *desamortização* por via municipal, ha extensos baldios que são bens communs e communaes da parochia onde todos os

proprietarios d'ella teem pastagens communs (1). E, mau grado as tentativas da intervenção burocratica central, este communismo parochial chega até o ponto de resolverem todos os vizinhos da parochia reunidos em assembleia geral, num largo da aldeia, a convite de qualquer vizinho, ou do proprio *regedor*, sobre a divisão cultural dos baldios entre os vizinhos durante um certo tempo.

IV

A instrucção e educação agricolas

E, aproveitando estas tradições, conveniente seria que o Estado permittisse aos que o quizessem um mais fixo regime communal agricola, como ensaio em Portugal de doutrinas que hoje tanto agitam o mundo culto.

E qual a função do professor primario perante estes grandes problemas?

Nada mais nobre do que o ensino que fosse elevando a vida economica e civica das parochias, pois que é n'estas que existe o principal estímulo da vida nacional. A decadencia

das parochias, originou entre nós a grande decadencia nacional a que assistimos (2).

Como poderíamos ser ricos, se arroteassemos os incultos, se arborizassemos as serras, se desbravassemos as mattas improprias, se plantassemos as charnecas, se augmentassemos as pastagens para a criação de gados, se estabelecessemos um scientifico regime de pousios, para tornar intensa a cultura hortense nas terras baixas e abri-



CEIFEIRA DO MINHO

(1) ALMEIDA FIGUEIREDO — *A Terra*.

(2) OLIVEIRA MARTINS — *O Brazil e as colonias portuguezas*.

gadas, para fixar as aguas pela cultura arvensê, para augmentar por canaes a area dos prados e dos pomares! A vida agricola das freguesias do norte é empirica e rotineira.

As aguas são distribuidas por insufficientes corregos, limpos pelos vizinhos nos dias de *caminhos*. Porque a viação parochial e as aguas communs, estão ao cuidado dos vizinhos, já que a administração central não provê a taes serviços. Combinam-se os vizinhos ruraes sobre a partilha das aguas, e quando algum defrauda o vizinho, desviando o curso d'ellas, principalmente no estio, originam-se graves conflictos de que ás vezes resultam mortes. Ha uma população a educar.

E tudo é rudimentar; as hortas são em regra para consumo domestico; não ha mercado estabelecido para hortaliças, frutas e flôres. As linhas ferreas tem alterado os costumes das simples populações do norte, mas ainda não são meio de fixar um regular commercio. Que excellentes fructas, que saborosos productos hortenses, que lindas flôres não poderiam ser vendidas em Lisboa, vindas do norte do paiz! E se tivessesmos uma marinha mercante ao lado de uma vida mercantil intensa, como seriam ricos os districtos do norte com a exportação da riqueza cultural que ali existe? Resta educar o productor, e esta funcção compete inicialmente ao professor primario.

Para que Portugal entre na vida facil, espontanea e de economia social condigna da civilização é necessario que todos os factores do cultismo convirjam n'um plano que ha de ter por base a agricultura intensa do paiz, por meio da educação apropriada de todas as classes e por fim o ideal de um povo forte, sadio, equilibrado, liberal, transigente, ordeiro e democrata.

Ha de o professor primario, saído das es-

colas de ensino normal, deixar de estar eivado do *snobismo*, para comprehender e amar a grandeza da vida dos campos. O alumno-mestre que de Lisboa, Coimbra ou Porto vae ser professor n'uma das lindas aldeias da provincia, não se resigna a trocar a vida simples e encantadora dos campos, pelo fetido das viellas do Bairro Alto.

E no entanto é necessario que o professor primario não esteja confrangido junto aos pequeninos alumnos das aldeias. A vida dos campos é muito preferivel á da cidade (1).

Nas aldeias o alvorocer é uma agitação suavemente perturbadora das almas bem formadas. O toque dos sinos do presbyterio que acorda os trabalhadores para a rega matutina dos milharaes só tem como comparavel o bucolismo da marcha dos pastores, com os rebanhos tilintantes que caminham para as campinas, floridas de madre-silvas.



CARREIRO DO DOURO

O carro romano que sáe dos casaes fumegantes, dourados pelo sol, alegres pelo cair dos eixos nas rodagens, dá ás canções aldeãs um tal encanto, e a alma dos que ali vivem purifica-se tanto que bem vale a pena trocar a vida tormentosa das cidades pelo carinho das aldeias.

A vida das aldeias de Portugal é um pleno festival pantheista. De manhã ha uma alvorada de luz: tudo canta hymnos á terra bemdita que nos dá o pão. As ceifeiras cantam e trabalham nos trigaes; mondam, podam, arroteiam, vindimam, espargem... e o espirito bemdiz aquella vida de gente boa, simples e trabalhadora, que depois do trabalho recolhe contente aos casaes acolhedores, construidos entre carvalheiras, ou junto do florido castanheiro que dá á man-

(1) CANCERLIER—*Les lois de la population*.

são do cavador uma frescura e um bem-estar que não teem os milionarios nos seus palacios, onde vive o tédio. O regresso ao campo é o caminho feliz.

A serra é a paragem bem dita onde o

rosmaninho rescende, e as giestas em flôr decoram o campo immenso onde os trabalhadores descansam com a consciencia tranquilla depois de haverem plantado a terra uberrima.

(*Continúa.*)

CARNEIRO DE MOURA.

AMOR-DEO

Jamais! — por Deus! — jamais! — O Amor é sentimento —
 Não é, nem pôde ser, paixão ou sensação.
 O Amor solidarisa e abraça n'um momento
 A vida universal na mesma communhão.

Nada tem de commum, nem pôde ter, por certo,
 Com tudo quanto seja egoismo e preferencia —
 E as paixões o que são, senão um desconcerto
 Na harmonia da paz, do bem, da consciencia?

Amores, não — Amor. — O Amor não tem plural.
 O resto são paixões; são vicios; são vaidades;
 São productos do meio, estúpido ou venal;
 Resultantes fataes da «bêsta»; enfermidades...

Amor, é o sentimento ingenito e profundo
 Que unifica na Dôr a natureza em prece:
 E' a ancia que nos leva através d'este mundo
 Sonhando a remissão de tudo que padece;

E' o bem pelo bem, no sonho pelo bello;
 E' a synthese ideal da perfeição; é Christo,
 Com Budha e Platão, dentro do mesmo anhelos;
 E' Deus dentro de nós gritando-n'os — «existos»;

E' o bem fazer a tudo e a todo o que precisa;
 E' o sentir e ouvir as magoas do universo,
 Quer as grite do chão a terra que se piza,
 Quer as cante a chorar a mãe junto d'um berço;

E' saber agarrar na propria alma e abril-a —
 Não para metter n'ella a fórmula traiçoeira
 De quanto nos desune e opprime e anniquila,
 Mas sim a humanidade e a natureza inteira.



MARK TWAIN

A caravella de Christovam Colombo



DE Noé a Christovam Colombo, a architectura naval soffreu algumas modificações, e passou de uma inefavel mediocridade a uma condição um pouco menos precaria.

Li algures, não sei quando, que a lotação dos barcos de Christovam Colombo era de oitenta e duas toneladas. Comparando aquelle navio aos modernos *lebres* do Oceano, podemos fazer ideia da pequenez das embarcações hespanholas, e concordar em que seriam mal apercebidas para aguentar em nossos dias a concorrência e transportar passageiros através do Atlantico.

Eram precisas setenta e quatro para representar a tonnelagem do *Havel* e engulir uma das suas fornadas. Se bem me lembro, a *almiranta* necessitou de dez semanas para fazer a travessia.

Com as nossas ideias actuaes, seria pouco apreciado como rapidez de andamento. A caravella tinha um capitão, provavelmente um immediato, quatro marinheiros e um grumete, e eis toda a tripulação.

A tripulação do *lebreu* moderno comprehende duzentas e cincoenta pessoas.

O navio de Christovam Colombo, além de ser pequeno, era muito velho, e portanto, podemos deduzir d'ahi com segurança diversos pormenores secundarios que escaparam á Historia. Por exemplo, temos certas desconfianças de que, com as suas fracas dimensões, devia gingar, dar bordos e afocinhar, em mar de leite, para nunca mais se firmar,

a não ser na cabeça ou na anca, e reclinar as orelhas na agua, ao mais pacato macareu; suppomos que as ondas deviam passear-lhe lá por dentro como por sua casa e varrer-lhe a coberta de pópa á prôa; as planganas estariam fixas na mēsa, em permanencia, o que não impedia a sópa dos marreantes de lhes ir parar mais amiude aos joelhos de que ao estomago; que a sala de jantar mediria, quando muito, dez pés por sete; que era escura, abafada, com um fedór a azeite, de tombar; que o unico camarote de bordo — do tamanho de uma sepultura — continha um renque de duas ou três tarimas, estreitas e entaladas como ataúdes, e que uma vez apagada a luz, lá dentro era uma escuridão lugubre e tão compacta, que se podia trincar e mastigá-la como quem mastiga um pedaço de borracha. Deduziremos ainda que apenas se podia passear no castello da pópa (porque o barco era talhado como um sapato de salto alto): na realidade, o passeio comportava apenas uma pista de dezeseis pés em comprimento por três de largura, pois todo o resto do navio estava atravancado de cordame e inundado pelas ondas. Nada disto sofre duvida.

Se considerarmos que aquelle barquinho era um velho calhambeque, devemos render-nos a outras certezas evidentes.

Por exemplo, estava infestado de ratas e carochas; por tempo rijo, as juntas jogavam tanto como os dedos das nossas mãos e metia agua que nem uma canastra.

Quem diz *estoque de agua* diz agua no porão; ora, agua no porão é a morte sem palavreado, a asfixia a breve transe, provocada por um cheiro comparado ao qual

um queijo de Limburgo é um arôma paradisiaco.

Segundo estes dados, de rigorosa exactidão, podemos fazer uma ideia aproximada com respeito ao viver quotidiano do grande explorador. De madrugada, cumpria as suas devoções diante do relicario da Virgem. Assim que davam oito horas, effectuava a sua aparição no convés-passeio do castello de pôpa. Se fazia frio, subia todo bardado de ferro, desde o capacete de plumas até ás esporas dos calcanhares, revestido com a armadura damasqueada de arabescos de oiro, que tivera o cuidado de aquecer de antemão ao fogão da galera. Se fazia calor, trazia o fardamento de bordo, da marinha da época: um immenso chapéu de aba caída, de veludo azul, com um penacho ondulante de pennas de avestruz, apresilhado com um firmal esplendente de diamantes e esmeraldas; um justilho verde todo elle bordado a oiro, com mangas de golpes, carmesís; uma gorgueira larga e punhos de rendas ricas e flexiveis; calças de setim côr de rosa, com soberbas ligas de brocado amarelo; meias de seda *gris perle*, bordadas a primôr, borzeguins côr de limão de cabrito

morto á nascença, cujos canos de barca se viravam para fazer valer o casquilhismo das meias *gris perle*; amplos guantes de pelle de hereje, talhados pela Santa-Inquisição na cutis de uma dama de alta jerarquia; uma catana com a bainha cravejada de pedraria, suspensa num largo boldriê realçado de rubís e safiras.

Christovam Colombo passeava a fazer horas e meditava; ia notando o aspecto do firmamento e a velocidade do vento; lançava uns olhos de inquisidor para as ervas a boiar e para outros indícios da proximidade da

terra; depois, a modo de passatempo, ralhava com o homem do leme; sacava da algibeira o ovo fingido, fadario para exercitar a mão a pô-lo em pé do lado mais grosso (a sua classica intrujice); de tempos a tempos, atirava um cabo a um marinheiro em perigo de se afogar no castello da prôa; o resto do quarto, fazia pasciencias, espalitava os dentes, bocejava e espreguiçava-se jurando que não tornava a cair noutra, ainda que elle cuidasse descobrir seis Americas.

Pois tal era Colombo em sua ingenita singeleza, quando armava ao effeito para os mirones.

A's nove horas, tomava o ponto e declarava com aprumo que o seu valente navio tinha galgado cem jardas em vinte e quatro horas, que doravante tinha a certeza de «ganhar o bolo». — Qualquer pode «ganhar o bolo» quando ninguem mais tem direito a tocar na direcção do barco.

O almirante almoçava sósinho, com magno ceremonial: presunto, feijão e genebra; ao meio dia, jantava sósinho, com magno ceremonial: presunto, feijão e genebra; ás dez horas, ceava sósinho, com magno ceremonial: presunto, feijão e genebra. Não havia musica durante nenhum d'estes

festins; a orchestra a bordo é de introdução moderna.

Depois da sua ultima refeição, o almirante agradecia ao Céu todas as suas benções, com mais gratidão, talvez, do que valiam a pena; depois, despojava-se de seus sedozos esplendores ou da sua latoeirria doirada, e introduzia-se no seu minuscuro ataúde; ali, depois de haver assoprado a pouco odorifera torcida, principiava a refrescar os pulmões, aspirando por tenues baforadas, alternadamente, o azeite rançoso e a agua de porão. Depois, a respiração



ia-se-lhe tornando mais sonora: resonava, e então, ratas e carochas a surgirem por brigadas, divisões e corpos de exercito, para vir dançar-lhe em redor.

Era este o viver quotidiano do grande explorador, na sua «saladeira aquatica», durante as poucas semanas que fizeram d'elle um grande homem: quer-me parecer que a differença entre o seu navio, tão inconfortavel e os nossos barcos actuaes, não escaparia ás vistas de ninguem.

Na volta, conta-nol'o a Historia, o rei de Hespanha, maravilhado, observa-lhe:

— Este navio afigura-se-me que mete agua, um tanto ou quanto.

Realmente, elle meterá tanta agua como affirmam?

— Faça idéa, Real Senhor. Durante a minha travessia, vi as bombas esgotarem dezeseis vezes o Oceano Atlantico.

E' o numero apresentado pelo general Horacio Porter. Outras pessoas auctorizadas, comtudo, affirmam que foram só quinze.

E' evidente que os contrastes entre aquelle barco e este em que estou escrevendo este artigo são notaveis a mais de um ponto de vista.

Tomemos o capitulo da decoração, por exemplo. Tornando a olhar em redor de mim, hontem e hoje, notei varios pormenores que certamente não existiam a bordo do navio de Colombo, ou que pelo menos deixavam muito que desejar. Eis as portas do grande salão, de bom carvalho encerado, com três polegadas de grossura.

Eis os vestibulos, tendo, nas paredes, nas portas e nos tectos, apainelados de madeira rija, igualmente encerada, já claros, já escuros, do mesmo estylo elegante e delicado, ajustando com rigor hermetico; com formosos mosaicos de azulejos incrustados, — d'estes mosaicos, alguns não abrangem menos

de sessenta ladrilhos — a assemblagem d'estes ladrilhos é uma perfeição!

Eis aqui, sem dúvida, um par de innovações arrojadas. Qualquer recearia que no primeiro dia de tempo rijo aquelles ladrilhos viessem a despegar-se e a cahir em migalhas. Isso sim!

Prova evidente de como a arte da marcenaria progrediu menos mal desde a era primitiva em que os barcos eram tão mal amanhados que, á menor investida de mar grosso, as portas punham-se todas a bater.

Passemos á sala de jantar: adornam as paredes garridas tapeçarias, e vejo no tecto frescos e pinturas a oleo. Nos outros pontos de reunião, cá temos uns grandes apainelados de coiro de Cordova, de relevo e com padrões em que não foi poupado, quer o oiro quer o bronze. Descubro por toda a parte côres ricamente matizadas — côr, tudo côr, côr por todos os lados; todos os tons, todas as gradações, quanta variedade existe de côres.

D'ahi resulta ser clarissimo o barco, e alegrar a vista, alegria que se nos apodera da alma infundindo-nos jovialidade.

Para apreciar bem a funda impressão que tão radiosa devassidão de côres nos incute, é preciso ter estado cá fóra, de noite, na densidade das trevas e da chuva, e mirar a tudo isto através de uma vigia, ao esplendor obcecante da illuminação electrica.

Os navios antigos eram sombrios, feios, sem graça nenhuma, de uma tristeza medonha, deprimente. Impelliam-nos a um *spleen* inevitavel. A idéa moderna é a boa: rodear os passageiros de commodidades, de luxo e de uma profusão de côres apraziveis para os olhos.

Em taes condições sentimo-nos quasi tentados a declarar, que em parte nenhuma se está melhor do que a bordo — salvo talvez na propria casa.

Versão de MANUEL DE MACEDO.





O grande actor Valle



A quanto tempo isto foi!

Estava eu no ultimo anno do Lyceu, estabelecido então na rua de S. José, e entre os meus companheiros havia um, em extremo sorumbático, afastando-se de todos,

mas que impunha respeito porque se suppoz sempre que era a pobreza que o distanciava.

Uma tarde, porém, em que chovia despiadadamente, e todos nos agglomeravamos á entrada, rindo com a despreocupaçào de quem tem annos a menos e illusões a mais, esse infeliz que acabava pouco depois alojando um tiro na cabeça, a proposito não sei de que, exclamou:

— Quem me dera ser comico!

— ?

— Porque ao menos é uma gente que está sempre alegre.

E' claro que n'aquella epocha em que se olha o mundo por um vidro facetado de mil côres berrantes, provavelmente, ninguem

o contradictou, e o infeliz foi-se para o Além com essa persuasão mentirosa.

Porque a realidade, bem tarde por signal, diz-nos que os que se mostram mais serenos na vida são uns timoratos, os mais scepticos uns profundos crentes, os mais risonhos uns tristes.

E assim os actores que nos obrigam a rir quando os vemos no palco, constituem, na sua maioria, a *legião dos melancholicos*, o que me daria ensejo a um estudo de psychologia, se o meu fito não fosse apenas o deixar aqui uns *croquis* ligeiros sobre a maior individualidade comica do actual theatro portuguez.

O actor Valle é o Gymnasio, e o Gymnasio sem o Valle é uma *mayonnaise* sem mostarda, um jantar sem queijo, uma mulher linda com dentes não cuidados, um beijo caloroso retribuido com frieza, uma dedicaçào a que se corresponde com um gesto de fastio.

Póde um theatro de maior grandeza ace-

nar-lhe, uma scena mais vasta requebrar-se para elle, mas indo para lá achar-se-hia *gauche*, porque tendo entrado no Gymnasio ha quarenta annos, e quando se sente dentro do peito alguma cousa a palpitar — *alguma cousa que algo é* — toma-se um amor enorme ás paredes, ás bambolinas, ás gambiarras, ás ribaltas, conhecem-se as cadeiras onde se sentam aquelles que os admiram, e o panno a levantar-se e o artista a suppor que se encontra no meio de uma grande familia.

Representou o Valle pela primeira vez n'um theatrinho improvisado em casa d'um vizinho. Todo o seu afan era dar-se com os actores, e assim, lá se ia encostar para o *Café Freitas*, no Rocio, onde, com uma moeda de 500 réis, fazia o papel de ricaço, pagando a este um refresco, áquelle um calice de genebra...

O dinheiro diminuia, mas os apertos de mão abundavam...

Um dia procura-o um amigo com modos mysteriosos:

— Valle, estou entalado!

— Onde, *amico mio*?

— Uma d'essas que nem ao diabo lembra...

— Se te posso servir...

— Pódes, sim, e lembrei-me que tu, um elegante — o Valle córou — devias ter uma sobrecasaca.

— Oh! menino! já me lembrei d'isso. Mas não é nada barato.

— Pois vou ser o teu Messias, vou dar-te essa alegria. Passa para cá seis tostões — e entretanto ia desembrulhando um papel — e aqui tens um verdadeiro talisman.

E acenava-lhe ante os olhos deslumbrados com uma sobrecasaca preta.

Negocio feito, e o amigo a apanhar o dinheiro e a esgueirar-se immediatamente.

Elle a desaparecer e o Valle, satisfeitissimo, a envergá-la e a requebrar-se diante do espelho, fazendo grandes cumprimentos:

— Como vae, sr. Taborda! Amigo Tasso, está melhor? Gostei hontem muito de o ouvir, sr. Epiphanio...

E a lista d'actores não terminaria nunca

se não sentisse bater á porta, e uma voz muito querida — a de sua santa irmã por quem o artista tem uma veneração — não lhe perguntasse:

— Com quem estás tu a falar, José?

— Com pessoa nenhuma, aqui não está ninguém.

— Crédo, Santo Deus! Quem fala só, fala com o diabo!

E a pobre senhora afastou-se murmurando uma oração.

Em publico apresentou-se pela vez primeira nas Variedades.

Não obedece este artigo a traçar notas biographicas, mas apenas a relatar alguns factos da vida do unico discipulo que o grande Taborda deixou.

Evidente é, que não posso contar aqui as aventuras de coração do Valle, mas dir-lhes-hei só que enormes devastações deixou n'essas creaturas que a Hespanha para aqui nos envia annualmente com uma espantosa fertilidade, e tanto mais que não lhes dá o *phylloxera*...

Convidado por Lucinda Simões e Furtado Coelho para ir ao paiz vizinho dar uma serie de recitas, o Valle entendeu que não devia fazer *fiasco* nas horas vagas que alli tivesse, e assim em casa principiou — elle que tanto conversara com *ellas* na lingua de Cervantes — a exercitar-se n'esse idioma.

De repente ouve passos no corredor.



AOS 18 ANNOS

O Valle á direita, com a sua sobrecasaca, e um seu intimo amigo, já fallecido, o irmão do actor Joaquim Costa.

— Oh! sr. Romão! então vocemecê agora é que vem para as compras?

— O que é isso, mana?

— Ah! como ouvi falar gallego julguei que era o Romão.

Foi um balde d'água deitado pelas costas.

Conhecem a *Pera de Satanaz*?

No S. Luiz, do Rio de Janeiro, representava-se essa magica, fazendo o actor Martinho o papel do *Rei Caramba* e o Valle o do escudeiro *Vasco*.

O publico corria alli só para ouvir o duello que se estabelecia todas as noites entre os dois actores.

Havia um quadro em que cada um chegava á boca de scena e dizia quem era, mas em vez de pronunciarem os nomes das respectivas personagens, mudavam os por nomes de peças. Assim ouvia-se:

— Sou o *Conde d'Andeiro!*

— Sou o *Pagem d'Aljubarrota!*

— Sou o *Alfageme de Santarem!*

— Sou o *Frei Luiz de Sousa!*

Mas uma vez já muito excitados, combinaram ir até onde pudessem.

— Sou *D. Antonio de Portugal!*

— Sou os *Dois Proscriptos!*

O Valle, não querendo collaborar na asneira, retorquiou:

— Sou o *Cavalheiro da Casa Vermelha!*



O «PETIZ»

Na peça «Mestre Jeronymo» com que se estreou no Rio de Janeiro.



«VOU NAMORAR»

A sua primeira scena-comica

O Martinho augmentou a sua representação.

— Sou os *Sete Infantes de Lara!*

O Valle sentiu a lingua pegar-se ao céu da boca.

— Sou o *Alvaro Gonçalves, o Magriço!*

Resposta do outro:

— Sou os *Sete degrados do crime!*

Então o Valle não pôde mais e berrou:

— Pois eu só sou as *Onze Mil Virgens!*

Quando esteve em Barcelona com o *Furtado* e a *Lucinda*, queixaram-se os catalães que não percebiam os nossos actores.

O Valle ficou desapontadissimo, mas jurou-lhes pela pelle.

Na representação que se seguiu, dava-se a *Thereza Raquin*.

Fazia elle um dos velhos que estão jogando o dominó, e, então, com o seu collega, resolveu não dizer nada do papel e assim estabeleceu-se uma scena com este dialogo, com muitos gestos:

— *Comichi là tu?* o que significava: (Jógo sena).

— *Fa ta li!* queria dizer: (Fechado!).

— *Migache talafe mone suge?* (Vamos a outra partida?)

— *Chi si ia.* (Da melhor vontade).

E ao retirarem-se:

— *Soli pi chu la mané!* (Boas noites, meus senhores).

Nem uma palavra em portuguez, mas no ou-

tro dia a critica elogiava-os pela maneira como elles tinham interpretado os papeis.

Em Madrid receberam-o calorosamente e estreiou-se com essa impagavel scena-comica, que se não fosse dita por elle seria caso para se fugir: *Aldighieri Junior*.

E tão grande foi o successo, que tendo a Infanta Isabel chegado mais tarde ao theatro, e sabendo do exito obtido, mandou pedir ao Valle para a dizer novamente.

A' sahida esperava o actor uma hespanhola bonita, mãos e pés pequeninos, um palminho de cara estonteante, cabellos pretos, olhos negros.

Foram cear, e ao entrarem na *calle Valgame Dios* — cada qual mora onde póde — o Valle depoz um beijo na testa da andaluza que o recebeu de boa mente. Mas n'esse momento appareceu um *guardia*.

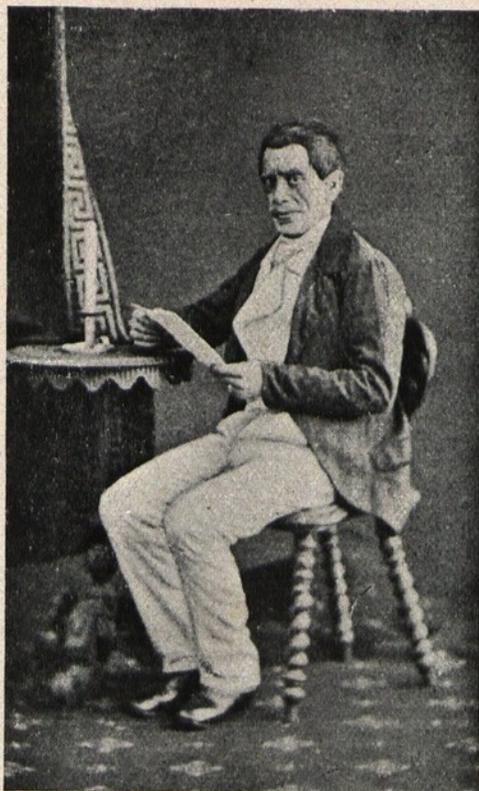
— *Valganos Dios!* exclamou a hespanhola agarrando-se ao braço do *su novio*... *de la noche*...

— *Está V. preso!* ordenou o mantenedor dos bons costumes.

— *Escuche V., hombre!*... principiou o Valle.

Mas o guarda olhando o actor portuguez, á luz do candieiro, desatou a rir e alfim:

— *Tiene V. una cara tan graciosa, que no me atrevo a prende-lo.*



NO «DIABO ATRAZ DA PORTA»

Um dos seus melhores trabalhos em comedias em 1 acto.



NO «GATO POR HOMEM»

E reprimindo o riso: — *Y ahora a casa y pronto!*

E o gesto do policia era significativo...

Do que nunca o distincto artista se ha-de esquecer é da recepção com que o publico o acolheu no Rio Grande do Sul: uma furiosa pateada.

Annunciara-se a sua estreia com o *Cotogni Junior*, hoje *Aldighieri*.

Não ignoram que é o pretexto para uma scena, que não tem principio nem fim, e quando cahiu o panno as manifestações de desagrado repercutiram, emquanto uma voz traduzia n'aquelle momento o sentir da platéa:

— Então este é que é o grande actor em que nos falavam? Pois se elle nem ao menos consegue cantar...

Embora muito portuguez, — porque se o querem ver zangado é falar lhe mal das nossas cousas — em amor o Valle é cosmopolita.

N'uma companhia que no verão foi para Setubal, iam duas hespanholas como bailarinas, acompanhadas de *su madre*.

O Valle, que fazia parte do elenco, — com Jesuina Marques e Amelia Vieira, então dansarinas, — deitou o arpéo para pescar uma d'aquellas. Mas a mãe — uma d'essas creaturas que nós temos visto por ahi, e que apresentam sempre identico

typo, parecem deitadas no mesmo molde — não perdia de vista as filhas.

As raparigas ante o bonito Sado a deslisar, resolveram tomar banhos, e a predilecta do Valle convidou-o a acompanhá-la, e em caso de necessidade a ser o seu salvador.

Ora elle não quiz dar parte de fraco, mas a verdade é que nadava como um prego.

Na vespera da manhã em que as ondas deviam acariciar suavemente a apimentada hespanhola, depois do espectáculo, o Valle fôra cear com o Faria, o celebre *General Boum* da *Gran-Duqueza*, e comera um pedaço de polvo, regando-o abundantemente. Deitara-se muito tarde, quando a porta do quarto estremeceu violentamente.

— Quem está ahí? perguntou elle estremunhado, mal podendo abrir os olhos.

— *Pepe, nos vamos...*

Eram as *niñas* prevenindo-o que chegara a hora do banho.

O Valle teve vontade de mandar para o diabo a aventura, mas pareceu-lhe que o nome portuguez não ficaria muito bem collocado ante a Hespanha.

Lá foi, e na praia mettu-se n'uma baraca, despiu-se, vestiu um fato de malha, e appareceu ás duas raparigas que brincavam doudamente na agua e que o festejaram ruidosamente ante a sua plastica morena.

Embruhlado tragicamente no lençol, seguiu pela ponte fóra, e fechando os olhos, com a resignação d'um martyr, pensou na vida que ia deixar, e atirou-se de cabeça.

Então é que foram ellas...

Estrebuchava, vindo á superficie, e de cada vez apresentava uma cara tão comica, que o riso dos presentes não tinha fim.

Valeu-lhe o Faria, dando-lhe a mão, e pouco depois o Valle depositava alli, todo inteirinho, o polvo que tinha comido.

— E comtudo, observa elle, durante muito tempo fiquei em duvida se era esse, ou se com a agua que enguli, tragara tambem algum peixe. Lá peixe era, agora se o mesmo...



A «MADRINHA DE CHARLEY»

José Antonio do Valle é um conversador impagavel.

Peçam-lhe a historia do papagaio de que vou dar um pallido reflexo, e teem para rir todas as vezes que a lembrarem.

Um fazendeiro no Brasil possuia um papagaio a quem ensinara a *ladainha*. Um dia, porém, fugiu-lhe e por mais diligencias que empregasse não o conseguiu reaver. Perdera a esperanza, mas uma occasião, indo a uma roça, ouviu um

papagaio, que lhe pareceu ser o seu. Talvez uma illusão dos sentidos...

Cautelosamente, mettu-se pelo matto, e ao chegar a uma clareira, vê o seu *Janota* — era o nome do animal — á frente d'uns

vinte ou trinta *collegas*, entoando aquelle pausadamente:

— S. João Baptista!

E os outros, andando... como andam os papagaios, respondiam:

— *Ora pro nobis!*

— Santa Ludovina! volvia o professor.

Retorquia o côro:

— *Ora pro nobis!*

O patife fôra para o sertão ensinar a *ladainha*.

A falta que o excelso artista hade deixar no nosso theatro, já tão calvo de vocações risonhas, é uma das cousas que apavora.

Bem sei que ha por ahi o costume de se dizer que ninguem é insubstituivel, mas quando por qualquer circumstancia se não contar com elle, vejam se nos podem dar o *Commissario de Policia*, para não citar senão esta peça.

Acontece o mesmo que com o *Bébé*, — onde outro Antonio Pedro? — a *Sociedade onde a gente se aborrece* — sem a Rosa Damasceno, o Brazão, a Gertrudes, o Augusto e o João Rosa? — o *Sargento-Mór de Villars*, os dramas onde a Virginia foi sublime, porque talvez se representem, mas um Rubens é sempre um Rubens, e uma copia não passa d'uma copia, admitindo — por hypothese — mesmo a perfeição.

Assim, é com uma enorme dôr d'alma que se olha o futuro do theatro portuguez, onde são rarisimas as vocações, ou que crystallizam pouco depois, dando a triste impressão para os amadores do Bello, que a der-

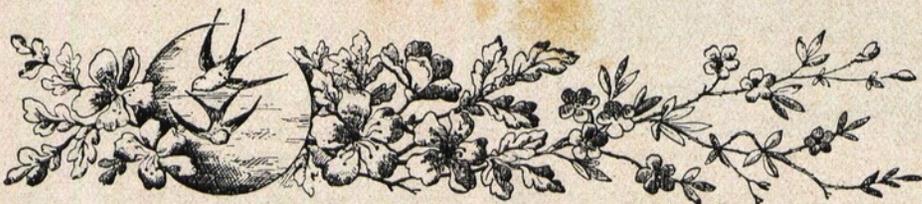


O «COMMISSARIO DE POLICIA»

O trabalho mais original e o typo mais bem estudado da sua vasta galeria

rocada será d'aquellas em que ninguem se salva. Mas eu preveni a tempo.

PORTUGAL DA SILVA.





ODESVARIO DA ZAGALA

Ao purificar da manhã, bem antes do ouro do Sol, Antonio escancára o portelho da curralada, assobia estridulo duas vezes, e o rafeiro, que aparece d'impeto, as orelhas arrebitadas, a colleira hispida de pregos sacolejando, esvasia-a rapidamente, com uma lufada de ladridos acoassantes.

A grei, enquanto ondula travez caminhos lisos, ora flanqueados por muros altos, ora especados de fortes torsos de carvalho em que se enastam espessas comas de silvas, não tem nenhuma pelle desviada, nenhum contratempo. E' um encanto vel-a seguir, conglobada e mansa, sem intermitencias, seguir com o *cabresto* sempre á testa, esse pimpante que, conduzindo o chocalho de guia-mór, se julga deificado, um pendão em marcha victoriosa. Mas, mal sae das embocadas da terreola para trilhar os carreiros da serra apascentadora, — os carreiros que, lado a lado, serpeiam por'li fóra livremente, — quebra toda a sua eurithmia de pastorela á Cox, freme como ondas, esfarrapa-se, subdivide-se em flocos tumultuarios. E' ver: anhos transviando-se aos pequenos pulos dos uberes maternos, malatos experimentando, uns com os outros, as suas tenras massas corneas, ovelhas correndo em direitura ás searas, cabras fugindo arreliantemente, bodes trepando, ás guinadas, para as arestas dos escarpados.

De maneira que Antonio, até agora sem preocupação, a ponto de lhe não falhar a cachola para contar as occasiões — e quantas não eram! — em que fugira, d'enfado, aos desejos da Manuela, agonia-se, agonia-se mau grado os seus habitos de «tanto se me dá, como se me deu», brande o cajado nervosamente, anathematisa como um perdido, acirra o cão sobre o gado possesso: «Busca! Arrepanha, *Fêlpudo!*» e chega ao

pastio esfalfado, a bocca em hiato espumoso, os olhos ennevoados de furia borbulhante.

Manuela, a zagala gentil, com cuja sirinx, de um velludo escorregadio no som, costuma seduzir todos os pastores e ganhões, e nunca rejeitar o amor efemero de nenhum, já apas-

centa lá a sua manada de cincoenta boas cabeças, da pretidão de carvões de giestas.

Quando elle se abeira, ella, toda desplan-te, magoadora:

— Eh! que cara trazes, Antonio! Sabes p'ra que está boa? (que p'ra mim não serve!) p'ra ser vista p'la rolinha que adoras.

E, gelhando os cantos dos labios, aconselhou, em um desgarre chiante feito vergastada de junco:

— Ouve, moço: Volta já p'ra traz, apumado consoante um pinheiro, — mas sem escangalhares esses modos, sem mudares essa beleza de cara! — e vae amostra-lh'a a ella, lá ao Alpendre de Cima. Verás que surpresa, que regalo ella terá. Se ainda não 'stiver caidinha por ti... ficará nesse instante. A'la! Vá feito, meu tanso!

Antonio viu logo que, á falta de melhor, a pastora fazia aquelle reparo, tivera esta toleima... Quizera azedal-o, afinal. Porém, coitada da pobre! elle bem sabia o que lhe mordia, o que a tenezava sem dó nem piedade. Era o caso de, emquanto os outros se collavam mais a ella, alguns de fórma a abandonarem o gado, para ao depois se lhes safar todo o ganho em coimas, mais elle se arredava, menos queria aturar-lhe as excentricidades de pecora lasciva, de charnequeira pubente que, por principios fisiologicos, o maróco repudia. Ainda nas vespervas o assediara, com toda a desenvoltura de denguiques e langores, para que, á noute, a procurasse na alpendrada sabida, afim de ameioarem ambos; mas elle não poz lá os pés, — nem nunca mais os tornaria a pôr, — e esteve, des' o despêgo do serviço, ao lado casto da sua Ernestina, a ouvil-a contar, á lareira, carinhosas lendas misticas, a vel-a beijar com estalidos donzeis o linho que ia arrancando e fiando da roca, a adorar-lhe a imagem piedosa da Veronica, que se divinisa no grupo em torno e que a luz empanada da candeia, para maior aureola, reflectia, no todo, e remordia, suavemente, na fuligem negra da parede. E só se retirou d'aquelle céo, quando os velhotes, futuros sogros, sentenciaram que estavam finda a seroadá, era tempo d'irem todos p'ra debaixo da coberta.

Vendo portanto aonde se feria Manoela, Antonio nem lhe respondeu, apenas a varou, de cima abaixo, com um olhar de pouco

caso, a módo de quem ouve uma ovelha balar tolamente.

Porém, ella quiz despique, advertiu arrogante:

— Escusas de me olhar d'esse geito! Tu p'ra mim vales tanto como um penedo desabrigado, vales menos que um sapo morto!

E por fim, os olhos flameos arremettidos contra os d'elle:

— E ouve, tu não me enganas. Pensas que eu não sei em que pé está o derriço? que não sei o que já tens feito com aquella... enfunada de purezas?

Aqui, elle, porque a sujeira da pastora raspára na castidade alva da sua noiva, tem sacões de lhe esborrachar impiamente a cabeça d'embate á primeira lage; emtanto retráe-se, por vêr que está ao defronte de uma mulher, esse fragil rebento da costella genesiaca, e que fala uma d'essas pegas que malbaratam o amor generosamente...

Inda assim, para lhe varejar o ciume, diz, resumbrando uma deliciosa calma d'arrelento:

— Ora tu, Manuela, se sabes de tanta cousa nossa, p'ra que andas então a rondarme, a te amofinares por minha causa, p'ra que caminhas sempre na minha peugada?! E's peor que uma varejeira, ó moça! E olha que agora foste mais que isso. Se não fóra o seres... terias o pago. Offendeste-me com toda a tua bruteza de desavergonhada... pensastes que eu era p'ra hi um bigorriha. Não sabes que gósto com todo o meu sangue, da Ernestina? Na minha salvação! era capaz de dar a vida por aquelle anjo! Palavra d'honra! era capaz de dar a alma ao Cão-tinhoso p'ra lhe salvar a d'ella! E por ti... Que diacho, hoje, só te tolero a ti por defastio, as mais das vezes por compaixão.

A zagala sente o esvair de toda a sua essencia, o retalhar de toda a sua carne, e que preferiria achar-se esmigalhada, a ouvir aquellas palavras inquisitoriaes, a ouvil-as da bocca que lhe queimara as faces de beijos, a bocca que se lhe abrira em bizzarras madrigalescas, da bocca de um dos seus mais sequazes amantes. Comtudo tem a summa contractilidade de o não figurar, de moer todo aquelle rescaldo fulgurante que vinha de lhe crestar, de vez, a mais esplendente miragem do Goso. Ella fóra sabedora, havia muito tempo, de que Antonio tinha os seus amores... uns amores fugidios, da leveza de

frocos de velo: jámais amores de liame tão forte e que tivessem o poderio de o levar á crueza de lhe jogar em rosto, por via de outra rapariga, semelhante escarneo! E' verdade que ella, Manuela, se excedera, tivera inconvenientes ha bocado, mas porque achara que elle lhe fugia, que outra, menos merecedora, lh'o arrebatava!

Mas Antonio é no presente todo castidade, todo juizo. Mesmo que o não fosse, tinha

rinha de perfumes votivos á Innocencia e de redondezas puras de marmores bucolicos, que brincara com elle, que lhe encobrirá muitas traquinadas a quando isso, e cujo coração fôra talhado a bem dizer, para elle.

Esperara até 'li para desposal-a. Os paes, de um e de outro lado, já haviam decidido o casamento: seria na outra semana. A arcasita dos noivos estava a cogular de roupa de baixo — linho e estopa; de saiotas e fatos



É UM ENCANTO VÊ-LA SEGUIR, CONGLOBADA E MANSA...

grandes motivos — antes não, que desconhecia tudo — para desprezar Manuela, a lamacenta que se entregava a quanto podengo lhe apparecesse. Até o Justino Torto lhe servia! Justino Torto, um esquinado e tortuoso, — dil-o a alcunha, — um atrofiado, um pôço de todos os peccados mortaes, que passa a maior parte da vida no Hospital, e de quem fogem, d'horror, homens e mulheres, creanças e animalejos.

O que se segue é que Antonio tem um compromisso sagrado e rico como o ouro das custodias: casar com Ernestina, aquella moi-

de briche e serrobeco; de coturnos e lenços. Pelo visto, era só casarem.

Ao fim de pouco tempo, nessa manhã, a pegureira desaparta o seu gado do gado do Antonio e rompe para outras gargantas, outras chapadas de pastios limitrofes dos de concelhos visinhos. Depois, á fulgencia de Venus, recolhe á córte sem enxergar mais este pastor. E ao outro dia, foge-lhe tambem, foge-lhe ao terceiro, mais ao outro e ao outro. A doida quer esquecel-o, quer serenar o fogo que lhe cerca o coração. Que esforço e que inutilidade! Porque mais

se recorda, mais a corroe a chamma — a chamma que lhe sóbe até aos olhos e os atíça a chisparem com pequenas treguas appetencias rubidas, extasiantes.

Os outros pastores bem se-lhe apresentavam, bem a convidavam. E ella nada. Só queria o Antonio, só anciava aquelle tipo erecto, rijeza de roble, reforçadas espaldas d'Apollon amicleano, cobreação arabe, olhar de uma verdade de aguas de fraguedos.

Até que em uma manhã de muitas corollas pelos montes tangeu, decidida, affegosa, para os sitios de Antonio. Este ainda não estava, porém pouco tardou. Ao reconhecê-lo, á distancia, a subir de vagar a ultima lombada da serrania, foi ao seu encontro e, de um salto, engançou-se-lhe ao pescoço.

Elle ia, ness' hora de fragancia pantheista, sem contrariedades, bonacheirão e passivo, dominalmente olvidado do que se dera entre elle e a pastora. Por isso tolerou de boa cara aquella expansão cabriolante, abriu com leveza, ao fim de muita pieguice da amorosa, os engates d'aquellas falanges febris e continuou a ascensão sem o roçagar das ninharias que turvam, por tempo infindo, a vida do homem commum. E subindo, não offertava ao desapontamento d'ella, que bem se lhe antevia por exclamações apaixonadas mais que monosyllabos frios.

Mas ella impacienta-se, não gosta de tamanha fleuma.

— Então só sabes responder, sim, não, ao que te digo, ó Antonio?! Negregado, queres vender as palavras? P'ro que dizes, — que é menos que um éco. — é melhor não abrires a bocarra. O que parece, afinal, é que tu nem ao menos queres falar mais comigo!

E elle nada. Por fim, tremeluziram lagrimas, suavizou.

— P'ra que é isso rapariga? Não sei porque choras... Eu ainda sou teu amigo. E sendo da tua vontade, continuarei a ajudar-te a... tratar do gado. Só o que não posso mais, é... Bem sabes, já sou...

— Não digas! não digas, por quem és! — elevou ella, saltando sobre elle, arremessando-lhe o punho encrespado sobre os beiços talhados.

— Já sei o que queres dizer!

E, em um giro d'estonteada, baqueou no chão, tomando a immobilidade material dos bronzes.

Desde então nunca mais ella conduziria o gado para os lados do Antonio, deixal-ohia para sempre! Antonio estava casado... E ella que ainda o não sabia!... Não quer mais saber do Mundo. O Mundo não tornará a alimentar-lhe amores, será uma malfadada charneca a apascentar-lh'os mortalmente.

E abandona todos os adoradores, sacode-os, cheia d'asco, como viventes cenosos. Depois, tem occasiões de misanthropa, não deseja nem falar á sua gente, ás suas amigas, vê-las, nem dar contas da grei ao seu amo. E tem-nas tambem d'excessos e de doirdices de toda a casta: — Não recolhe á malhada, fica, sem manta, á orvalheira das noites d'inverno e só adormece a deshoras, quando os lumes das estrellas estão na agonia; enfia-se, de dia, se o rebanho anda em socego, pelo seio do Juncal... O Juncal — quem o desconhece? — é o Paraiso das viboras e o Inferno dos pastores: corpo que lhe pisar o solo, não escapará immune ás picadas d'aquelles ofidios, cujo veneno, mesmo depois de retalhado e sugado o halo que alastra, raro desaparece de todo.

Mas ha isto que acaba por desvirtual-a completamente: o amo paga-lhe as primeiras coimas. E' a quéda, o desmazelo em toda a linha do seu labor, por fórma a deixar algumas cabras bohemias dormirem pelos cabeços dos rochedos, com o perigo de rebolarem a despenhadeiros sem fundo. E ella que era tão boa empregada! Verdade, verdade, que virava todos os pastores em mãos empregados — elles, tambem que não andassem atrás do seu saíote! — mas, a sua pessoa nunca o foi, podia orgulhar-se de ser a mais cultual serva de Pales.

Agora, Manuela não tira partido de nenhum d'esses excessos, e só vê, de repente, a felicidade do Antonio, que é esta: Ella, sua antiga amante, já o não arrelia, deixa-o livre, bem livre. Elle tem ao lado, bem recolhida á alma, a sua casta Ernestina, — a redouça que lhe dá e embala sonhos estellares e lhe afungenta a hora merencorea. Tem sempre, ao chegar do monte, a sua tijela de leitugas muito fumegante e olorosa. Tem a roupa sempre branca e perfumada. E qualquer dia terá o cantico lourejado de um filhito... Oh! como era de maguas tudo aquillo! Era preciso desfazer tamanha sorte!

E a doeira, ao recolher a manada, pelas

trindades, começa a passar pela porta de Antonio e a jogar-lhe para dentro remoques e mais remoques. Em um chamou, cantando, bexigosa á Ernestina. Esta era-o de facto, e não se agoniava por lh'o chamarem. Já conhecia ha muito tempo a cantiga:

*Sou picada das bexigas,
Foi Deus servido eu tel-as:
Não ha nada mais galante
Que o céu com suas estrellas!*

De resto, o seu rosto de amóra ao ruborizar pouco denunciava as cavidades e essas apenas ponteavam aqui, além. Antonio é que não gostara. Chegara a sahir, para impor satisfação, para ameaçar que não queria laivos na Ernestina. Que era tratar d'ir andando — Vidinha, vidinha! — Mas a remoquadora já ia a sumir-se em um cotovello do caminho, só ponde gritar, os punhos ameaçadores:

— «Canalha! Volta que eu te ensinarei!»

E fez uma carantonha livre.

Manuela continúa a passar, porém, não se sabe porque, torna só uma vez a falar para lá. Foi para affirmar, cabalisticamente, os beiços corrompiando a fechadura da porta:

— Deixa, minha rosa, qu'inda has de ver aonde irá parar a tua linda sorte!

Ernestina, que bem se julgou o alvo do agouro e que estava só (Antonio ainda andava lá pela vida), encolheu-se toda, esbogalhou os olhos de terror e quasi tombou de desfallecimento. Quando chegou o seu homem, contou-lhe o succedido. Mas elle disse:

— Ora! Aquillo é uma maluca. Isso são cousas de cadela... que não morde!

E ella então cobrou animo, esqueceu desdenhosamente a ameaça.

Emtanto, Manuela procura certa vingança potente que sirva para contrapor ao desprezo e á inimidade — agora tem-lh'a elle, bem o sentia! — que Antonio lhe devota e que, ao mesmo tempo, possa annular, virtualmente, a gloria e o prazer de a outra o possuir. Segue para o monte com isto sempre em visão e a tomar-lhe todos os sentidos. Senta-se sobre uma corcova. Colla as palpebras e ouve. Ouve, perto, a reza dirimente, cochichada, das regueiras encantadas entr'hervagens e, á distancia, o reboar surdo das aguas do

rio. Ouve, sem pausa, o ronronar da grei retouçando aceradamente a pastagem cerce e, minuto a minuto, os écos agudos dos chovalhos. E, todavia, aquella idéa sobreleva tudo, é o poliedro a cambiar fugazmente os tons das outras cousas.

Descerra depois os olhos com o frenesi de, sob as sensações da vista, apurar o acaso, de um detalhe, de um brilho do grande scenaro, o modo como poderá conseguir a desforra, E vê, pelas portas do casarêdo, carros transpondo, altos de carga, as rodeiras d'argila purpura. Vê, ajujando o povoado, a toada esverdeada, profunda como almas, dos pinheiros bravos. Vê, no afastamento rapido da serra, os covões e valeiros enfestados de salgueiros graciosos e de freixos esbeltos. E vê longinquamente, pela linha cimeira, os dorsos contornados dos penedos os desfiladeiros abruptos do feldspatho ourado...

Mas nada lh'o apura: e o seu espirito prosegue na informidade de pesadelo. Passa dias e dias n'esta indecisão. Indecisão e monotonia, tambem, apenas cortadas ás vezes pelas luctas, no Penedo Grande, entre cabras ciosas, cujos choques desenfreados lhe desabrocham a idéa de praticar o mesmo, — luctar, assim, com a mulher do Antonio, luctar até lhe abrir chagas, até a pôr em um amarfanho de carnes expirantes, e por fim arrimal-a do ribanço abaixo. Emtanto — que loucura! como poderia ella attrahil-a lá ao monte, tel-a a geito? era uma insensatez.

E desabrocham-lhe, de outros contactos, mais idéas: ora com suavidades leviticás, ora irisadas de allegorias supersticiosas. — Pedê licença ao amo e vae offerecer a mais linda, mais immaculada ovelha da mó á Senhora do Sameiro. Não se deita pelo S. João e vae apanhar, á meia-noute, a semente da feitelha.

Até que certa vez, estando ao borrar, os grillos brancos... — branquinhos que ella bem os viu — cantaram muito. E diz logo comsigo:

— Ora, mais vale tarde do que nunca. Tenho a sorte em casa. Olé!

E teve-a, ao outro dia.

Encarreiou-se para a serra antes da hora habitual. Havia nevoeiro cerrado. Ia sem saber para onde, ás cegas. Por isso, em plena subida não deixou de berrar a clas-

sica formula, para afugentar as matilhas de lobos:

*Nevoeiro, nevoeiro,
Põe-te atraç d'aquelle outeiro...*

Finalmente, com grande custo lá arribou a um pascigo qualquer. Mas pastoreou, pastoreou, e nada do carujeiro se desfazer: parecia coalhado como estanho, não a deixava enxergar uma pala á frente do nariz.

Sentia-se desolada, sem uma vibração supportavel. Não vêr nada, e apenas ouvir, muito longe... o som quebrado dos guisos... Que afflicção lhe causava aquillo! Estava já a descreer do appetecido prenuncio dos grillos, quando repercute, de proximo, este desespero retalhante:

— Ai! meu Deus! Acudam! Acudam, que eu morro!...

A seguir, gradativamente, é tudo entapulado por um cahos de gemidos. E d'ahi, cuida ouvir, como de uma bocca esvasiando amor:

— Manuela... O' Manuela!... Acó... de...

As suas pupillas então accendem-se, coruscam para todos os lados, e ella reconhece, sob as sapatas, o pastio de Antonio. Fôra a corujeira que a levava nas suas dobras plumbeas até lá. Acredita que o antigo amante realmente a chamou e arremessa-se para o vasio d'onde rolaram os gritos, que golfou a onda de confusão, que transmittiu a agonia. E, logo, o solo que calca é um grande carreiro de sangue, quente e rubro, como poentes.

— Os lobos! Os lobos! — diz ella, rapidamente, e sapateando de jubilo feroz.

A' distancia, fosforencias da côr de absintho clareiam, renitentes, na opacidade vaporenta. Mas a pastora não se arreceia, caminha sempre, e, a mais dois passos, destaca-se-lhe, á raiz de uma touceira, a cabeça do Antonio.

Naturalmente os lobos, na furia atassalhadora da divisão, procuraram apoderar-se cada qual, do quinhão mais fressurento, tenro ou carnudo, e desprezaram-na, arditosamente, como o tasgalho abominavel de aquelle banquete.

Oh! mas para Manuela, que fôra amante do pastor, d'esse Antonio que a repulsara, enganara, e ligara para todo o sempre, perante os altares, o corpo ao de outra, era o sacrario onde iria guardar todo o amargor da sua vingança, tinha a mesma valia que a alma para o Diabo!

Por isso, a recolheu soffregamente, delirantemente, ao bernal, e, em outra correria ainda mais violenta que a da ida, voltou para traz, direcção do rebanho.

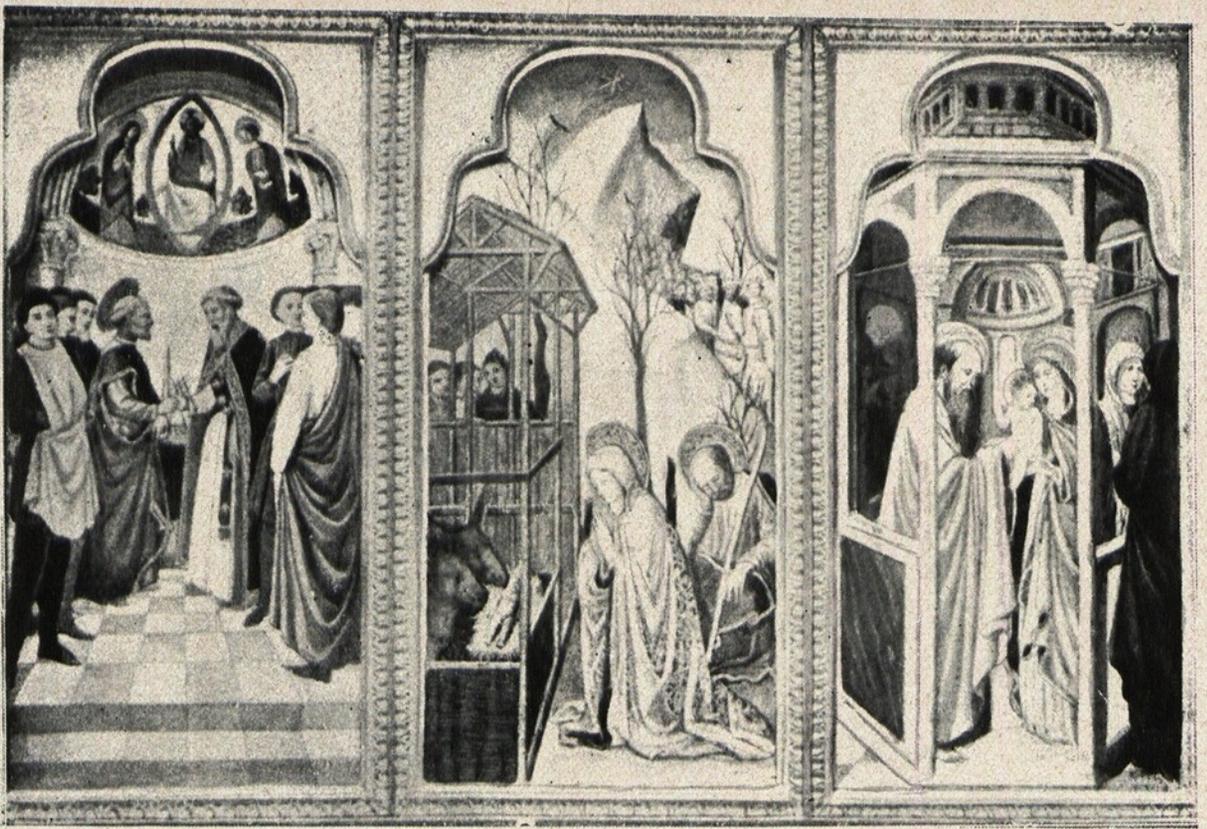
Era já pela hora de recolher, de sorte que, com a bruma, parecia noute. A pastora tinha de tanger o rebanho para o redil, mas... — com'assim, que o fizesse outra pessoa, que ella estava perdida! — não se importa e, sempre anhelante, louca, toma, só, para a freguezia.

Em um instante está defronte da casa da Ernestina. Logo que estaca, abre a sacola, soergue-lhe o fundo, e a cabeça de Antonio reaparece, negra e sanguinea, escalavrada e sflingica. Percorre-a toda com os seus beijos envenenados e lubricos, corróe-lhe os cabellos, a testa, as faces, compressa-lhe a bocca e beija-lh'a, suga-lh'a prolongadamente... Depois, afunda-a de novo, e bate á porta com agitação e nervo.

A cabeça da Ernestina surge risonha e meiga ao postigo, a perguntar o que lhe quer a moça pastora, e esta, arrancando para fôra do bernal a do Antonio, joga-lh'a brutalmente de encontro ao peito e responde:

— Quero dar-te o fim da tua linda sorte. Ahi o tens! E soffre agora, anda, como eu já soffri quando tu me d'estes o fim da minha... Avia-te, ó menina d'esses olhos mortos, ó sempre pura e feliz!...





S. JOSÉ — A NATIVIDADE — A CIRCUMCISÃO

Triptyco de Gentil da Fabriano (1360-1428), existente no Museu do Louvre

Natal e Anno Novo

Arte religiosa — Lendas populares — Tradições locais

Diferenças dos tempos — A noite do fim do anno — Numeros e philosophias impotentes — O «alto» na carreira da vida — As recordações do passado — Inevitavel recordação da patria auzente — A festa do Anno Novo em diversos paizes — Nove mil apertos de mão — A «queima das illusões» — Votos egoistas.



AIS uma vez, depois de tantas, nos encontramos em frente da banca do trabalho, com o fim de um anno e o começo de outro nos biccos da nossa bem modesta penna. O thêma era já velhissimo quando se nos apresentava em nossa adolescencia; tem continuado a envelhecer connosco, e envelhecendo mais e mais proseguirá, na companhia dos que hoje são moços, e ainda dos que o futuro

hade trazer a ocupar o sitio que lhes havemos de deixar vazio.

Com Gimenez Pastor diremos que quando entramos, illudidos e entusiastas, para o jornalismo, abraçando a tão ingrata profissão das lettras, era este thêma o que a nossa penna abordava com maior jubilo, anciosa de fazer lindas phrases, de architectar eloquentes philosophias, que, todavia — oh! ingenuidade feliz! — haviam sido feitas e architectadas mais de mil vezes, e muito melhor do que a nós podia ser permittido.

Seguidamente foi o thêma afigurando-se-nos cada vez mais bonito, á medida que resultava mais serio e grave. A penna já não corria tão ligeiramente, com o airoso desembaraço e a ousadia dos primeiros tempos; detinha-se a miudo sobre os quartos do papel, em largos intervallos de abstracção ou de impotencia para transmittir o pensamento. Mas lá chegava ao fim com a alegria da nova aurora a despontar, olhando intemerata para deante...

Depois vieram muitas noites eguaes, de cada vez fazendo-nos sentir menos o antigo enthusiasmo e mais a propria noite: a noite-silencio, a noite-murmurio vago e impenetravel, a noite-meditação, a velha companheira e amiga de jornalistas e de escriptores, mais do que nunca sentimento, pensamento e voz, quando vae a fechar, como agora, com o seu negro silencio, a porta de mais um anno que findou.

Assim é, com effeito, a do ultimo dia de de-

zembro, a mais funda das noites do que trabalha em silencio — o silencio propicio ao pensamento e ao trabalho, só interrompido em altas horas pelo som dos passos de algum transeunte solitario, que répercutem na solidão da rua, por uma ou outra badalada que os eccos trazem d'algum sino distante, desvanecida pelas ondas do ar, emquanto as horas vão passando insensíveis, como pedaços da sombra em que se nos esgota a vida...

Estas horas apertam laços invisíveis, estendem redes de sympathia entre os espiritos cuja actividade assignalam, aqui e além, as luzes fluctuantes sobre o negro e largo

silencio da cidade adormecida. Sentimos a comunidade da tarefa, como que nos sentimos confortados ao pensar: — «Não estou só, embora o pareça... Outros trabalham commigo... A noite está cheia de pensamento.»

Taes noites estabelecem entre os espiritos que velam, animados pelos mais diversos ideaes, uma intima fraternidade, a fraternidade do trabalho constante, a fraternidade dos afans communs, a fraternidade

das laboriosas insomnias perante os quartos brancos do papel, banhados pela luz amiga da lampada — fiel e discreta companheira do labutar solitario com que vamos enchendo de letras e de palavras esse papel, letras e palavras sobre as quaes hão de, mais tarde, revoltear as «gentis mariposas da illusão» e germinar, florescer e abrirem-se as bellas flores dos sonhos...



A NATIVIDADE

De Giovanni di Pietro (1480-1532), existente no Museu de Louvre

Em certo sentido, para as gen-

tes que querem ser tão praticas e para espiritos que se crêem obrigados a ser tão positivos como os do seculo xx, a extincção de um anno e o começo de outro, deviam ser coisas pouco ments de indifferentes, ou mesmo indifferentes de todo. Questão de horas, minutos e segundos, que arredondam no tempo uma conta parcial, para uma época que vive de numeros, que mede a sua existencia em metros e milímetros, e que a avalia em réis, para uma época que viu já o prisma arrancar á poesia do céu as luzes do arco iris, a correia sem fim dos dias deveria consumir o seu cyclo tão uniformemente, que, na realidade intima das coisas nada assigna-

lasse a hora em que um anno mais resvala para o abysmo do tempo. E, todavia, não é assim.

E' que os numeros e as philosophias não lograram ainda destruir esta pequena fracção do infinito em que se refugia o lyrismo, proscripto da vida pratica, e isso que se chama hoje espirito, o X da equação, ainda se não resolve por A mais B, pede todos os annos um pouco de si proprio trazendo-nos a esta situação pueril de illudidos, que, segundo a gente pratica, celebram um acontecimento que não é acontecimento! O tempo não se detém, sêm duvida; isto é positivo, confessemol-o para tranquillidade dos taes praticos, mas a nossa alma necessita fazer um «alto» na implacavel carreira, reconhecer-se a si mesma fóra do nada colossal do infinito. E' um

futuro. Aquella certa; enganosa esta, quasi sempre.

*

Pensem e digam o que quizerem as gentes praticas e positivas a que temos alludido, não existe nada novo, nem commemoração



A ADORAÇÃO DOS MAGOS

De Stephan Lochner



A ADORAÇÃO DOS MAGOS

De Correggio

momento de abstracção que se concede e no qual descança, para depois proseguir na derrota.

Ainda com Gimenez Pastor diremos tambem, em ultimo termo, que tudo está dentro da mathematica; tranquillizem-se os espiritos positivos! Assignalar um limite entre um anno e outro, não é mais do que a maneira de contar como o tempo vae matando-nos, como bebemos cada anno uma taça de melancolia pelo passado e outra de illusão pelo

alguma que tantas recordações cause e desperte na imaginação como a das tradicionaes festas do Natal, que abrangem todo o periodo desde 25 de dezembro do anno velho até 6 de janeiro do novo anno. Periodo cheio de saudosas, e, por isso mesmo, doces lembranças, durante o qual, no decorrer dos annos, se accumularam em nossa mente quadros e episodios do genero dos que a imaginação não pode jámais olvidar. Atravez da distancia e do tempo, perduram sempre tão agradaveis imagens e recordações venturosas; e ainda mesmo na velhice, quando já os netos saltam sobre os nossos joelhos, e (emquanto esperam anciosos pelas guloseimas d'estas noites e d'estes dias de festa familiar) nos pedem que lhes contemos alguma historia, se lançamos a vista ao passado, como em magico kaleidoscopio, ou em moderno cinematographo, apparecem-

nos, bem nitidas, scenas e lembranças d'este tempo, que bastam, por si sós, para alegrar a aridez dos annos senis, e para povoar de rissonhas alegrias as sombras tristes em que se vae diluindo, como sombra tambem, a existencia dos que velhos se sentem, porque até a propria existencia dos netos bem claramente lh'o faz comprehender.

Os annos da juventude ficam gravados na memoria como se n'ella se stieriotypassem com toda a precisão e nitidez. Quarenta annos depois de qualquer successo, crêmos ver ainda as coisas passadas com toda a firmeza do seu colorido e em toda a belleza dos seus contornos. E as noites d'esta época de festa tradicional da familia são, e serão sempre, no inexgotavel archivo da nossa memoria, fonte tambem inexgotavel de consolações e de refrigerios.



A FESTA EM FAMILIA — A ARVORE DO NATAL

Desenho de H. Merté

são motivos da admiração e apreço dos entendidos no culto do bello. De algumas d'essas verdadeiras joias da arte religiosa, damos nitidas reproducções a acompanhar este artigo, que assim serve de bem tósca moldura a taes preciosidades.

Mas as festas do Natal são tambem não

só religiosas e populares como patrioticas, sobretudo quando o destino nolas faz passar longe da terra que nos viu nascer. Ha paizes em que estas festas se celebram com verdadeira pompa e ha outros em que as circunstancias da terra bastam apenas a proporcionar bem modesta commemoração aos seus habitantes. Nas calidas zonas das regiões proximas ao Equador, estas festas revestem um caracter muito diverso do que teem na Europa. Nos

paizes do hemispherio sul, é o verão que preside á commemoração do anno novo, e os que lá habitam gosam dos esplendores de uma natureza radiante, e podem livremente, sem medo aos frios crueis dos nossos climas, entregar-se ás diversões proprias de tão assignalados dias.

A pessoas que teem passado algum fim de anno em taes regiões, temos ouvido asseverar, e acreditamol-as piamente, que não

lhes sabiam como saberiam em sua patria os typicos manjares consumidos nas mezas de festa, em obediencia a um culto que perdura atravez das idades. No meio das maiores alegrias, notaram sempre qualquer coisa, assim como se uma vaga reminiscencia, um apagado ecco da terra onde viram a primeira luz, viesse perturbar-lhes o brilho do olhar. Poderá passar o homem annos e annos sem ter uma unica recordação para a patria de que se encontre ausente, mas não ha um só, infeliz ou venturoso, que, em dias como os que ora decorrem, deixe de olhar para o passado, erguendo do pélagos do esquecimento para a visão da memoria, scenas e palavras, factos e figuras, que resoam e luzem com eccos e matizes de agradabilissimo encanto. Assim se approximam mentalmente da patria longinqua, trazendo-a até elles, ou indo até ella, na magica evocação da mais vivida saudade...

O dia do Anno Novo, ou Anno Bom, que por ambas as fórmulas é designado o dia 1 de janeiro, assume aspectos muito variados nos diversos paizes do globo. Em França, como em Madrid, Barcelona, Lisboa e outras cidades importantes latinas, apparecem as ruas extraordinariamente movimentadas, vendo-se innumeradas personagens carregadas de presentes, para os seus ou para os estranhos, quasi sempre correndo, na intenção de poderem a todos contentar e a todas as relações fazer os seus cumprimentos de boas festas. Os môços de frêtes não teem, n'esse dia, *mãos a medir*, como se diz em linguagem pittoresca. Andam, o que se chama *n'uma roda viva*. As confeitarias realisam n'esta época o mais importante negocio de todo o anno. E' a época dos *pudings*, das trouxas d'ovos, e das grandes peças montadas, verdadeiros monumentos á guloseima das familias e não menos verdadeiras obras primas da arte de confeitiro, que não poucos ahi classificam entre as artes que de bellas teem o nome... (E não seremos nós que os havemos de contradizer!)

Nas outras capitães europeas succede o mesmo. Tudo parece respirar alegria. Todos se felicitam, e sede sejam um novo anno cheio de venturas.

Na Russia, o costume é muito outro. Desde

as primeiras horas da manhã que se dão mutuamente abraços, em plena rua, todos quantos se encontram, conhecidos ou não. A esse tradicional costume nem o proprio Czar ousa subtrahir-se. Quando o vão cumprimentar a palacio, os funcionarios da côrte e os altos personagens da burocracia moscovita, o imperador não só abraça a todos os que se lhe apresentam, mas tambem os beija, por trez vezes seguidas, nos labios. Não é, decerto, este um costume muito limpo, mas é um costume a que o «autocrata de todas as Russias» se não peja de prestar culto.

E não se pense que estes abraços e estes beijos são apenas para os principes, granduques e outros magnates palatinos, pois tambem o Czar beija e abraça os proprios cossacos da guarda do palacio, e, porque lhe seria absolutamente impossivel abraçar e beijar a todo o exercito do seu paiz, abraça e beija a uns tantos homens de cada regimento!

Na republicana America do Norte a pratica é tão simples como na Russia, mas não mais egalitaria. O presidente abre as portas da Casa Branca a todos os cidadãos e ahi abraça e aperta a mão a quantos em tal dia o querem felicitar. Um jornalista newyorkino, no afan de bem detalhadamente informar o seu periodico, deu-se ao patientissimo trabalho de contar os apertos de mão dados e recebidas pelo presidente Roosevelt, no dia de Anno Novo de 1906, e chegou *apenas* até 9:052. N'estes cumprimentos se gastaram, segundo elle asseverou, 3 horas e 44 minutos. A cerimonia ameaçaria eternisar-se, se o presidente ou quem quer que é que superintende nos assumptos de pragmatica da Casa Branca, não tivesse recorrido a um engenhoso estratagemas. Uma banda militar, postada ao fundo do salão presidencial, tocava constantemente um passo dobrado, e, d'este modo, não só inutilisava todos os propositos de discurso como obrigava os que apresentavam cumprimentos a marchar a compasso, sem poderem deter-se mais do que o tempo restrictamente indispensavel para apertar a mão do chefe do Estado.

Tambem o Anno Novo *yankee* se distingue pela mais ampla hospitalidade. A nin-

guem se nega, em tal dia, o que possa necessitar ou pedir. «E' o dia em que começa um anno e é preciso que todos sejam satisfeitos.»

Nas regiões orientaes, ao contrario, cada novo começo de anno é saudado com demonstrações da mais profunda dôr. Tudo depende do ponto de vista adoptado, e assim se explicam muitas coisas que d'outro modo pareceriam inexplicaveis. Nós vemos em cada Anno Novo, um novo anno que começa, para disfructar e para viver. Elles consideram-no como um anno mais que findou, terminando a sua carreira. Na Persia, principalmente, ha cidades onde o dia primeiro do anno é um dos mais tetricos. E' dia de luto geral. Todos os habitantes se sentem mais velhos,

e como a velhice é a morte das illusões, d'ahi vem que, em Teheran e Ispahan por exemplo, se presenciam os mais raros espectaculos. Toda a gente veste de luto, ouvem-se gritos por toda a parte, e a tristeza vê-se espelhada em todos os rostos.

Na India, então, a alegria é o mais ruidosa possivel. Mal rompe a aurora, a cidade hindu apresenta logo o mais extraordinario movimento. Tudo é bulicio e animação. Em folhas de figueira, é levado, de casa em casa, o arroz sagrado, feito n'essa manhã, em todas as cozinhas em festa, antes de romper

o sol. As primicias da cosinha são dadas ás vaccas dos estabulos. Desventurada é a casa onde se quebrar a caçarola em que se ferve o leite, e felizes aquellas onde tal desastre não succede. No dia seguinte, as vaccas são trazidas para o melhor aposento da habitação, e, ahi, toda a familia da casa lhes presta homenagem. E assim se santifica o novo anno.

Na noite de 1 de janeiro os rios hindus apresentam o mais phantastico aspecto. So-

bre milhares e milhares de cabaças ôccas, ou em quaesquer outros objectos que possam fluctuar, são lançadas á corrente das aguas méchas de filamento vegetal alimentadas por oleo de palma, e accesas no acto do lançamento. A corrente vae arrasando vagorosamente esta extranha illuminação, ao ver a qual se diria estar presencando o desfile



COSTUMES POPULARES ALLEMÃES — A CHEGADA DOS MAGOS

Desenho de George Hahn

de uma interminavel flotilha de microscopicas embarcações de um reino de fadas. Aquellas luzes, confiadas á corrente dos rios, representam as illusões que passam para nunca mais voltar.

Na China, o novo anno começa a 25 de janeiro, e não a 1 como entre nós. Celebram-se illuminações extraordinarias. Durante tres ou quatro noites consecutivas brillam milhões e milhões de lanternas de todas as classes e feitios, o mais altamente collocadas que é possivel, «para que as almas errantes, que vagam pelo infinito dos

espaços, possam ver o cemiterio onde repousam os seus respectivos esqueletos».

No Japão, quando, n'este dia, se encontram dois amigos ou conhecidos, olham-se, inclinam-se um para o outro, quasi de cocoras, e dizem: *Omedeto! Omedeto!* ou seja Bom anno! Bom anno! E sem mais um gesto, sem mais uma palavra, voltam á primeira posição e cada qual segue o seu caminho. N'esse dia, o amor e a tranquillidade reinam em todas as casas. Por muito que haja arrefecido o amor de um matrimonio, no dia primeiro do anno como que se reacende a chamma que illuminou os dias da lua de mel. Madame Chrisanthemo torna-se carinhosa e amante; e o marido é outra vez o apaixonado joven d'outro tempo. Entra submisso nas habitações da esposa, inclina-se com a maior correcção, ella devolve-lhe o carinhoso cumprimento, abraçam-se os dois e a recordação dos tempos idos vem sellar a curta lua de mel, que assim reverdece periodicamente. Isto, em regra, com as excepções que nos seja licito suppór...

Anno Novo! Anno Novo! Marcas o termo de uma era da vida, para indicar o inicio

de outra, que, segundo a promessa mental de todos, deverá ser distincta da anterior. Passam os dias primeiros de cada anno e não se transforma nem se modifica o modo de viver. Decorrem alguns dias mais e ninguem ha capaz de reagir comsigo proprio.

O 1910 terá necessariamente a mesma sorte de todos os que o precederam no desenrolar dos seculos, pois tambem deve ter escutado milhares de promessas que nunca hão de ser cumpridas.

Que para os que lerem esta prosa elle decorra, ao menos, proporcionando-lhes todas as venturas que possam apetecer, taes são os nossos votos.

E n'isto entra tambem um pouco de egoismo... porque fomos os primeiros a lê-la nas provas de granel e nas de pagina!...

Oxalá que taes votos sejam escutados por quem de direito.

ARTHUR BELMONTE.



DEBILITADOS por EXCESSOS
de forças phisicas e musculares, pessoas excessivamente **NERVOSAS**, curam-se completamente com a

Somatose

em pó ou liquida (dóce ou secca). Vende-se nas **pharmacias e drogarias.**



Senhoras em evidencia

Literatura

Attinge-se melhor a verdadeira noção da época de *Madame de Sévigné* em qualquer das cartas a sua filha, do que em quantos *in-folios* dos chronistas palacianos. Através das paginas intimas, escriptas sem a preocupação da publicidade, adivinha-se a explicação de muitos casos enigmaticos que a subserviencia dos historiadores occultou para agrado dos imperantes.

A historia dos tempos que vão correndo deve ser dos trabalhos mais difficeis de que se occupará a critica historica de d'aqui ha alguns annos. O embate das paixões politicas, dos odios pessoaes, a desorientação das opiniões, exigirá do estudioso um esforço verdadeiramente superior, para que do fundo d'aquelle poço tenebroso, surja limpida e nua, a verdade — eterna Esphinge de todos os seculos!

De resto, a historia não é hoje e não será mais, o relato frio, secco e louvaminhoso dos mandantes, que synthetisavam toda a vida dos povos. Não se fazia a historia d'uma época; contava-se a vida d'um principe. Os governantes d'hoje são, para a historia implacavel, figuras como as outras, frisando mais ou menos o seu tempo, conforme a evidencia e a efficacia da sua acção pessoal, no conjunto harmonico dos elementos de valor d'uma nação. Mais do que as phisionomias realengas, a critica historica terá de trazer em todo

o relevo, ao de cima dos factos, os typos mais salientes e preponderantes de entre os homens publicos.

A biographia d'esses homens não se limitará aos factos de conhecimento correntio, mas será preciso descer (ou subir!) á vida intima em que muitas vezes se prendem factos de interesse geral, que só nella poderão ter explicação.

A senhora D. Branca de Carvalho, um finissimo espirito, uma senhora de nome consagrado entre as damas portuguezas que no nosso paiz se teem entregado a ingloria faina das letras, acaba de publicar em edição primorosa, um volume intitulado *O romance d'um homem politico*, em que se descreve brilhantemente a mocidade d'uma das mais salientes personalidades politicas dos ultimos tempos no nosso paiz.

Comquanto o véo do mysterio encubra o nome d'esse estadista, ha no volume cuja factura é verdadeiramente primorosa, paginas da mais flagrante e perfeita auto-biographia, que d'aqui a algumas centenas de annos, feitas em pó as suas figuras, e limpa

dos preconceitos sociaes a historia, constituirão documentos de excepcional valor.

A senhora D. Branca de Carvalho é auctora de alguns romances de muito valor, publicados já ha alguns annos, como *O preço da felicidade* e *A virgem de Malaca* trabalhos que só por si, qualquer d'elles, consolidaria o renome litterario d'esta illustre senhora.

A pleiade de senhoras portuguezas que se dedicam



D. BRANCA DE CARVALHO

á literatura é hoje um distinctissimo grupo que honra sobremaneira o nosso paiz. Entre ellas cabe sem duvida um dos primeiros logares á senhora D. Branca de Carvalho, pelo seu talento, pelo seu espirito e pela sua vastissima erudição.

Escreptores brasileiros



BAPTISTA COELHO
(João Phoca)

Baptista Coelho é um escriptor e jornalista brasileiro cheio de graça e de talento. Os seus romances e as suas obras de theatro são a pedra de toque por onde se pôde avaliar o subido quilate da sua intellectualidade. A revista agora em scena no theatro da Rua dos Condes, *Fado e Maxixe*, são uma prova eloquente do seu merito de comediographo, do seu espirito de observação, do sal que sabe derramar aos punhados em tudo a quanto imprime o seu cunho de literato, scintilante, de chronista moderno, de *disueur* incomparavel.

Chronica da moda

A transformação dos penteados.—*A simplicidade encantadora dos penteados modernos.*—*Os chapéos desta estação.*—*A grande moda do velludo para todas as toilettes.*—*As suas guarnições.*—*As saias brancas rendadas e as chemisettes ou blusas.*—*Os grandes paletots de pelluche guarnecidos de pelles.*

E' muito notavel a transformação porque passaram ultimamente os penteados das senhoras

As grandes pópas foram completamente postas de lado e os penteados complicados e difficeis cederam o seu logar á fórma da mais encantadora simplicidade que se poderia desejar.

Os cabellos apenas ondulados, separam-se ao meio ou a um lado por uma risca e formam dois *bandeaux* sobre a testa, tufando largamente dos lados e for-

mando á roda da cabeça uma especie de turbante muito singelo e artistico tambem.

Esta singularissima fórma de penteado deve ter sido inspirada pelos novos chapéos desta estação, cuja característica é *coiffer* em toda a accepção da palavra.

E' pois fóra de duvida que com estes lindos chapéos de inverno, enterrando-se muito na cabeça, os penteados trabalhosos, com *pastiches* e *chichis*, não teriam razão de ser; e ainda bem que a simplicidade e o bom gosto vão suplantando as fantasias e os artificios dos penteados das senhoras.

Como chapéos modernos, estão fazendo furor esta estação *as toques* de pelles, os *tricornes* e *bicornes* em *poiluchon* e *melusine* guarnecidos apenas de galões *vieil or*, *aigrettes* ou *azas*.

Tambem se usam muito os grandes chapéos com as abas levantadas dum lado apenas, e descidas completamente do outro. Estes chapéos, em velludo, tendo por guarnição unica uma grande pluma artisticamente collocada, são muito graciosos e emolduram vantajosamente um fino rosto de mulher bonita, formando-lhe como que o fundo do quadro em que o seu busto se destaca artisticamente.

*

Outra nota muito frisante desta estação é a grande moda de velludo para vestidos elegantes, *toilettes* de noite, *troteurs*, *manteaux*, etc.; mas um velludo, flexivel, manejando-se com facilidade e em tons escuros diversos. Ha uma gamma espantosa de nuances nestes velludos, e difficilmente se idealisará uma *toilette*, mais bonita para a rua que um *costume tailleur*, em velludo, feito por uma artista de nome.

As guarnições para estas *toilettes* são apenas os botões, os galões, a *soutache* e as bandas de pelles, pois nada se harmonisará talvez tão bem com o velludo como são as pelles.

Para usar com estes vestidos de velludo, estão completamente banidas as saias de côres e nada com estas *toilettes* irá melhor, que as saias brancas finissimas, guarnecidas de rendas ou bordados, e a *chemisette* de *batiste* branca. O contraste é certamente *exquis*, mas dá entre as pessoas elegantes a nota do verdadeiro *chic* desta estação.

Todos os tecidos leves como a *batiste* ou *mousseline*, rendas ou bordados, devem ser ligeiramente engommados, porque a simples passagem a ferro não bastará. Uma ligeira agua de gomme, além de conservar aos tecidos finos a apparencia de novos, é precisa para fazer sobresahir os relevos dos bordados e dar graça e valor ás rendas. Esta operação da *amidomage* não é para todas as mãos; requer mãos de anneis, finas, leves e experimentadas, que saibam conservar a graça e flexibilidade das rendas e dos tecidos.

As *chemisettes* ou blusas são quasi todas guarnecidas nesta estação, com um comprido e largo *jabot* plissado ou finamente encanudado.

Tambem não deixaremos de chamar a attenção das nossas leitoras para os grandes *paletots* de *pelluche* guarnecidos de pelles. Um grande *paletot* em



VESTIDO DE RENDAS, PARA SARAU, ULTIMA MODA EM LONDRES

pelluche de seda preta forrado de setim com golla e punhos de raposa preta, tambem é indispensavel, como abafo, a qualquer senhora elegante. Estes ca-

sacos são muito sobrios de guarnições e fecham, um pouco abaixo da cintura, apenas com um botão de *strass* e uma azelha de *passementerie*.

A fraqueza do corpo, dibilidade dos membros e nervosismo das senhoras, dissipam-se por completo com a **SOMATOSE**.

O regresso d'El-Rei



PARTIDA DO CORTEJO PARA O PAÇO DAS NECESSIDADES

Theatros

S. Carlos. — E' de verdadeira justiça prestar homenagem ao distincto empresario Mimon Anahory pela fórma como vae constituindo a época no nosso theatro lyrico.

Desde a noite de 15 de novembro, em que se iniciou a época, até hoje, os espectáculos tem deixado em todo o auditorio, as mais agradaveis impressões de arte, tendo sido dispensados calorosos e entusiasticos applausos ao conjuncto de artistas da bella companhia franceza.

De novo o lindo drama lyrico *Le Chemineau* executado sob a direcção do seu auctor Xavier Leroux, alcançou um extraordinario exito, devendo accentuar-se que d'esta vez, a encantadora partitura obtivera maior realce ainda pela melhora do *ensemble* que imprimiu vigoroso colorido a todos os trechos musicaes, registando com brilho os mais insignificantes detalhes.

O *spartito* do *Caminheiro* impõe-se, não só pela belleza da melodia, repassada de sentimento, como pelos effeitos da orchestração que attingem uma fórma modelar. As empolgantes scenas do 2.º e 3.º actos, o preludio orchestral d'este acto, o *intermezzo* do 4.º filiado sobre um velho thema do canto do Natal, o duetto do 1.º acto entre o soprano e o barytono são, de facto, d'um brilho inexcedivel e marcam o superior valór do *Chemineau*.

Coube a interpretação ao soprano Hilda Fretal, tenor Gilly, barytono Bourbon que se revelaram artistasde alto valor, e ainda aos sopranos Gustin e Re-

naux e baixo Sequien, cujo conjunto mereceu, como dissemos, bastos applausos.

Seguiu-se-lhe as duas operas *La Navarraise*, de Massenet e *La Legende du Point d'Argantau*, de Fourdrain, novas para Lisboa.

La Navarraise, cuja estreia se realizou no theatro Covent-Garden, de Londres, ha quinze annos, é, sem duvida, um trabalho de valia.

A musica acompanha a acção dramatica do libretto n'uma elevada concepção artistica que sobremaneira honra Massenet. Nas suas paginas doridas, mormente na scena da loucura, Massenet marca com expressiva accentuação, o traço vivo de dor e no delineamento empolgante da acção regista com vigor, o seu nome de compositor distincto. Basta o sublime *nocturno* que a orchestra executa apóz a sahida precipitada de *Anita* para se divisar a mão do mestre.

Justo, porém, é dizer-se que poderosamente concorreram para o successo que a partitura de Massenet alcançou entre nós, os seus dois principaes interpretes: madame Héglon e tenor Granier.

Héglon Leroux é uma artista distintissima; a cantora e a comediante ligam-se n'um forte amplexo. Como cantora se evidenciou logo ao entrar em scena e o confirmou depois no duetto com o tenor e no andante *Ah! Marier donc son cœur*. Como comediante se revelou em especial nas scenas finaes da opera. O seu primoroso trabalho foi coroado com uma salva de palmas de toda a assistencia. Eguaes manifestações obteve o tenor Granier que possui uma voz extensa e bella escola de canto.

A partitura de Fourdrain, *La Legende du Point d'Argentaui* é a perfeita antithese da *Navarraise*. Esta é impetuosa, violenta, aquella, delicada e com o seu quê de mysticismo que bem traduz o seu romantico libretto.

La Legende teve como interprete a distincta artista, madame Fretal que confirmou os creditos que obtivera no *Chemineau*.

E para complemento falemos ainda das operas *Thérèse* e *Fortunio*, novas tambem para Lisboa e que, como as anteriores alcançaram um ruidoso successo.

Thérèse é impulsiva, arrebatada, vehemente, possuindo scenas de forte tensão dramatica que veem recordar essas paginas crueis e tristes da revolução franceza.

Em contraste, outras ha, subtis delicadas, que Massenet descreve com o seu superior talento.

O desempenho esteve a cargo dos artistas Héglon e Granier, quanto basta para se ajuizar do trium-

Mademoiselle Silian Grenwille que se estreou no *Fortunio*, recebeu uma carinhosa manifestação de apreço. Foram igualmente muito applaudidos o barytono Bourbon e tenor Gilly.



LADISLAWA HOTKOWSKA



ELSA BLAND

pho obtido pela *Thérèse*. A citar temos, as arias do 1.º acto *Oui, je t'aime, je te venerate; Le parc! Et le perron!* O duetto em tempo de *minuetto* e os finais do 1.º e 2.º actos em que os dois artistas foram de superior interpretação. Unanimes applausos lhe foram feitos, bem como ao maestro Leroux que dirigiu a opera com muita proficiencia.

A comedia lyrica em 4 actos *Fortunio* extrahida da peça de Masset, é, sem a maior duvida um magnifico trabalho musical. Succedem-se as lindas melodias a que Messenger juntou uma harmonia de superior effeito pela escolha dos timbres que formam um conjunto, por vezes, originalissimo. O 2.º acto e o prelude orchestral do 3.º, são verdadeiras joias musicas.

Messenger é um dos compositores francezes de maior nomeada e occupa actualmente o cargo de director de orchestra do theatro da Grande Opera de Paris.

A fechar esta brilhante serie de recitas da companhia franceza, deu-nos a intelligente empreza Anahory a opera em 4 actos *La Reine Fiammette*, poema de Catulle Mendès, musica do celebre maestro Leroux. Se no *Chemineau*, Xavier Leroux revelou qualidades de compositor distincto, na *Reine Fiammette* o seu talento patenteou-se nitidamente, moldando-se a uma maneira de ser poetica e graciosa.



CLARA JOANNA

As scenas d'amor, aquella frivolidade que caracteriza a protagonista, estão traçadas por Leroux com verdadeira mestria.

Toda a acção é, passo a passo, sublinhada pela

orquestra de fôrma, que não ha um lance dramatico, uma phrase d'amor, que a musica a não delinieie com viva cor, saltitando d'um para outro instrumento com inexcédivel facilidade e sem que as vozes percam a sua supremacia.

No 2.º e 3.º actos, muito especialmente, o trabalho de Leroux attinge a culminancia da arte com effeitos orchestraes, que constituem a principal belleza da partitura.

Bom é, porém, que se diga, que o exito da opera, entre nós, muito deve ao valor de Valandri, que é uma eximia cantora e uma actriz consumada. A sua voz encanta. Phraseia com facilidade e sabe emittir-a com arte.

O tenor Granier, cujos dotes artisticos já paten-teamos, foi um illustre cooperador de Leroux e Valandri. Muito bem os demais artistas.

E assim de exito em exito terminou a companhia franceza as suas recitas deixando agradável impressão no auditorio de S. Carlos.

Companhia de opera lyrica italiana. -- Esta companhia estreiou-se no dia 22 com a opera de Bérlioz *Dannazione di Fausto*.

O elenco consta dos seguintes artistas:

Maestros directores de orchestra: Mascheroni, Bossa e Molajuoli (substituto).

Maestro de côros: Lorient.

Director de scena: Superti.

Sopranos e meio-sopranos: Baldassare e Lerma (de-



EMILIA SCAFIDI

zembro a 8 de fevereiro), Gay (janeiro), Giudice (22 de janeiro a 22 de março), Hotkowska, Joanna, Mantelli, Jeanne Morini e Marta Morini (8 de fevereiro a 8 de março), Scafidi, Rosina Storechio (fevereiro a março), Carmen Toschi (até 8 de março), Dina Borgui e Ada Favi.

Tenores: Ballin (até 8 de fevereiro), Carpi, (desde 8 de fevereiro). De Tura (desde 12 de fevereiro), Gillion (até 8 de fevereiro), Giorgi (até 8 de fevereiro), Giraud (desde 25 de fevereiro), Favi e Paggi.

Barytonos: Luca (até 18 de janeiro), Galeffi e Nani (desde 22 de janeiro), Rossi, Niola, Ottoboni.



CARLOS BALLIN

Baixos: Dammaco, Nicoletti Kormann e Brilli.

Corpo de baile: Bottazzini, coreographo; Casella, 1.ª bailarina, Carlington e 24 bailarinas.

Ponto: Casellato.

Scenographo: Stefani.

Machinista: Vago.

Aderecista: Tubilal.

Electricista: Zarazaga.

74 professores de orchestra, 76 coristas, 30 professores de banda. Scenarios de Bertini & Pressi e Magni, de Milão. Guarda-roupa da casa Chiappa, de Milão.

Repertorio (operas novas): *Wally* de Catalani, *Hänsel e Grätel* de Humperdinck. Além d'estas, outras escolhidas entre as seguintes: *Dannazione di Fausto* de Bérlioz, *Carmen* de Bizet, *Mefistofele* de Boito, *Linda de Chamounix* e *Elixir d'Amor* de Donizetti, *Fedora* de Giordano, *Palhaços* de Leoncavallo, *Cavallaria Rusticana* de Mascagni, *Manon* e *Werther* de Massenet, *Africana* de Meyerbeer, *Gioconda* de Ponchielli, *Tosca* de Puccini, *Guilherme Tell* de Rossini, *Samsão e Dalila* de Saint-Saens, *Aida*, *Otello*, *Rigoletto* e *Traviata* de Verdi, *Lohengrin*, *Siegfried* e *Tristão e Isolda* de Wagner.

D. Maria. — Com a peça de Oscar Wilde, *Um marido ideal*, traducção do sr. Freitas Branco, se realizou a inauguração da época.

Não se poupou a sociedade artistica exploradora do Normal a despesas; bem claramente demonstrou os muitos esforços empregados para conseguir pôr em scena uma peça tão grandiosa. E pelo esmero e boa

vontade que de sobejo provou agora, muito ha a esperar em futuros empreendimentos.

A peça que se acha consagrada em Londres foi, entre nós, recebida com inumeros applausos e d'elles partilhou, com justiça, o distincto actor e ensaiador Augusto de Mello.

No desempenho distinguiram-se os artistas Adeina Abranches, Augusta Cordeiro, Cecilia Machado, Maria Pia e Joaquim Costa. Foram todos muito victoriados.

D. Amelia. — A primeira peça nova da época foi *L'amour veille*, de Flers e Caillavet, traducção de Manuel Penteado e pode dizer-se que a empreza do

D. Amelia encetou as novidades da presente temporada, com chave de ouro.

L'amour veille é uma peça encantadora. A graça, o espirito atravessam os seus 4 actos sem o mais leve esmorecimento e com muita e faiscante originalidade.

Tem effeitos e situações d'um comico irresistivel e por vezes, scenas d'um sentimentalismo delicioso, dando bem a nota do theatro francez de que Flers e Caillavet são illustres cultivadores.

Como sempre, no desempenho, obteve o primeiro logar o eminente artista Augusto Rosa, que no final do 1.º acto apresentou um soberbo trabalho.

Auxiliaram muito bem o distincto artista, Palmyra Bastos, no encantador papel de *Jacqueline*; Emilia de Oliveira, no de *Luciana* e Henrique Alves, no de *Ernesto Veinet*, de bastante difficuldade; Chaby Pinheiro Azevedo, Barbara, Luz Velloso, Jesuina Saraiva, Leonor Faria, Emilia Sarmiento e Elvira Costa em papeis de menos responsabilidade.

A traducção de Manuel Penteado é muito correcta.

A peça *Samsão* que o D. Amelia deu em 3.ª recita de assignatura, é o que se chama uma verdadeira obra de theatro.

Sem artificios e complicações, fugindo por completo ao convencionalismo, as scenas decorrem simples e naturaes n'uma intensidade dramatica crescente e n'um forte poder de verdade que constituem o segredo de Bernstein. Lances de dór, coleras intensas, rugidos de raiva, tudo se choeca tão intimamente, com tanta simplicidade que a peça desliza pelo tablado como um galopar d'um esquadrão ao longo de uma planicie.

Todas as scenas d'essa suggestiva peça de Bernstein são tão profundamente humanas, teem um vinco tão fundo de verdade, que subjugam e impõem-se na

sua inteira plenitude. E é depois de vermos uma peça como *Samsão* e de assistirmos a um trabalho de arte como o que apresentou o grande actor Augusto Rosa, que ficamos, como que mal habituados para applaudir tudo que appareça.

Falta deveras palavras para bem gafardoar o primoroso trabalho de Augusto Rosa. A scena do 3.º acto é grandiosa, empolgante, magistral. A extraordinaria ovação que recebe sempre que sobe á scena o *Samsão*, demonstra bem quanto impressionativo é o seu maravilhoso trabalho.

Merecem egualmente elogios as actrizes Angela Pinto, que deu ao papel de *Anna Maria* uma superior interpretação; Emilia de Oliveira, Barbara, Chaby Pinheiro, como sempre com muita naturalidade; Henrique Alves, Carlos de Oliveira e Raphael Mar-



AUGUSTO ROSA



ANGELA PINTO

ques. Como complemento diremos que a peça foi traduzida por Eduardo de Noronha com o cuidado e esmero que costuma pôr em todos os seus trabalhos.

Trindade. — Continúa em pleno successo a operetta *Sonho de Valsa* do maestro Oscar Strauss.

Gymnasio. — A peça dos irmãos Quinteros *O gênio alegre*, é um mimo litterario. Possui a nota do sentimento e aquelle estylo tão proprio de todas as obras dos mesmos auctores. É uma comedia fina encastoadá n'uma leve ironia. Os ditos espirituosos salpicam aqui e acolá buscando mais o comico pelas situações das personagens. É das peças que requer um bello desempenho para poderem ser apreciadas.

Apezar de estar em genero diverso do explorado no Gymnasio, todos os artistas procuraram fazer realçar os seus papeis e fazerem-se applaudir.

Avenida. — Depois das operettas *Vivalegre* e *Sonho de Valsa* a immortal revista *A B C*, com o atractivo do coupletista brasileiro Geraldos. Enchentes sobre enchentes. E actualmente a revista *Sol e Dó* de Accazio de Paiva e Luiz d'Aquino, optimamente recebida pelo publico.

Principe Real. — Com os dramas *O pé leve*, *A questão dos venenos* e o *Telegramma* tem obtido casas... á cunha.

O drama *Josette* em 5 actos de Paulo Reboux, que se representou no popular theatro da Rua da Palma, se não brilha pela novidade de acção, possui comtudo todas as tintas de uma paisagem triste profundamente emocionante.

E' talvez um pouco local mas nem por isso deixa de ter a sua parte interessante e deveras commovedora.

São typos das ruas de Paris, passados pelos bastidores n'uma bem urdida disposição de scenas e com estylo apropriado ás personagens.

No desempenho ha a citar o bello trabalho de Lucinda do Carmo que interpretou a sua parsonagem com talento. Bem, Amelia e Adelia Pereira, Pato Moniz, Eduardo Vieira, Gentil e Carlos Leal. Foram todos muito applaudidos. A traducção como todas de João Soller.

Colyseu dos Recreios. — Numerosa concorrência tem sempre esta elegante sala de espectaculos.

As luctas greco-romanas, as de *jiu-jutsu* e porfim as d'estas duas especies de combate, tem despertado no publico extraordinarissimo interesse, dando motivo, todas as noites, a uma verdadeira romaria de espectadores.

Depois das interessantes sessões entre os dois irmãos Deriaz, deram-se as de lucta entre o athleta Maurice e o japonéz Kirano. Os habeis golpes de «jiu-jutsu» não conseguiram vencer a força herculea de Deriaz. Kirano perdeu os sentidos.

A seguir realiza-se o *match* entre Kirano e Deguchi, entre Deriaz e Raku, entre este e Taki, etc., e de sessão para sessão augmenta o enthusiasmo por este genero sportivo dando logar até a vivas discussões na sala do Colyseu.

De todas estas sessões, devem especialisar-se as de lucta japoneza, muito interessantes pela belleza da arte.

Além d'este numero, outros effectuados pela numerosa companhia, tem alcançado bastos applausos.

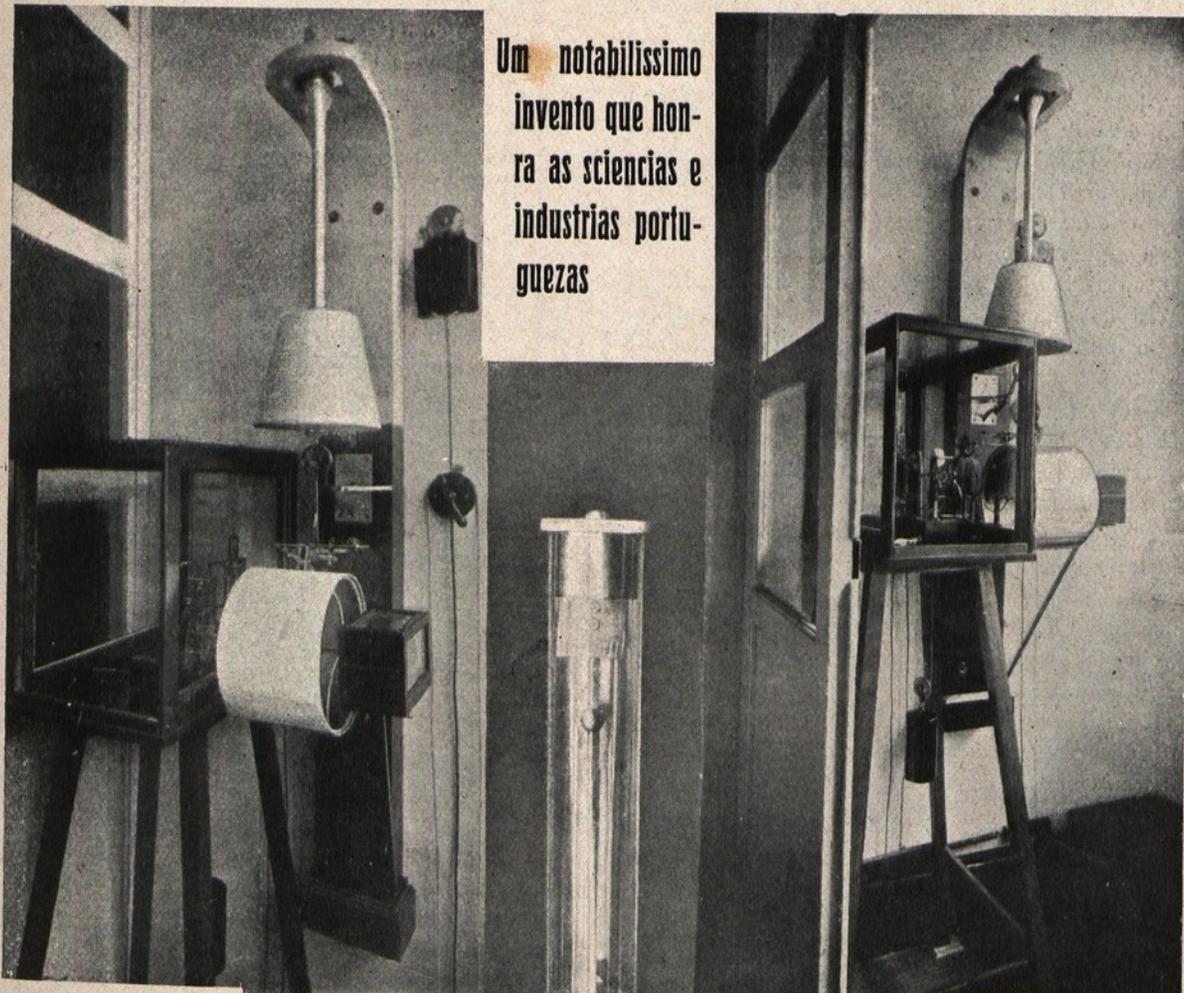
Mimi Aguglia. — No proximo numero falaremos detidamente dos espectaculos d'esta eminente tragica, uma das artistas mais completas e suggestivas que tem pisado o palco do D. Amelia. Fez furor, é o termo, e ninguem o mereceu mais.



THEATRO DA TRINDADE
Sonho de Valsa — Final do 2.º acto

Sismographo de Ramos da Costa

Um notabilissimo
invento que hon-
ra as sciencias e
industrias portu-
guezas



O sismographo, installado no observatorio de marinha, genuinamente portuguez, foi construido não só para estudo, como tambem para resolver um problema de que se afigurou ao auctor encontrar solução.

Este sismographo, modelo pequeno, pela sua fraca ampliação e pela grande velocidade do registador, pode ser considerado como um sismographo para macrosismos ou antes macrosismographo.

Embora o instrumento em questão seja de diminutas dimensões e não contenha *amortecedor* para as oscillações, como o sismographo do professor Agamennone, director do observatorio de Rocca di Papa (Roma) construido por Fascionelli, deve servir para todos os abalos de terra de epicentros não afastados.

O registo dos macrosismos exige sismographo especial sendo certo que a sua fraca sensibilidade o

torna inutil para o estudo dos macrosismos e telesismos, isto é, para os pequenissimos abalos no logar da observação e para os abalos cujos epicentros se encontram afastados.

E' pois natural que o sismographo

portuguez possa satisfazer com vantagem aos abalos classificados de IV a XII na escala de Forel-Mercalli-Cancani.

A velocidade d'este sismographo é de 6^m,5 por hora, bastante superior á menor velocidade conhecida que é 0^m,30 por hora para os registadores mechanicos, e de 0^m,04 a 0^m,06 por hora para os pendulos photographicos von Rebeur—Ehler, Milne, etc.; e outrosim bastante inferior áquelles que teem velocidade de 30^m por hora isto é, superior a 0^m,008 por segundo, como se teem pretendido construir.

A sensibilidade do mesmo instrumento, isto é, as

dimensões que alcança nos graphicos um desvio de 1" da vertical, é de $\frac{1}{25}$ de millimetro.

O sismographo compõe-se de tres partes principaes que são: pendulo vertical, aparelho de ampliação e registador.

O pendulo é constituído por uma massa da fórma d'um cone truncado de bases parallelas de 0^m,180 de altura e, 0^m,115 e 0^m,200 de diametro.

O aparelho de ampliação é constituído por uma haste que faz mover um pantographo de sorte que os sismographos veem dezeseis vezes ampliados.

O aparelho registador consta d'um cylindro de 0^m,215 de diametro e que tem enrolado o papel sobre o qual escreve a penna-tinteiro. Este cylindro é movido por um motor de relojoaria cuja revolução é feita em 7 dias.

A parte mais capital do instrumento e que remove os obstaculos encontrados nos outros aparelhos congéneres consta: d'um aparelho intitulado *transmissor electro-automatico de velocidades*, o qual tem por fim fazer com que, na occasião do abalo, o cylindro seja movido por um outro systema de relojoaria cuja velocidade é 2:000 vezes, approximadamente, superior á velocidade ordinaria.

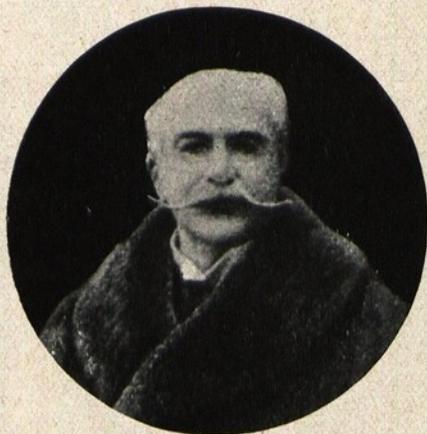
N'este systema de relojearia de grande velocidade, a velocidade de desenrolamento do cylindro é de 6^m,5 por hora o que contrasta bem com a velocidade ordinaria que é de cerca de 0^m,005 por hora. Isto traduz uma economia de despeza e de trabalho.

Francisco Rangel de Lima

Dando no logar de honra d'este *magazine* o retrato do illustre escriptor e jornalista Francisco Rangel de Lima, que a morte arrebatou ha dois mezes, prestamos a homenagem devida a um honrado extincto, que foi sempre modelo de virtudes civicas e domesticas e um dos mais prestantes ornamentos das letras patrias.

Um veterano da arte tragica

Muita gente ha de suppór o illustre tragico Salvini desaparecido da scena do mundo como desapareceu do tablado. Pois está vivo e são com os seus oitenta annos. Reproduzimos a sua ultima photographia tirada ha poucos dias em Londres onde o glorioso actor foi para assistir á inauguração do busto do seu insigne collega britannico, sir Henry Irving, no vestibulo do theatro Drury Lane.



THOMAZ SALVINI

Thomaz Salvini nasceu em 1829 e entrou para o theatro em 1843, impellido por irresistivel vocação. Foi discipulo do afamado professor Gustavo Modena, que tambem ensinou Ernesto Rossi. Fez parte da companhia do empresario Domeniconi e com elle representou durante seis annos ao lado da Adelaide Ristori. Desde então a sua carreira foi sempre em augmento, conquistando ruidosos triumphos não só em Italia, mas em todo o mundo civilizado. Em 1869 esteve em Portugal, representando em Lisboa e no Porto com grande exito.

FARINHA
LACTEA

NESTLÉ

Alimento completo para crianças e
pessoas edosas.



Musica dos SERÕES

Minuete celebre



De L. BOCCHERINI

Moderato.

L. Boccherini.

pp

Fine.

The musical score is written for piano in G major (one sharp) and 3/4 time. It consists of four systems of music. The first system begins with a piano (*pp*) dynamic marking. The piece features a variety of rhythmic patterns, including eighth and sixteenth notes, and rests. The second system includes a repeat sign with first and second endings. The third system continues the melodic and harmonic development. The fourth system concludes the piece with a *Fine.* marking. The score includes numerous fingering numbers (1-5) and accents throughout.

TRIO.

The first system of the Trio section is written in 3/4 time. The treble staff begins with a repeat sign and contains a melodic line with eighth and sixteenth notes, including a triplet of eighth notes. The bass staff starts with a dynamic marking of *p* and features a steady eighth-note accompaniment. Fingering numbers 1, 3, 4, and 3 are indicated for the right hand.

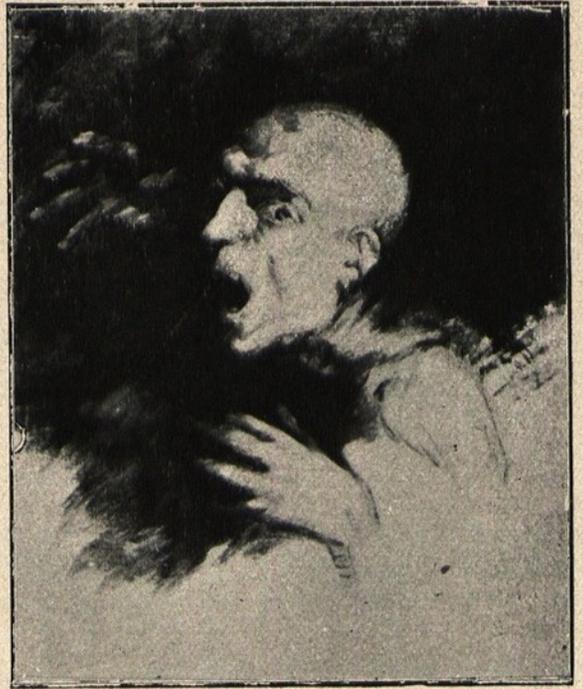
The second system continues the Trio section. The treble staff features several triplet markings over eighth notes. The bass staff maintains the eighth-note accompaniment with some chordal textures. The system concludes with a repeat sign.

The third system of the Trio section begins with a dynamic marking of *mf*. The treble staff has a melodic line with eighth notes and some slurs. The bass staff continues with a consistent eighth-note accompaniment.

The fourth system of the Trio section starts with a dynamic marking of *p*. The treble staff has a melodic line with eighth notes and slurs. The bass staff continues with the eighth-note accompaniment, including some triplet markings.

The fifth and final system of the Trio section on this page. The treble staff has a melodic line with eighth notes and slurs. The bass staff continues with the eighth-note accompaniment. The system concludes with a repeat sign.

D. C. al Fine



PINX GUILH (Sobre o soneto *Hybernal*) SANTA RITTA

Hybernal

Ao Sr. Eugénio Ré

Desadoro a tristeza e amo as invernias;
sinto-me bem no vil torpor d'uma espelunca
aonde estimo vêr o Andrajo, as Agonias
a rugirem, como eu, contra a dôr que nos trunca!

Detesto a primavera — esse tempo em que nunca
ha luctas colossaes de aereas felonias. —
A rajada é igual ao meu «spleen» — ella junca
o chão, de folhas, e elle a alma, de phobias.

O inverno é como um verbo audaz de cataclysmos.
Os nevoeiros são tédio, o relampago é odio:
Eu, que estimo no craneo a visão dos abysmos,

uno o meu odio ao odio physico do mundo,
gritando como grita um monstro quasimodeo
vindo da treva côr do mysterio profundo.

Santos Vieira.

AS GOTTAS CONCENTRADAS DE

FERRO BRAVAIS



São o mais eficaz
remedio contra

**DEBILIDADE, FALTA DE FORÇAS, ESGOTAMENTO
ANEMIA, CLOROSE, CORES PALLIDAS.**

Sem cheiro nem sabor o Ferro Bravais é recomendado por todos os Medicos do mundo
Não dá prisão de ventre. Não ennegrece os dentes. Dá em pouco tempo :

SAUDE - VIGOR - FORÇA - BELLEZA

Desconfiar das Imitações. — *Só se vende em Gottas e em Pilulas*

Em todas as Pharmacias ou Drogarias. **Deposito : 130, r. Lafayette, PARIS**

BAUME BENGUÉ

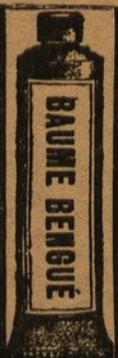
Cura Totalmente

RHEUMATISMO

~~~~~  
**GOTA**  
~~~~~

NEVRALGIAS

D^r BENGUÉ, 47, rue Blanche, Paris, e em todas as Pharmacias.



LOÇÃO DEQUEANT

CABELLO

BARBA

PESTANAS

SOBRANCELHAS

Unico producto scientifico apresentado na **Academia de Medicina de Paris** contra o microbio da Calvicie e todas as affecções do couro cabelludo
L. DEQUEANT, Pharmaceutico, 38, Rue Clignancourt, Paris.

Em LISBOA, 15, Rua dos Zapateiros, a quem deve-se
dirigir para todas as informações gratuitas.

A* VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DO PORTUGAL.

Em LISBOA, Rua dos Sapateiros, 15, 1.º, direito,
a quem devem dirigir-se para todas as informações gratuitas.

CH. DENIS. — Agent exclusif pour les annonces étrangères, **128, Faubourg Poissonnière — PARIS.**

As nossas capas de luxo

Com o n.º 48, completou este bello magazine portuguez — **Serões** — o 8.º volume da 2.ª serie.

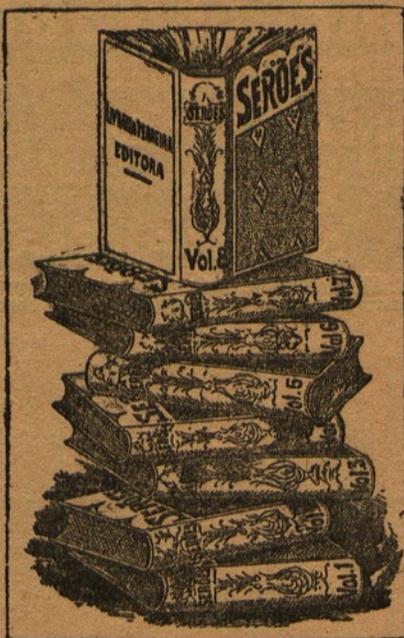
Os nossos estimaveis assignantes que desejarem utilizar-se das capas — de bello effeito em fundo de percalina vermelha a ouro e negro — pódem enviar-nos os 6 numeros para encadernar, juntamente com a importancia de 300 réis (custo da capa), 100 réis (de empaste) e 100 réis (de porte do correio), ou seja, tudo, **500 réis**, que dentro de cinco dias receberão o volume encadernado.

Os **Serões**, assim acabados, mais evidenciam ser a publicação, relativamente, mais barata que se faz entre nós.

Serões das Senhoras

Capas de luxo para a **SEPARATA** dos primeiros 7 volumes

CADA ENCADERNAÇÃO 400 RS.



Capas de luxo para a **SEPARATA** dos primeiros 7 volumes
CADA ENCADERNAÇÃO 400 RS.

Serões das Senhoras

NOTA. — O maço a remetter-nos deverá ser embrulhado em papel consistente, atado com cordel forte, para que os numeros não soffram com o transporte. O pacote, devidamente estampilhado com sello de 80 réis, deve ser dirigido á

Administração dos SERÕES

Praça dos Restauradores, 30 — LISBOA

OS BASTIDORES DO NIHILISMO

POR

MAX PEMBERTON

TRADUÇÃO DO INGLEZ DE

EDUARDO DE NORONHA

OBRA ILLUSTRADA COM 16 GRAVURAS

INDICE DOS CAPITULOS

Capitulos	Pags.	Capitulos	Pags.
I — Bruce Ingersoll principia a sua historia	7	XIX — Na praça de touros	255
II — Adeus a Cambridge	17	XX — O dr. Luthero James	27
III — Jehan Cavanagh	29	XXI — Barcelona	299
IV — A casa do Fen	41	XXII — No palacio da Ponte	321
V — As noticias do jornal	55	XXIII — As desconfianças de Paulina.	331
VI — O grito nocturno	65	XXIV — O regresso a Inglaterra	337
VII — A mulher e a creança	77	XXV — Fédoro	351
VIII — O destino de Cavanagh	93	XXVI — Um conhecimento	367
IX — Prospero de Blondel	105	XXVII — Jornada nocturna a Waterbeach	377
X — A festa do Corpo de Deus.	119	XXVIII — A dama do bosque	395
XI — A luz da janella	143	XXIX — Na bibliotheca	403
XII — Ainda Paulina Mamavieff	165	XXX — O barco	413
XIII — A prisão de Bruges	177	XXXI — Robiniof	429
XIV — A encarcerada	189	XXXII — A sua familia.	437
XV — A segunda intrevista	203	XXXIII — Paulina emmudece	447
XVI — Raiz e tronco.	217	XXXIV — O milagre	461
XVII — O homem de cabelo ruivo	229	XXXV — A memoria de Jehan Cavanagh	469
XVIII — O expresso de Vienna.	249		

PREÇO 500 RÉIS

À venda nas principaes livrarias

e no deposito, Livraria Ferreira, editora

132, Rua do Ouro, 138

LISBOA



O Cunha

ALMANACH HUMORISTICO
PARA 1910

À venda o 5.º volume

200 réis

Collaboração inédita em prosa e verso de **Alves Barbosa,**
Amadeu Salles, Arnaldo de Lacerda, Arnaldo Leite, Augusto Veras,
D. Branca de Gonta Collaço, P.º Daniel da Cruz,
El-Mano, Humberto Beça, Julio Moutinho, Manuel de Moura,
D. Maria do Carmo Peixoto, Maximiano Ricca, Oliveira Passos,
Rangel de Quadros, Raul Tamagnini, Vidal Oudinot, visconde de Villa-Moura
e de muitos outros escriptores consagrados

Caricaturas e desenhos do **dr. Manuel Monterroso, Amarelhe,**
dr. Virgilio Ferreira, Emmanuel Ribeiro, Alberto Meira, Marques Abreu,
F. Alves Mendes, Jorge Collaço,
Julio Nogueira e dr. José Moreira de Carvalho

MAGNIFICAS GRAVURAS = EDIÇÃO ELEGANTE

Publica um interessante artigo do ex.º sr. Visconde de Villa-Moura,
intitulado

Coimbra do meu tempo

com gravura representando o curso do 5.º anno de Direito de 1899-900.

CALENDARIO HISTORICO — UMA VALSA

ESCRITORIO

Rua da Victoria, 33-A — PORTO

Agente em S. Paulo: AURELIO MACHADO — Caixa 630